

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - UFGD
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA – FAIND
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE - PPGET

ALESSANDRA MORAIS SILVA

**SAÚDE SEMPRE ESTÁ EM PAUTA: níveis de consciência de famílias do
Assentamento 17 de Abril - Nova Andradina/MS - sobre agrotóxicos,
medicamentos, remédios e alimentos.**

DOURADOS-MS

JANEIRO-2022

ALESSANDRA MORAIS SILVA

SAÚDE SEMPRE ESTÁ EM PAUTA: níveis de consciência de famílias do Assentamento 17 de Abril - Nova Andradina/MS - sobre agrotóxicos, medicamentos, remédios e alimentos.

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa Pós-Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados para a obtenção do título de Mestre em Educação e Territorialidade.

Orientadora: Profa. Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki, Dra.

Dourados, MS

Janeiro de 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586s	<p>Silva, Alessandra Morais.</p> <p>Saúde sempre está em pauta: níveis de consciência de famílias do assentamento 17 de Abril – Nova Andradina – sobre agrotóxicos, medicamentos, remédios e alimentos. / Alessandra Morais Silva. – Dourados, MS: UFGD, 2022.</p> <p>Orientadora: Prof. Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Agrotóxicos. 2. MST. 3. Saúde. 4. Educação do campo. 5. Paulo Freire. I. Título.</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.

©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica...



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA –FAIND
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
TERRITORIALIDADE



ALESSANDRA MORAIS SILVA

SAÚDE SEMPRE ESTÁ EM PAUTA: níveis de consciência de famílias do Assentamento 17 de Abril – Nova Andradina/MS – sobre agrotóxicos, medicamentos, remédios e alimentos.

Esta dissertação foi julgada e aprovada pela presente banca examinadora para a obtenção do título de Mestre em Educação e Territorialidade pela Faculdade Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados.

Dourados, 28 de janeiro de 2022.

Prof. Dr. Eliel Benites
Diretor da Faculdade Intercultural Indígena/FAIND

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª. Dr.ª. Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki
Orientadora/PPGET/UFGD

Prof. Dr. Danilo Sheithi Kato
Membro externo/ PPED/UFTM

Prof. Dr. Daniel Valério Martins
Membro Interno /PPGET/UFGD

Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade
(67) 3410-2626/2627 - E-mail: faind.ppgget@ufgd.edu.br
Rodovia Dourados/Itahum, km 12 – Cidade Universitária – CEP: 79804-970 – Dourados/MS

Dedicatória

Ao MST, a família, a orientação acadêmica, as famílias entrevistadas do Assentamento 17 de Abril, às professoras/es, às trabalhadoras/es da UFGD em especial da FAIND, amigas/os do MST, ao CEEPATEC, à 1ª Turma de Mestrado da FAIND, 2ª Turma de Mestrado da FAIND, 3ª Turma de Mestrado da FAIND e as posteriores. Em circunstâncias respeitosas à memória de Helloá Glésia, Xandão, Daltinho, Val e demais seres humanos que dedicaram sua vida à povos oprimidos. E imprescindivelmente aos animais, as plantas, a natureza como um todo, que permitem nossa existência.

AGRADECIMENTOS

Se eu pudesse deixar algum presente a você,
deixaria aceso o sentimento de amar a vida dos seres humanos.
A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo a fora.
Lembraria os erros que foram cometidos para que não mais se repetissem.
A capacidade de escolher novos rumos.
Deixaria para você se pudesse,
o respeito àquilo que é indispensável:
Além do pão, o trabalho.
Além do trabalho, a ação.
E, quando tudo mais faltasse, um segredo:
O de buscar no interior de si mesmo,
a resposta e a força para encontrar a saída.

Mahatma Ghandi

Resumo

O objetivo desta pesquisa é identificar o nível de consciência (crítica ou ingênua) de famílias que residem no Assentamento 17 de abril, sobre os processos de produção de saúde e doença, tendo em vista o uso de agrotóxicos, remédios, medicamentos e outros aspectos que podem surgir. Essa pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2021, no Assentamento 17 de Abril, município de Nova Andradina, Estado de Mato Grosso do Sul. A forma de uso do instrumento de coleta de dados foi construída mediante convivência e as práticas observadas pela pesquisadora no campo de pesquisa, na qual também é residente. As pesquisas de cunho autoetnográfico tem apresentado grande importância na área das Ciências Sociais, surgindo enquanto um campo no qual se destaca o entendimento que os atores sociais possuem em relação à realidade que os cerca. A escolha das famílias foi por proximidade geográfica, convivência e por terem uma vivência mais assídua no processo de luta. Para a realização da pesquisa foi desenvolvido um questionário com 24 perguntas para orientar as entrevistas. Os resultados da pesquisa apontam que as famílias assentadas apresentam uma consciência crítica quanto aos processos de saúde e doença. Existe uma compreensão crítica transitiva quanto ao conceito de agrotóxico. Com relação ao conceito de remédio e medicamento identificamos um nível de consciência ingênua. Diante dos dados apontamos a necessidade de desvelar criticamente esses conceitos envolvendo remédio e medicamentos, agrotóxicos, inseticidas e defensivos agrícolas com assentados, Para poder promover projetos políticos envolvendo a produção de alimento, a saúde no campo e a educação escolar no e do campo. Concluimos que o processo de saúde está relacionado com a conquista da terra. Também observamos que o MST, no processo de luta pela terra, organiza os projetos políticos, econômicos e sociais visando a participação e benefício do coletivo. E por último, apontamos que a escola no e do campo é um braço forte do MST, assim, os conteúdos a serem trabalhados na escola precisam dialogar com as contradições sociais presentes no assentamento para formação de seres humanos, ou seja, para formação de sujeitos mais críticos.

Palavras-chave: agrotóxico, MST, saúde, educação do campo, Paulo Freire.

Abstract

The objective of this research is to identify the level of awareness (critical or naive) about the production processes of health and disease, pesticides, insecticides, medicines and remedy of families residing in the 17 de Abril settlement. This research was carried out in the first half of 2021, in the 17 de Abril settlement, municipality of Nova Andradina, State of Mato Grosso do Sul. The way of using the data collection instrument was built through coexistence and the practices observed by the researcher in the field of research, which she is also a resident. The choice of the families was based on geographic proximity, coexistence and for having a more assiduous experience in the organizational fight process. To carry out the research, a questionnaire with 24 questions was developed to guide the interviews. The research results indicate that the settled families present a critical conscience regarding the processes of health and illness. There is a transitive critical understanding of the concept of pesticides. Regarding the concept of remedy and medication, we identified a level of naive consciousness. In view of the data, we point out the need to critically unveil these concepts involving medicine and remedy, pesticides, insecticides and agricultural pesticides with settlers, so that they can propose and promote political projects involving food production, health in the countryside and school education in and of the field. We conclude that the health process is related to the conquest of the land. We also observed that the MST, in the process of fighting for land, organizes political, economic and social projects aiming at the participation and benefit of the collective. And finally, we point out that the school in and of the countryside is a strong arm of the MST, so the contents to be worked on in the school need to dialogue with the social contradictions present in the settlement for the formation of human rights, that is, for the formation of subjects be more critical.

Keywords: pesticide, MST, health, countryside education, Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
METODOLOGIA DA PESQUISA	15
CONTEXTO DA PESQUISA	19
1. A SAÚDE SEMPRE ESTÁ EM PAUTA	26
1.1 Direito à saúde	38
2. A LUTA POR TERRAS NO MATO GROSSO DO SUL: por uma vida saudável.....	46
2.1 “Agrotóxicos presente, presente, presente”!	53
3. MST: OUTRAS ATITUDES SÃO POSSÍVEIS NA AGRICULTURA	57
3.1. Resumo Histórico do Assentamento 17 de Abril.....	58
3.1.1. Reforma agrária em Nova Andradina: Luta e resistência.....	60
3.1.2. Assentamento 17 de Abril.....	62
3.1.3. Características produtivas do Assentamento.....	69
3.1.4. Reflexões sobre a saúde e a doença no Assentamento 17 de Abril.....	70
4. EDUCAÇÃO POPULAR NO CAMPO: ante ao avanço do agronegócio no MS.....	74
4.1. "Escolinha" 17 de abril: educação para que e para quem?.....	78
4.2. Uma conquista coletiva e um destino decidido por um indivíduo.....	83
4.3. O papel da educação popular na organização e na vida das famílias	85
6. RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
BIBLIOGRAFIA.....	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	47
Figura 2.....	48
Figura 3.....	60
Figura 4.....	91
Figura 5.....	96
Figura 6.....	98
Figura 7.....	99
Figura 8.....	102
Figura 9.....	104
Figura 10.....	105
Figura 11.....	107
Figura 12.....	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	14
Quadro 2.....	42
Quadro 3	50

INTRODUÇÃO

A pesquisa discorre sobre como a ciência do agronegócio é primordial para a sustentação e legitimação das políticas de dependência criadas pelas indústrias farmacêutica e dos agrotóxicos. Para isso é necessário que abordemos os conteúdos de saúde e doença, bem como a inversão do real papel da ciência, "padronizada" pelo sistema capitalista. E outro fator importante a discutir é como vem se construindo ao longo dos anos uma ciência contra-hegemônica através da educação popular, fundamentando a ciência com "valor de uso", através da prática dos conhecimentos populares.

Um papel importante da educação popular é colaborar para multiplicar e sistematizar tais práticas. Causa essa que se identifica com a pesquisa sobre a "**A SAÚDE SEMPRE ESTÁ EM PAUTA: desvelando os níveis de consciência das famílias do Assentamento 17 de Abril sobre os agrotóxicos, os remédios e os medicamentos**" que ocorre no município de Nova Andradina Mato Grosso do Sul (MS). No assentamento citado são 507 famílias ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Apesar da pesquisa ser direcionada a agricultura, mais especificamente a pecuária, ou seja animais domesticados, a seguinte pesquisa chama a atenção com relação aos achados das amostras de animais não domesticados, que vivem "livres no Meio Ambiente". Meio Ambiente esse, que é compartilhado em meio as contradições da exploração capitalista, onde o ser humano "é livre para contaminar", principalmente no Brasil, que é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo.

Segundo essa pesquisa realizada em animais do Mato Grosso do Sul, no caso a Anta, pelo instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), foram encontrados resíduos químicos nas amostras coletadas conforme indica os autores do artigo;

Entre setembro de 2015 e maio de 2017, foram coletadas 242 amostras biológicas procedentes de 29 antas capturadas e de 87 carcaças de antas atropeladas em rodovias do estado do Mato Grosso do Sul para detecção de resíduos de agrotóxicos e metais pesados. Os exames de toxicologia detectaram a presença de resíduos de 13 diferentes substâncias, em 41% das amostras avaliadas. De acordo com os órgãos governamentais reguladores, todas são consideradas de elevada toxicidade (classificação toxicológica I ou II) e são perigosas ao meio ambiente. Entre elas, foi encontrado um produto de uso proibido no Brasil (ALDICARB), em elevada concentração e alta prevalência relativa (IPÊ, 2018, p.45).

A pesquisa chama atenção por ser próxima do campo de pesquisa da dissertação proposta nesse momento. Já que a coleta das amostras foi da Anta, animal este que apesar de ser considerado "selvagem" vive muito próximo dos assentamentos rurais, geralmente nas reservas legais que fazem divisa com lote dos assentados e como cita a pesquisa, em beira de rodovias, onde são encontradas geralmente mortas. É alarmante ou deveria ser pelo menos saber que esses animais estão contaminados, imagina os bovinos de produção (carne ou leite), que são expostos diretamente com pulverizações, contato próximo a lavouras, águas e solo contaminados.

A pulverização aérea é o método de aplicação de agrotóxicos mais utilizada na região avaliada. Esta metodologia está principalmente relacionada às lavouras de cana-de-açúcar, e as principais substâncias aspergidas por esta técnica são os inseticidas. Informações procedentes de entrevistas informais realizadas com membros da comunidade local demonstraram que diversos problemas de saúde pública, animal e ambiental já foram relacionados à pulverização aérea de agrotóxicos. A maior frequência de queixas registradas junto ao Tribunal de Justiça do MS é relacionada à deriva de produtos agrícolas aspergidos e consequente perda de lavouras vizinhas. Casos de intoxicação no Estado do MS estão principalmente relacionados à exposição aos agrotóxicos inseticidas (IPÊ, 2018, p.50).

Os assentamentos no Mato Grosso do Sul se encontram inseridos em diferentes contextos de desigualdade social, principalmente porque a maioria são comunidades de baixa renda. Neste sentido, evidenciamos que apesar do impacto que a indústria farmacêutica e/ou dos agrotóxicos causam no orçamento financeiro dessas famílias, não foram alvo da pesquisa. No entanto, as entrevistadas declaram que os medicamentos e agrotóxicos veterinários não são acessíveis economicamente, no entanto, são responsáveis por boa parte do orçamento mensal das pessoas que vivem no campo.

De acordo com IPÊ (2018, p. 27), foi observado que pessoas ligadas a grupos urbanos e rurais que participaram da entrevista, expressam conhecimento mínimo sobre o uso de agroquímicos nas plantações, no entanto são preocupados com as aplicações aéreas de agrotóxicos. Outra questão que relatada é tanto a utilização desses "defensivos agrícolas" acima das doses recomendadas, o que gera resistência a longo prazo, bem como o esbanjamento de produtos químicos perigosos que eleva consideravelmente a contaminação ambiental.

Na pesquisa proposta identificou-se profundamente com a abordagem do IPÊ (2018), pois como é percebido que o campo de referência é praticamente o mesmo, a terra habitada por seres vivos necessários a vida humana. A comunidade a ser investigada é o cenário que

forma o ambiente em que vivem vários seres, desde os invisíveis até animais domésticos e selvagens, plantas exóticas e nativas e seres humanos. No entanto, essa abordagem passará por aspectos sociais, sem ênfase em pesquisas que comprovem presença dessas substâncias químicas em tecidos animais, vegetais ou solo.

Diante do que foi apresentado, é importante investigar o dilema dessas famílias: como as pessoas percebem a cultura do agronegócio que engendra o uso de agrotóxicos como uma solução sem impactos ao meio ambiente? E em contrapartida como é a forma de resistência das famílias, tanto coletiva, como de maneira individualizada? Há acesso e ações de políticas públicas no local? Há ação por parte de órgãos públicos para informar e orientar as famílias sobre o assunto?

O objetivo desta pesquisa de campo é identificar qual é o nível de consciência (crítica ou ingênua) dos assentados sobre os processos de produção de saúde e doença envolvendo os conceitos agrotóxico, insumos agrícolas, inseticidas, remédios e medicamentos.

Pois compreendemos que o processo de produção de saúde e doença depende de projetos envolvendo políticas públicas. Políticas essas que apoiam a agricultura familiar; que promovam a reforma agrária; desenvolvimentos de créditos no Banco para novos cursos de formação envolvendo a agroecologia; fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e fortalecimento de políticas públicas para fortalecimento e expansão da Educação do Campo, bem como fortalecimento das Licenciaturas da Educação do Campo.

A METODOLOGIA DA PESQUISA é apresentada incipiente, com o intuito de que o/a leitor/a tenha uma abordagem de quais os caminhos trilhados durante a pesquisa, antes de adentrar no assunto, bem como são citadas em um quadro as perguntas que conduziram a pesquisa.

Posteriormente vem O CONTEXTO DA PESQUISA, que visa situar o/a leitor/a enquanto localização territorial e também no aspecto sociocultural e econômico. Também é apresentado um resumo do perfil de cada família entrevistada.

No Capítulo 1, A SAÚDE SEMPRE ESTÁ EM PAUTA buscaremos debater através do diálogo entre autores tanto o entendimento e opiniões sobre os conceitos de saúde e doença; e como estas ideias são construídas socialmente e introduzidas no meio em que vivemos. São várias as compreensões, no entanto levamos em consideração as convergências e também as divergências, analisando principalmente os conceitos que perduram em meio a nossa vida social e a quem isso interessa.

No Capítulo 2, TERRAS DO MATO GROSSO DO SUL: a luta por direito à um território de vida saudável, com o intuito de abordar como é imposta a chegada agressiva dos medicamentos e dos agrotóxicos nas vidas pessoas e principalmente para quem vive nas áreas rurais. Violência essa praticada pelo projeto neoliberal do sistema capitalista através do agronegócio. Buscamos o entendimento de porque é ofuscado o interesse das grandes empresas que necessitam de consumidores doentes para garantir o lucro, já que a saúde e a doença são vistas como mercadorias.

Com relação ao Capítulo 3, MST: OUTRAS ATITUDES SÃO POSSÍVEIS NA AGRICULTURA, é feito um resumo resgate histórico do processo de luta das famílias do atual assentamento, desde a época de acampamento. Também é trabalhado um pouco das questões de organicidade interna e externa da qual as famílias fizeram parte em todo o decorrer da luta e nos dias atuais.

No capítulo 4 será abordado o tema “EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DO CAMPO EM MEIO AO AVANÇO DO AGRONEGÓCIO”. Com o intuito de correlacionar como esse debate ocorre em meio a formação de consciência informal¹ e formal². A presença da educação do campo nos assentamentos se propõe como forma de contraposição ao modelo impositivo do agronegócio, especificamente nas escolas rurais, com a adoção dos materiais do agrinho para ensino escolar.

Como METODOLOGIA DE PESQUISA, para subsidiar a construção da dissertação temos a pretensão de investigar, analisar e construir uma reflexão crítica em meio ao cotidiano das famílias do assentamento 17 de Abril. As famílias a serem entrevistadas pertencem a comunidade Terra Viva (nº 03), Santa Rosa (nº 04) e Boa Sorte (nº 06), como o assentamento é grande, essas comunidades são mais próximas.

Nos RESULTADOS DA PESQUISA, ainda foi evidenciado, como as famílias percebem a invasão dos medicamentos e agrotóxicos no cotidiano de suas vidas. Isso é percebido ou não? As intoxicações são comprovadas? As sequelas são percebidas? Por que um tipo de indústria seduz tão facilmente os consumidores, mesmo sendo produtos com riscos de causarem doenças?

1 Quando formação de consciência acontece no ambiente da sociedade cível organizada (movimentos sociais, entidades, organizações sociais).

2 Quando formação de consciência acontece DENTRO do contexto de intuições (como escola, igreja, estado).

Essas e outras indagações surgiram, com o intuito de analisar as percepções das famílias de um modo geral, de como se dá a pauta da saúde no cotidiano das famílias, levando em conta que a construção será de forma coletiva e de acordo com a realidade local.

Nas Considerações finais apresentamos as ideias e/ou concepções dos assentados e as possíveis ações na educação escolar no/do campo para formação de sujeitos com consciência crítica sobre as contradições sociais que os mesmos experenciam em seus territórios.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa tem caráter qualitativo quanto a sua natureza. Os sujeitos, cujas concepções foram analisadas, são pertencentes a 10 famílias, com faixa etária de 18 a 64 anos. Todos foram acampados durante 7 anos e estão assentados há catorze anos. Como esses próprios se definem “nós somos desde o início”, quando falam isso querem dizer que não são compradores, “participamos das lutas”.

Essa pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2021, assentamento 17 de Abril, município de Nova Andradina, Estado de Mato Grosso do Sul. A forma de uso do instrumento de coleta de dados foi construída mediante convivência e as práticas observadas pela pesquisadora no campo de pesquisa, na qual também é residente. A escolha das famílias foi por proximidade geográfica, convivência e por terem uma vivência mais assídua no processo de luta.

Para realização da pesquisa foi desenvolvido um questionário com 24 perguntas, que fora utilizada como forma de fomentar o debate e adquirir os dados relevantes para o tema. As entrevistas foram gravadas através de aplicativo de celular (da pesquisadora), as gravações foram feitas devidamente autorizadas pelas famílias entrevistadas. As questões desse questionário são apresentadas no quadro 05.

Quadro 05: É apresentada as questões que foram utilizadas fomentadoras durante a entrevista.

QUESTIONÁRIO REALIZADO COM AS FAMÍLIAS ASSENTADAS	
1	O que é saúde para você? Dê exemplos: saúde
2	O que é doença pra você? Dê exemplos: doença
3	Seu pai, sua mãe e seus avós quando viam que não estavam muito bem de saúde o que eles faziam?
4	A família de vocês sempre foi do campo? E como eram os cuidados para se manterem sempre saudáveis?
5	Ninguém quer ficar doente. Precisamos estar bem para trabalharmos, nesse sentido, como você e sua família, como vocês têm se cuidado para não adoecerem?
6	Aqui, nesse assentamento, você sente que tem um acesso a saúde? Por quê?

7	Tem gente que gosta de viver na cidade, outras no campo. E você? Gosta da vida no campo?
8	Tem gente que gosta de viver na cidade, outras no campo. E você? Gosta da vida no campo?
9	Desse monte de coisas que vou dizer (agrotóxico, agroquímico, inseticida, remédio e medicamento) você diria que é a mesma coisa, ou uma parte e a mesma coisa, e outra parte é diferente?
10	Á água que você e sua família consomem para fazer comida e para beber vem de onde? É água boa?
11	Quais alimentos vocês mais consomem em casa? Vocês plantam ou compram? Esses alimentos (no caso de vegetais) vocês preparam de que jeito?
12	Tem alguma planta medicinal em seu sítio? Quais são essas plantas? Vocês usam para quê?
13	Alguém da sua família, ou você, já usaram remédios não tradicionais? Qual é o remédio que usa com mais frequência? Faz tempo que você ou seu parente utiliza?
14	Quais os tipos de medicamentos comprados na farmácia que você mais utiliza em casa? Usam muito desse remédio? Resolve o problema?
15	Vocês vão também nas lojas de veterinária, né? E lá vocês compram o quê, de medicamento? Resolve o problema ou as vezes voltam para comprar remédios diferentes?
16	Quando vocês tomam um remédio? Quem orienta ou como vocês preparam a medicação para tomarem? Médico? Farmacêutico ou vocês leem a bula?
17	Com relação aos animais, vocês preparam as doses de acordo com as orientações dos amigos, do veterinário, do atendente da loja ou olham a bula?
18	Você ou algum animal aqui do sítio já tiveram algum problema com remédios? Já passaram mal, ou, os animais já passaram mal aplicando algum medicamento? Como foi isso? Buscaram ajuda? Onde?
19	Aqui vocês são cerca de 1239 famílias no assentamento, por que você acha que não é disponibilizado agentes de saúde e médicos aqui dentro?
20	O momento é difícil em nível mundial, a saúde está em pauta, como vocês percebem este cenário? O que você pensa sobre o surgimento do Corona vírus e outras doenças ultimamente?
21	Com relação as soluções apresentadas para minimizar o contágio do corona vírus, vocês acham que é suficiente?
22	Quem são os responsáveis para apresentarem soluções sobre a questão do corona vírus e outras doenças na sua opinião?
23	Neste cenário de pandemia, há pesquisadores do mundo inteiro em busca da cura ou imunização contra o vírus, o que você pensa sobre isso? Você confia nos resultados?

Fonte: Elaborada pela pesquisadora sob orientação da orientadora

Todas as pessoas entrevistadas foram extremamente solícitas, boa parte estiveram bem à vontade e não inibidos pela tecnologia. Mas das dez famílias duas se sentiram mais inibidas quando ligado o celular, mesmo tendo autorizado a gravação, um disse “*eita travei sumiu tudo da minha mente*”, mas quis concluir no mesmo dia a entrevista. Essa parte foi concluída com sucesso, da forma desejada.

O processo de transcrição foi trabalhoso e demorado, foi utilizado em algumas entrevistas aplicativos de transcrição, mas não deu muito certo devido a qualidade da gravação. Então a maioria das entrevistas foram feitas de forma tradicional, ouvindo e transcrevendo/digitalizando. Com relação qualidade deficiente das gravações, acredita-se que foi tanto pelo aparelho celular usado ser antigo, quanto aos ambientes serem abertos (devido aos protocolos de segurança da COVID 19) apesar do aparelho ficar perto. No entanto, o resultado das gravações foi dentro do esperado.

As famílias foram convidadas a responderem às perguntas no decorrer ainda do segundo semestre de 2020. No entanto, devido a pandemia da covid-19, só foi possível a realização das entrevistas no primeiro semestre de 2021. Inicialmente pensamos em fazer as entrevistas de forma não presencial, mas no entanto, é possível observar que o território rural, principalmente as pequenas propriedades, há uma prevalência da exclusão do acesso das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação (TDICs).

A comunidade abordada também faz parte desse cenário de exclusão, assim como outros brasileiros. Diante disso, as entrevistas foram de forma presencial. Sendo assim, apenas uma família respondeu ao questionário via *WhatsApp*, as demais foram presencialmente.

As visitas foram realizadas nos sítios dos assentados para realização da pesquisa conforme as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) como: 1. utilização de máscaras por todos os participantes, mantendo o distanciamento de 2 metros; 2. disponibilização de álcool em gel para higienização das mãos e superfícies; 3. realização da entrevista em espaços abertos ou com boa circulação de ar; 4. mobilização com o mínimo de pessoas possíveis.

A partir das respostas dos participantes, foi realizada a Análise Textual Discursiva (ATD) exposta por Moraes e Galiazzi (2013). De acordo com os autores do método, a partir de três etapas, emerge a análise de unidades textuais, que são: **a unitarização**, descrita como

a desconstrução e o reagrupamento dos textos em unidades de significado; **a categorização**, que produz a reorganização dos dados, mostra a semelhança em unidades maiores e constituem **as categorias**, que foram apresentadas em quadros de análise nos RESULTADOS DA PESQUISA;

Essa reorganização dos dados, bem como a citação de fragmentos das entrevistas nos quadros se tornam imprescindíveis para que visualmente pudéssemos perceber parte da essência do diálogo. Já a oralidade em *locus* carregada de sentimentos, olhares, tonalidade de vozes, dentro outros é mais difícil de transformadas em linguagem escrita.

E por fim, a comunicação, responsável em elaborar os metatextos, os fragmentos das respostas em que são apresentadas as construções do autor a respeito dos elementos textuais analisados.

Nesse sentido, o trabalho da análise dos dados ocorreu em: 1) obter as respostas das famílias a partir da aplicação do questionário, 2) proceder a unitarização das respostas, a fim de que em meio ao grande montante de excertos, pudesse haver o desmembramento das concepções dos envolvidos na pesquisa às perguntas, 3) proceder a leitura do grande texto e identificar a partir da similaridade, o agrupamento de concepções semelhantes e conflitantes a respeito de um mesmo ponto de vista, fazendo emergir as categorias, e 4) apontar os metatextos de acordo com cada categoria, a fim de apresentarmos compreensões de saúde e doença e os níveis de consciência ingênua ou crítica sobre os agrotóxico, os medicamentos, os remédios e produção de alimentos saudáveis.

As pessoas entrevistadas preferiram ser identificadas por Família sob o argumento que representariam a todas/os os membros da casa ao dialogarem com a pesquisadora. Outro fator é que diziam se sentir mais à vontade de falar se não fosse usado seus nomes. As famílias estão representadas pelas respectivas siglas: Família 1 (F1); Família 2 (F2) e assim sucessivamente.

CONTEXTO DA PESQUISA

Essa pesquisa veio se desvelando como um desafio desde seu início. Finalizá-la foi uma conquista ainda maior, pois a caminhada não fiz sozinha. Fiz com a família, turmas de estudos acadêmicos, companheiras e companheiros de luta, amigos e amigas da vida. A trajetória de vida militante ajudou muito. As práticas socioculturais, políticas e profissionais me trouxeram interesse pela pesquisa acadêmica. A participação de uma organização social como a do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, (MST), não somente criou possibilidades, mas apontou e nos fez refletir sobre nossas intervenções de cunho sociopolítico.

Oriunda de família pobre e humilde, que vive em meios "aos dilemas da humanidade", a terra sempre foi a referência de nossas famílias, seja por trabalhos escravos ou contratados, arrendamento, compra ou aquisição desse bem (terra) que deveria ser um valor de uso em nossas vidas. Praticamente nasci e me criei na terra, porém sempre na terra dos outros, como dizia "meu pai". Meu pai, um homem trabalhador, que morreu sem realizar o sonho de ter um canto para plantar, colher, viver.

Início o primeiro parágrafo falando do MST porque considero que passei a existir perante a sociedade, a partir do momento que iniciei a militância no Movimento dos Sem Terras como muitos dizem. No mundo capitalista, onde o individualismo impera, só conseguimos buscar e lutar pela nossa existência coletivamente. Foi assim que adquirimos não apenas um pedaço de terra, mas principalmente toda uma forma de consciência política.

No entanto essa consciência só se faz com a participação militante, principalmente dos cursos de formação política, pois isso não basta é preciso também saber a qual classe pertencemos. A luta em classe trabalhadora e a classe burguesa perdura por anos em vários cenários conduzidos sumariamente pela classe dominante (burguesia, elite) sendo que a acadêmica vem para contribuir, e que possamos disseminar essa busca por novos conceitos de existência humana.

Tentei por cerca de cinco anos viver na cidade grande e tentar um futuro melhor, no caso, São Paulo capital, mas lá não era o meu lugar. A selva de pedras formada pelos próprios seres humanos, escraviza, enfeitiça e ilude a viver em nome do capital. Felizmente não me encaixei nesse quadrado, em meados do ano 2001, foi quando surgiu a oportunidade de regresso as origens da terra, o Acampamento 17 de Abril (MST), aí veio o recomeço, com oportunidade coletiva de construção.

Atuando no MST na área do setor de Cultura e um pouco no setor de saúde (o MST é dividido em setores), motivou através de minhas vivências práticas e reflexões a estudar, mesmo sem estar em uma escola ou universidade. Pois em nossa sociedade, nós da classe trabalhadora somos induzidos a acreditar que não somos capazes de obter conhecimentos através da disciplina de estudos, somos moldados para não gostar de estudar. Mas com a participação em uma organização social isso mudou em minha e em outras vidas, pois o MST não luta só por terras, luta por vida digna, e isso incluiu o acesso ao conhecimento.

Sempre me interessei pela área da saúde, dos animais, dos humanos e das plantas, mas também pelo meio em que vivem. Minha vida acadêmica seguiu o cunho social através da graduação em Ciências Sociais-UFGD da área de humanas e posteriormente a Medicina Veterinária-UFPel da área de ciências biológicas. Apesar de muitos duvidarem da conexão das duas faculdades, dizendo *"uma área não tem nada a ver com a outra"*, penso que para entender os animais tem primeiro que entender que ser social que é o humano.

O tema de medicinas alternativas/complementares, como a homeopatia, fitoterapia, auto-hemoterapia, entre outras é justamente para contrapor um outro tema que se manifesta praticamente em todas as áreas rurais. Toda via me dedicarei investigar, nas pequenas propriedades rurais, especificamente nos assentamentos sobre saúde sempre estar em pauta no Assentamento 17 de Abril, através de práticas e questionamentos em relação a presença de agrotóxicos, remédios, medicamentos e produção não só de alimentos, mas de uma vida saudável no campo.

Outras temáticas como a intoxicação (curta, média e longo prazo) medicamentosa e por agrotóxicos, tanto de animais como de humanos serão abordadas com o intuito de construção de debates, reflexões de outras alternativas à comunidade. A vida acadêmica hoje, contribui para que possamos, através de abordagens de campo, mapear, sistematizar e veicular outros conhecimentos e práticas populares que possam auxiliar os agricultores sem que sofram algum nível de intoxicação.

A Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), através da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND), vem proporcionando a possibilidade de desenvolvimento de pesquisa que visa ressaltar os saberes tradicionais como meio para enfrentamento de problemas no campo. Tendo em vista, que o projeto político pedagógico (PPP), antigo termo³,

3 O termo 'Político' foi removido dos documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC) no início do atual governo. Por isso, à luz das novas normativas, o tradicional PPP agora é PP.

que hoje é apenas PP (Projeto Pedagógico) da FAIND tem como princípio ofertar oportunidades especificamente aos Indígenas, Assentados, Quilombolas, enfim aos POVOS DA TERRA⁴.

Muitos eventos me motivaram a desenvolver essa pesquisa, mas agora, percebo que está é mais urgente do que nunca, a pandemia da COVID-19 cria um cenário que é resultado de projetos políticos neoliberais que invadem e destroem Biomas⁵ por visarem o lucro imediato. Tendo em vista que o imposto à consciência humana é que o “Coronavírus é o vilão”, como se a destruição ambiental causada pelo uso desenfreado dos bens da natureza (da qual somos parte) como mercadoria não impactassem a saúde.

Como se o uso abusivo/absurdo de agrotóxicos não causasse impacto algum; como se o desmatamento dos biomas se resolvesse com as “florestas verdes”; como se o problema da fome se resolvesse com ações do agronegócio “que é pop”; como se fosse possível melhorar a “imunidade” da população pobre de um país com a tamanha “desigualdade social”. Em meio a esse cenário não só a reflexão deve ser cotidiana, a saúde e a doença são um negócio e são tratadas como mercadoria. Em um país onde cada vez mais o Sistema Único de Saúde (SUS) vem sendo sucateado, desmoralizado propositalmente com auxílio da mídia, é preciso pensar o porquê, ou seja, se esta não é uma estratégia para induzir à população a aceitarem acriticamente a privatização da saúde.

A reflexão pode ser feita através das ações em nosso município, o assentamento onde ocorre a pesquisa tem mais de 1100 famílias assentadas, assim como elas próprias afirmam não existe escola, posto de saúde e nem agente de saúde. Dia 6 de maio de 2021, é publicada uma matéria sobre mais uma empresa que negocia saúde se instala no município exaltando a seguinte frase: “O Cartão Amena oferece um excelente custo-benefício para cuidar bem da saúde e bem-estar, sendo a solução indicada para quem não quer depender do SUS (Sistema Único de Saúde)”. Mas e quem não quer ou não pode pagar um plano de saúde?

4 Entendemos como povos da terra, pessoas que realmente tem o vínculo com a terra e que fazem parte da classe trabalhadora e que luta pela terra.

5 Bioma é um conjunto de vida vegetal e animal, constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação que são próximos e que podem ser identificados em nível regional, com condições de geologia e clima semelhantes e que, historicamente, sofreram os mesmos processos de formação da paisagem, resultando em uma diversidade de flora e fauna própria (<https://educa.ibge.gov.br/>).

Desta forma, a indignação me convoca a pesquisa que tem como objetivo investigar quais são os níveis de consciência das famílias assentadas sobre os agrotóxicos, remédios, medicamentos e produção de alimentos e vida saudável. A hipótese é que os trabalhadores rurais estão tratando como sinônimos agrotóxicos, remédios e medicamentos no campo. E essa falta de compreensão pode estar desencadeando a intoxicação nos animais domésticos e no próprio ser humano. Poderemos averiguar a percepção e impressão a essa hipótese na página no gráfico localizado na página 104.

No contexto apresentado, foram “selecionadas” famílias a serem entrevistadas para o desenvolvimento da abordagem e produção coletiva da dissertação. A pesquisa se dá em um território denominado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) por “Assentamento Teijin”, no entanto, territorial e culturalmente as famílias declaram ser dividido em Assentamento da FETAGRI (639 famílias) e Assentamento 17 de Abril do MST (507 famílias).

Sendo assim, as dez famílias entrevistadas são residentes e domiciliadas no Assentamento 17 de Abril/MST – Nova Andradina/MS. Todas as pessoas participantes da pesquisa estão nesse território de luta desde o início, ainda na época de acampamento (1999). No quadro 1 a seguir podemos ter uma ideia de como é a inserção dessas famílias nesse território;

Quadro 01: Apresenta um resumo de informações visando contribuir na construção do perfil do/a entrevistado/a.

RESUMO DE INFORMAÇÕES SOBRE AS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS	
Ident.	Contexto de vida
Família 1	O entrevistado sempre foi do campo, se designa como camponês, A família do entrevistado é composta por 5 pessoas, sendo o pai a mãe e 3 filhas (2 jovens e uma criança). O Casal se conheceu no acampamento 17 de Abril, nesse contexto de luta, o mesmo militou assiduamente no MST no Setor de Cultura, sua companheira no setor de Frente de Massa e Setor de Cultura, sempre participaram dos encontros, cursos, marchas, mobilizações e debates políticos da organização social. O entrevistado é um especialista nato em teatro, tanto para atuar como para escrever e dirigir peças. Fundou o grupo de Cultura Utopia em 1999, e conduziu esse até meados de 2015. Também foi coordenador geral da associação do assentamento por algum tempo. Atualmente se encontra um pouco afastado das atividades devido a demanda familiar e do sítio ocuparem muito seu tempo. Não participa de nenhum tipo de igreja. O entrevistado tem ensino fundamental incompleto e esposa graduada e licenciatura em educação do campo, as filhas terminaram o ensino médio.

Família 2	O entrevistado conta que apesar de ter sido criado por seu pai e mãe na cidade, seus avós por parte de mãe e pai pertenciam ao campo. É solteiro e mora sozinho no sítio, sempre participou das atividades do MST, em funções de coordenação de grupos, de comunidades. O mesmo participou de atividades a nível estadual do MST, já foi coordenador de finanças e também trabalhou no “buteco do acampamento” e “mercadinho do assentamento”. O entrevistado conta que não participou muito de cursos e formações fora do acampamento/assentamento, mas sempre esteve presente nas lutas e debates políticos locais. Atualmente é produtor de leite, está na coordenação da água e ajudando a coordenar o trator da comunidade. Se declara com ser do MST e de esquerda, participa da igreja Evangélica assiduamente com cargo. Tem internet e sabe o básico sobre a tecnologia digital. O entrevistado tem ensino fundamental incompleto.
Família 3	Entrevistada também oriunda do campo, se considera camponesa, tem muita afinidade com as plantas medicinais e remédios alternativos. Sua família era composta por 4 pessoas, no entanto, seu filho e filha se casaram e se mudaram do assentamento pra cidade. Ela sempre participou das atividades do MST, a nível local e estadual, principalmente ligados a saúde. Atualmente, ela mora com o companheiro no sítio, segundo os mesmos são aposentados e já não tem condições de força de trabalho pra tocar o sítio. Ela diz que sente falta de atividades do MST pra poder participar pra poder se informar. Não tem internet em casa e diz “não saber mexer nessas tecnologias”. A entrevistada tem ensino fundamental incompleto.
Família 4	Essa entrevistada diz ter origem camponesa desde seus avós, a família era composta por seis pessoas (pai, mãe, avô paterno, irmão paterno, três filhas). Duas das filhas se casaram e foram embora do assentamento e o avô faleceu. Apesar de estar desde o início da luta pela terra nesse território, a entrevistada não participou de instâncias organizativas (função/cargo) no acampamento e assentamento, mas das reuniões de comunidade e lutas locais sempre esteve presente. Atualmente ela participa de reuniões quando há, e também é membra da igreja católica. Tem internet em casa e diz que sabe o básico das tecnologias digitais (whatsapp e pesquisar). A entrevista fundamental incompleto.
Família 5	A família entrevistada declara que sempre esteve circulando entre o território da área rural e cidadezinhas do interior, se entendem como camponeses, na família são três pessoas (pai, mãe, filha) se constituiu em época de acampamento. O entrevistado sempre participou tanto de reuniões, como de instâncias, e lutas locais e estadual organizativas do MST. Também participou uma época do grupo de Cultura Utopia, com atuações no teatro e como cantor. Se declara de esquerda, atualmente participa com função na igreja evangélica. Tem internet em casa, sabe mexer com a tecnologia relacionada a tecnologia digital “para o gasto”. O entrevistado e esposa possui o ensino fundamental incompleto e filha estudando ensino médio.
Família 6	O entrevistado está desde o início do acampamento e agora no assentamento, o mesmo morou a muito tempo atrás na cidade do interior, mas se declara camponês e que a terra é sua casa. Sempre participou das atividades organizacionais do MST estaduais, mas mais as locais, já foi coordenador de Núcleo de Base (NB) de 10 famílias. É considerado um produtor de leite de médio porte (250 litros dia), no contexto de pequeno agricultor da região. Se declara de esquerda, não participada de igreja nenhuma. Atualmente e também trabalha com fretes e venda de comida pra gado. Tem internet em casa, e diz que só sabe o básico sobre tecnologia digital. O entrevistado e esposa tem ensino fundamental incompleto e filha estudando Ensino Médio.

Família 7	A entrevistada sempre pertenceu a família do campo, desde a época de seus avós, se declara como camponesa. O núcleo familiar era formado por cinco pessoas, o pai, a mãe, um filho e duas filhas, suas proles se casaram e moram na cidade. A família toda sempre participou das atividades locais, estaduais do MST. As filhas sempre participaram das místicas, encontro Sem Terrinha e do grupo Utopia até irem pra cidade. A entrevistada sempre foi muito atuante e participante dos cursos e atividades ligados a saúde, tanto locais como estaduais. Já foi coordenadora de comunidade e NB do assentamento. Se declara de esquerda, participa da igreja católica como membra crítica. Tem internet em casa e diz saber usar a tecnologia digital somente para o básico. Entrevistada ensino tem médio incompleto e esposo ensino fundamental incompleto
Família 8	O entrevistado diz ter origem no campo, se declara como camponês, mas nem sempre com terra, conta que trabalhou muito nas terras de fazendeiros. Conta que antes de ir acampar no MST, era contra o MST e “xingava os Sem Terra”. “ Fui para o acampamento inicialmente somente pelo interesse em adquirir a terra”, mas acabei adquirindo consciência de classe que para mim foi o mais importante. Ele sempre participou da estrutura organizativa e atividades do MST a nível, local, estadual e nacional. Por muito tempo fez parte de certa forma faz parte do Setor de Cultura do MST, é poeta, compositor, ator, diretor de teatro, filósofo nato. Tem muito apreço para o estudo, mas nunca teve oportunidade de estudar em academia, por dedicar seu tempo em grande parte ao MST, sítio e a família. Já participou de um curso de extensão universitária pela UFRJ na área da filosofia (fez uma pesquisa que gerou um trabalho de 180 páginas), mas gosta muito da área de economia, ele é considerado um autodidata (pelo grupo de convívio político). Se declara de esquerda, não participa de igreja nenhuma, mas acompanha sua esposa na igreja evangélica e não abre mão de sua posição política. Tem internet em casa, sabe mexer o básico de tecnologia digital. Entrevistado com ensino médio completo (EJA) e esposa graduada em administração.
Família 9	Esse entrevistado conta que sempre morou em área rural, com suas raízes camponesas desde a época dos avós, diz que a terra é seu verdadeiro lugar. Sempre foi atuante no sentido de participar das lutas locais, estaduais e de assumir tarefas e funções no MST. Já foi coordenador de grupo, de equipe, de comunidade, e agora atualmente ajuda a coordenar a água de sua comunidade e participa da igreja católica ajudando a organizar a comunidade de base, se declara de esquerda. Ele é conhecido pela sua grande capacidade de memorização de histórias, principalmente da época de luta, tem muitos “caderninhos de anotação” como ele próprio diz. Tem internet em casa e diz que está sempre se desafiando a aprender sobre as tecnologias digitais, “sempre peço dicas”. Entrevistado e esposa: Ensino fundamental incompleto
Família 10	O entrevistado diz que não se vê morando em outro lugar que não seja a terra, sou “camponês nato”. Sua família era constituída por cinco pessoas, pai, mãe, vó materna (falecida), filho (mora na cidade) e filha (casou e mora na cidade). O entrevistado sempre participou das lutas mais locais e reuniões internas, mas nunca assumiu funções no acampamento e nem no assentamento. Sempre foi conhecido pela sua capacidade de trabalho e organização da produção para subsistência (roça, horta e criações), inclusive da parte da família que mora cidade. Sua filha e seu filho participaram até antes de irem pra cidade do grupo Utopia e atividades culturais da época de acampamento e assentamento. Não tem internet em casa, e diz não querer e nem saber muito dessas tecnologias digitais, apesar da esposa dizer da “necessidade que tem hoje de ter acesso a internet”. Participam como membros da igreja católica. Entrevistado com ensino fundamental incompleto e esposa não sabe ler e escrever.

Fonte: Vivência prática no processo de luta pela terra das famílias

1. A SAÚDE SEMPRE ESTÁ EM PAUTA

No ano de 2019 passei a pensar muito sobre aspectos ligados à produção de saúde para população brasileira, pois sempre me inquietei com a abordagem unilateral sobre o que a compreensão de saúde circula entre nós, de que ter saúde é não ter doença.

Ao longo dessa minha caminhada o MST, venho compreendendo que saúde não é e nem pode ser um assunto abordado de maneira exclusiva pelas áreas da medicina, biologia, farmácia etc. Portanto, a busca pelo conhecimento sobre esse assunto está longe de parar, visto que o que a indústria quer não acesso e nem inclusão e sim o mercado de doentes físicos, mentais, sociais e espirituais.

Saúde é um tema muito complexo para pertencer apenas a um seguimento da ciência, pois a saúde envolve variáveis complexas. Uma das complexidades é sobre sua definição. O que é saúde, o que é ter saúde varia entre distintas culturas, porque vários são os processos de produção de saúde. Para além dos aspectos culturais, também temos aspectos como: político, econômico, histórico, social e ambiental.

Esses aspectos mencionados sobre os elementos necessários para compreendermos o conceito de saúde e seus processos de produção se tornaram fundamentais, para compreendermos o impacto das atividades do agronegócio na produção de assunto na população brasileira, mas especialmente nos assentamentos.

Esta dissertação está sendo desenvolvida num dos momentos mais tristes e críticos da humanidade – PANDEMIA DA COVID-19. Estamos em distanciamento e outros em isolamento social, com milhões de famílias em luto.

A mídia fica na tríade de notícias sobre o número de óbitos, número de infectados e a busca incansável por uma vacina. Foi eleito como vilão dessa pandemia o vírus Sars-CoV-2, coronavírus. A pandemia saiu do campo político, econômico e social e passou a ser da responsabilidade das ciências biológicas. E é com essa artimanha que o modelo político-econômico neoliberal vai passando despercebido pela mídia e pela população brasileira. A consequência disso é que a pandemia passa a ser vista como uma fatalidade e não como uma consequência de um modelo político-econômico neoliberal insustentável para qualquer tipo de vida no planeta terra.

No caso brasileiro, a potência das mídias é gigantesca por um conjunto de variáveis, que marcam à ferro e fogo a realidade nacional. Dentre elas, destaque para a

ausência da democratização da comunicação midiaticizada. Poucas famílias monopolizam as grandes redes de comunicação e bloqueiam a pluralidade de visões sobre a realidade, atacando e inclusive silenciando todas as ideias divergentes das suas (CANELAS RUBIM, 2020, p. 85-90).

Esse modelo político-econômico é insustentável, e conduz a humanidade para uma catástrofe ambiental. O vírus da COVID-19 é filho de um modelo político-econômico nefasto, elaborado para subsidiar um sistema onde a riqueza e abundância é para poucos e, em detrimento da fome e doença de muitos. Essa discussão precisa estar presente na sociedade como um todo, não apenas nos ambientes ligados a políticas públicas. Não podemos negar sua natureza política.

Desta forma, a saúde deve se caracterizar pelo direito e reconhecimento dos vários modos de conceituá-la, assim como a “doença”. É preciso entender que o conhecimento sobre esse assunto não é uma exclusividade da medicina alopática, pois muitas populações no mundo foram elaborando conhecimentos e práticas sobre produção de saúde. Assim como a família entrevistada elabora seu próprio conceito de saúde;

Saúde para mim é você ter um conjunto de necessidades, que traga segurança para você, por exemplo uma água saudável, essa água tem que está livre de contaminação eu preciso ter umas alimentações balanceada, uma diversidade de alimentos, que esses alimentos estejam livre de agrotóxico. Que ele (alimento) esteja sendo produzido em solo que tenha todos os componentes de correção, no sentido que a planta vai expressar aquilo que o solo vai oferecer, então é esse conjunto de coisas que vai poder garantir que eu tenho uma imunidade alta e que o corpo possa estar cada vez mais preparado pra se livrar daquilo que vem de fora (Família 8, 2021).

Nas observações práticas e intervenções populares encontramos várias alternativas visando à saúde, almejando sempre a cura individual e coletiva do/no meio ambiente em que vivemos. No entanto, a burguesia muitas vezes "escraviza ou oferece" oportunidades únicas e de ouro, a outros humanos para explorarem a natureza em nome do progresso.

Minayo (1997) discute e defende o tema de saberes e conhecimentos populares, e afirma que a existência do preconceito quanto a esses saberes é oriunda de uma visão evolutiva de sociedade. A ciência "evolutiva" acredita que tudo que é diferente do padrão científico, não é considerado como ciência, e sim como uma concepção atrasada, guiada pelas “superstições e crendices” conectadas “à vida e à morte”.

Assim, explicações sobre o que é e como se produz saúde e doença vai permeando abordagens biologicistas. Os aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos de uma população acabam sendo negligenciados.

Segundo Minayo (1997) várias teses descrevem que os camponeses, os ditos povos primitivos ou as "camadas populares urbano-marginais", explicam a doença através do sobrenatural, contrapondo aos conceitos da história natural que pertencem ao "conceito ideal" da medicina biomédica.

O conceito de saúde pode bem ser incluído entre os considerados imprecisos, ou seja, aqueles que, embora aplicados a categorias concretas e de relevância, não permitem sua definição com objetividade, a partir de elementos aceitos universalmente (SABROZA, 2004, p.520).

A concepção atual de doença é como algo apenas do plano físico, localizada em um órgão, sendo assim tratada especificamente. O conceito da doença se assemelharia a uma máquina que estaria com problema em uma peça, assim, para resolver o problema, um profissional o consertaria, no caso o médico (MINAYO, 1997, p.364). E ainda há uma ideia que só algo externo "os remédios e tratamentos ligados à indústria farmacêutica podem curar o paciente.

Minayo discorre que (1997, p. 365) [...] a materialidade da existência de vida no "tempo e no espaço" faz parte da ideia estabelecida na produção de justificativas etiológicas, da medicina e suas práticas de "cura". Diante disso, as "teorias populares" existem e evoluem através da vivência das pessoas, e estão em constante reorganização prática, buscando o equilíbrio tanto através da medicina alopática, como de outras medicinas ditas "alternativas";

Quando a Organização Mundial de Saúde conceituou saúde como "o mais completo estado de bem estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças", certamente não estava propondo um critério classificatório, mas uma direção. Já a ideia de doença é mais imediatista, sempre impondo, ao mesmo tempo, certas competências operacionais e algum tipo de explicação. Historicamente, ela é muito anterior à concepção de saúde, estando presente, de diferentes formas, em todas as organizações sociais conhecidas. Remetendo a questão da identificação e classificação da doença e dos doentes a um saber técnico, que pressupõe divisão de trabalho e transferência de poder (SABROZA, 2004, p. 6).

Monteiro (2012) chama a atenção para o fato de que os condicionantes e determinantes sociais são elementos constituintes na produção de saúde e de doença tanto na esfera individual quanto na coletiva. E são essas condicionantes e determinantes sociais que é preciso olhar e avaliar o impacto individual e coletivo provocado pelas atividades do agronegócio, de maneira especial, nos assentamentos do Estado de Mato Grosso do Sul.

As atividades práticas e as consequências do agronegócio para o meio ambiente e saúde humana precisam ser discutidas publicamente. Os prejuízos ambientais, culturais, sociais afetam a produção de saúde. Mas podemos fazer o enfrentamento do agronegócio propondo investimento às políticas públicas que visam à agroecologia.

Essa caminhada, que é uma resistência ao modelo do agronegócio, é desafiadora. E as resistências estão presentes no campo e na cidade. Muitos profissionais da saúde também apresentam uma compreensão distorcida sobre o que é e como a saúde é produzida. E essa compreensão faz com que a indústria farmacêutica ganhe mais espaço para manutenção do problema: produzir doenças e doentes para obtenção de lucros.

Desta forma, parece existir um interesse político em fixar o que é saúde e doença no campo da medicina, dentro de um modelo biomédico.

A existência de uma sistematização teórica, do estabelecimento de regras que culminam na formação de uma disciplina também são formas de controlar seus porta-vozes. Assim, só aqueles pertencentes à medicina seriam legitimados a falar sobre saúde e doença, mas desde que obedecessem às regras e ao corpo teórico de sua disciplina. Para ser um porta-voz, porém, é preciso cumprir também os rituais que lhe identificam. No caso dos médicos eles são reconhecidos como tais desde que se comportem de acordo com o que se espera deles (SIGOTO, 1999, p.17).

Saúde e doença não podem ser concebidas como mercadorias. Essa compreensão pode ser problematizada abarcando a discussão sobre sistema etiológico popular e o biológico. De acordo com Minayo (1997) existem dois lados: sistema etiológico popular e o biológico. O “sistema etiológico popular” não tem apenas uma causa, ou seja, esse sistema é determinado pelo “pluralismo”. Faz parte desse pluralismo uma ciência holística e “ecologicamente orientada” que é articulada com a materialidade da existência expressando-as não apenas no corpo físico. Outro lado é o sistema “biomédico” que tem por base “conhecimentos anatomofisiológicos”.

Para Monteiro (2012) definir o “termo saúde, ou o “binômio saúde/doença”, assim como as formas de entender as formas de adoecimento construídas na história, não é um processo simples. Junto a isso, os diferentes entendimentos sobre a influência exercida (*tanto internos e/ou externos aos indivíduos, quanto naturais e/ou historicamente construídos que intervêm na saúde humana*), produzem distintos modelos explicáveis desse processo. E assim conduzem e determinam outras formas de intervir na realidade através de outras “práticas sociais”

A compreensão que existe de saúde e doença para medicina alopática e homeopática direciona para práticas sociais distintas. Evangelista (2003) discorre, por exemplo, que na visão homeopática, quando uma pessoa/animal está no seu estado de saúde, a *Energia Vital promove a harmonia e coordena perfeitamente todas as partes* do organismo, fazendo com que atividade seja vital nas sensações e funções. O *espírito racional* que compõe o organismo do ser humano dispõe dessa "energia vital" em plena saúde, alcançando elevados fins de existência.

Quanto a doença, essa é produzida devido ao desequilíbrio dessa *Energia Vital*, podendo ser manifestado através de *um mal estar (físico ou mental)* efêmero ou então uma doença *degenerativa e grave que pode levar a morte como; câncer, AIDS, doença mental, etc.* O organismo é mantido vivo e em funcionamento através da Energia Vital. Se ocorrer o desequilíbrio, o organismo ficará enfermo. Neste sentido, as reações *física, emocional e/ou mental* expostas pelo organismo doente expressam a falta de harmonia da Energia Vital (EVANGELISTA, 2003, p. 07).

Em resumo, Teixeira (2014) aponta que a homeopatia é baseada em fundamentos e saberes diferentes do *modelo biomédico*, e isso faz com que a comunidade científica *contemporânea* não reconheça a eficácia da homeopatia.

A “medicina moderna” é carregada de cartesianismo, um sistema que a transforma cada vez mais o processo de produção da saúde em algo “pragmático, parcelado e materialista”.

MINAYO, (1997) conclui que as ciências médicas precisam ampliar e dialogar com distintas compreensões de saúde e de doença. Se adotar um olhar plural, perceberá “classe trabalhadora” e seus segmentos que têm sua forma de lidar com a “saúde e a doença”, e persistem na resistência a um modelo de ciência que vê e trata as pessoas com um corpo sem alma, sem emoções e fora do contexto.

Segundo a autora não se trata de criticar de forma imprudente ao sistema de saúde, que é conceitualmente dominante, e muito menos os seus feitos de “medicina moderna” com o intuito de “vencer as doenças”. Entretanto, o “conhecimento humano” é um eterno processo de buscar pelo saber, assim como a ideia de “saúde-doença” das pessoas que regem suas condições reais de existência. A ideologia básica da prática médica do mesmo modo é construída nos limites dos processos sociais (MINAYO, 1997, p.379).

A autora MINAYO, (1988) cita que para a Organização Mundial de Saúde (OMS) saúde é *"o mais completo estado de Bem estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças"*. No entanto, ao afirmar isso, provavelmente essa organização não propõe um “critério classificatório”, e sim um sentido. A ideia de doença tem necessidade imediata, e impõe certas capacidades “operacionais” e esclarecimentos. A identificação e classificação da doença e dos doentes devem ser remetidas a um “saber técnico”, que dita uma “divisão de trabalho e transferência de poder”.

A Constituição Federal do Brasil define, no seu artigo 196, a “saúde como um direito” que deve ser garantido “mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.” (BRASIL, 1988).

Gaia (2005) afirma que em países como o Brasil, que sofreram com a colonização e a dominação política/social, a desigualdade continuará a sobressair, e os processos de produção de saúde continuarão, com a população desassistida. Nesse país que se encontra em "em desenvolvimento", as desigualdades são complexas, pois são permeadas pela *ordem econômica, ambiental, social, política e cultural*. A qualidade dos serviços prestados à população brasileira também é problemática. De acordo com Monteiro (2012):

(...) a saúde deve ser vista como objeto de diversas políticas públicas, inclusive ligadas ao setor da educação, na medida em que a escola pode ser considerada um lugar privilegiado (não sendo o único) para o desenvolvimento de aprendizagens e discussão de conteúdos com vistas à melhoria da situação de saúde dos indivíduos e da população (MONTEIRO, 2012, p.19).

Para o autor o processo saúde-doença é multifatorial e induzido por vários fatores, entre eles: os biológicos, os fisiológicos, os ambientais. Outros elementos também são importantes para compreender o processo de produção de saúde e doença, entre eles, os fatores constituídos historicamente como: os culturais, os sociais, os econômicos, os hábitos e o acesso aos bens e serviços dentre outros, sendo “hierarquicamente distintos” (MONTEIRO, 2012, p.22).

Os referenciais da “Saúde Coletiva” e da “Epidemiologia Social”, mesmo não pertencendo ao mesmo anexo hierárquico, influenciaram de maneira determinante o olhar para a saúde e a doença.

Para Monteiro (2012) mesmo tendo várias concepções de saúde, ainda assim, essa discussão é necessária e é viável de realizar. A “unilateralidade capitalista” domina o

entendimento de saúde, de doença e cura, produzindo e dominando de forma mercantil a vida e a morte (MONTEIRO, 2012, p.32-33). Diante dessa discussão surge o seguinte questionamento: como definir um conceito de saúde no meio em que vivemos?

Para Monteiro (2012) um dos conceitos persistentes é que o doente passa a ser visto como castigado (por formas sobrenaturais) devido a “pecados” cometidos. Essa “crença” persiste até hoje através das manifestações relacionando a doença a atos considerados censurados ou “pecaminosos”, e na busca por cura em “entidades ou divindades sobrenaturais”, seja dentro ou fora dos templos, mediados por “iniciados”.

Para Sevalho (1993) um exemplo clássico para esse tipo de entendimento foi a epidemia de sífilis no início do século XX e o surgimento da AIDS em 1980. Por serem doenças sexualmente transmissíveis ocorreram compreensões de que essas doenças surgiram devido as “práticas pecaminosas”. Essa compreensão produziu preconceitos as pessoas e grupos que passaram a ser julgados como “promíscuos”. Assim iniciou uma compreensão de doença como castigo aos homossexuais masculinos, usuários de drogas ilícitas - no caso da AIDS-, e pecadores.

Um fato interessante narrado e criticado por Monteiro (2012) é que no fim da idade média, por meio e controle da igreja católica surge os hospitais na Europa, não apenas com a função de tratar ou curar os doentes, mas para oferecer abrigo. A principal finalidade desse espaço não era cuidar dos doentes, mas isolá-los dos não doentes. Podemos imaginar que eram estratégias criadas para proteger a burguesia.

Monteiro (2012) discorre que sob o “caráter ontológico” da doença é explicada segundo teorias formuladas antes da descoberta do “caráter patogênico” de “alguns microrganismos”. Por exemplo, no século XIX circulava a ideia de que as doenças eram transmitidas pelo ar. Essas explicações originaram a “teorias miasmáticas”, que afirmavam que a causa da doença era emanada do contato com regiões insalubres, tendo como veículo propagador "o ar" neste sentido a autora;

(...)aponta que o traço que distingue a Epidemiologia Social das demais correntes do pensamento epidemiológico é “a insistência em investigar explicitamente os determinantes sociais do processo saúde-doença e não apenas a consideração dos aspectos sociais, pois, bem ou mal, todas reconhecem a importância desses aspectos, na explicação do processo saúde-doença (BARATA, 2005, p.08).”

Diante disso, entende-se que a proposição de que os “aspectos sociais” são predisponentes da condição de saúde individual ou coletiva, ou seja, não pode ser compreendida no mesmo grupo das demais concepções (MONTEIRO, 2012).

Para Barata (2005) os aspectos sociais são consensualmente apontados como relevantes na construção histórica da sociedade, pois inferem nos resultados da saúde. Com relação à epidemiologia social, Barata (2005) aponta que existem cinco correntes que direcionam a definição de saúde e doença na sociedade atual:

A Eco-epidemiologia de Susser e Susser: [...] Para tanto, seu modelo busca articular os componentes presentes em relações de interação recíprocas, respeitando diferentes níveis hierárquicos. Enquanto a perspectiva muticausal, baseada na ideia de risco, formula questões do tipo “o que coloca a pessoa em risco de adquirir a infecção?” a abordagem eco-epidemiológica formularia questões como “o que coloca a população em risco de epidemia? Que características populacionais aumentam sua vulnerabilidade a determinadas epidemias?”

A Teoria do Capital Social: [...] para tal perspectiva as questões que se colocam são: “como os fatores sociais influenciam o comportamento, colocando as pessoas em risco?” ou “os fatores psicossociais, tais como o suporte social, estão associados à progressão da doença?”; ou ainda, “como os fatores sociais e comportamentais se relacionam na determinação da doença em indivíduos e na população?”

A Perspectiva do Curso de Vida: a abordagem de Curso de Vida entende que o estado de saúde de indivíduos ou grupos específicos (coortes) é resultado não apenas das condições atuais, mas sim do conjunto de experiências acumulado ao longo da vida, ou seja, “a trajetória pessoal moldada pelo contexto social e pelas condições materiais de vida”

Produção Social da Doença: tendo origem nos estudos de autores latino-americanos (Ara Cristina Laurell, Jaime Breilh, Juan Samaja, dentre outros), essa perspectiva parte do materialismo histórico e dialético tendo como referencial o conceito de reprodução social, entendida como “o processo pelo qual os determinantes (fatores essenciais) põem limites ou exercem pressão sobre outras dimensões da realidade, sem serem necessariamente determinísticos”.

Teoria Ecosocial da distribuição da doença de Nanci Krieger: Tem como conceitos centrais a ideia de “incorporação” (embodiment), ou seja, a maneira como os seres literalmente incorporam, biologicamente, o mundo material e social onde vivem e “as vias de incorporação” (pathways of embodiment), referentes às trajetórias de desenvolvimento biológico e social. A autora entende os corpos como artefatos sociais e entidades políticas e procura incluir aspectos presentes em várias teorias com o objetivo de propor uma única explicação que articule os aspectos biológicos, sociais, a história de vida, os efeitos dos contextos ambientais, a reprodução social e a dimensão política (BARATAS p. 81, 2005).

Almeida Filho, 2000b, 2000c, 2001 e 2011, apud Monteiro (2012, p. 30) afirma que a saúde pode ser entendida em distintas circunstâncias históricas, podendo ser apontadas em seis grupos: **Saúde como ausência de enfermidade:** compreendido como fator distinto entre saúde e doença, ou seja, não estar doente e ter saúde; **Saúde como função ou desempenho:** “ser produtivo” na sociedade; **Saúde como equilíbrio (homeostase):** equilíbrio ser humano

natureza, elementos essenciais e como indivíduos internamente; **Saúde como bem:** relacionada à ideia de acesso aos bens e serviços de saúde; **Saúde como bem-estar:** relacionado as condições biológicas, psíquicas e sociais dissociadas da doença (OMS); **Saúde como direito:** perspectiva individual e coletiva de universalidade da saúde.

As comissões (*Commission on Social Determinants of Health e Comissão Nacional Sobre Determinantes Sociais da Saúde, respectivamente*), foram criadas como forma de apreciação dos *determinantes sociais para a saúde*, pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Ministério da Saúde brasileiro (MS). Com a tarefa tanto de encontrar vinculações entre as diferenças sociais e *situações de saúde*, como demonstrar ideias e ações para reparar a saúde na vida das pessoas. Isso vem ocorrendo devido a verificação da desigualdade que cresce a cada dia, tanto entre indivíduos como nos países, regiões e continentes, com relação a oferta *de bens e serviços* de saúde (MONTEIRO 2012, p.58).

Ultimamente voltou a discutir a inquietação com a realidade social por interferir na saúde populacional, inclusive na vida da população mais pobre. Pois isso é consequência do acúmulo do capital (MONTEIRO, 2012, p.61).

É preciso ressaltar que esse modelo de sociedade desigual que existe devido a ideologia do sistema capitalista, com relação a saúde, persiste na exploração da vida em prol a sobrevivência do capital. Para o autor;

Como já discutido, esse movimento tem sua origem no momento de consolidação do capitalismo e a preocupação com a saúde da mão de obra trabalhadora (século XIX). Posteriormente, essa perspectiva foi retomada no período posterior à crise de 1929 e a impossibilidade dos países de fornecer condições mínimas de saúde à população e aos trabalhadores, considerados como mão de obra necessária à produção fabril e à acumulação de capital. Num período seguinte, o contexto de profunda crise econômica pelo qual passaram os países do denominado “terceiro mundo” nas décadas de 1970 e 1980 e a incapacidade de prover serviços mínimos de assistência à saúde por parte desses países suscitou o ressurgimento dessa preocupação. Atualmente a relação entre os determinantes sociais e a situação de saúde reaparece em um momento de consolidação dos blocos econômicos e comunidade de países, a exclusão de significativa parcela da população dos mercados consumidores e a consequente reestruturação desses mercados (MONTEIRO, 2012, p.61).

Uma das funções centrais do debate da saúde era modificar o estilo de vida das pessoas, para isso foi percorrida uma trajetória, levando primordialmente a ideia de "educação em saúde". Posteriormente e mais recentemente tomou a condição de articulador das atividades de vários setores sociais e do Estado. A finalidade dessa ação é mudar as circunstâncias deploráveis da saúde. Estrategicamente utilizou a preconização com o intuito

de fortalecer a comunidade e outras esferas da sociedade, mas principalmente em contextos onde as desigualdades sociais são evidentes (MONTEIRO, 2012, p.68).

De acordo Sabroza (2004) muitos impérios antigos eram destruídos pelas condições doentias de *habitat* em que viviam as pessoas da época, o âmbito de saúde que se discutia era vencer a morte antecipada. Foi muito grande a redução da população causada por doenças infecciosas, guerras, falta de alimentos, trabalho escravo, sendo que era necessária a substituição da mão de obra, que se resolveu com a elevação da taxa de natalidade, conduzida pela religião e seus códigos.

Hipócrates pregava uma medicina de elite em sua escola filosófica na Grécia, filosofia essa que refletia primordialmente sobre o mundo e a observação cautelosa da natureza. O princípio que regia essa ideia era *o equilíbrio entre o indivíduo e seu ambiente*. Essa medicina tinha como foco o *cuidado do corpo*, onde o trabalho do profissional da área era contribuir com a restauração da harmonia (SABROZA, 2004, p.6). Ainda segundo o autor;

Este modo de entender a saúde e a doença tinha sua racionalidade na observação cuidadosa dos fenômenos, na concepção da doença enquanto fenômeno natural, e portanto passível de explicação teórica, e na transmissão do conhecimento em condições capazes de assegurar um certo controle sobre a competência dos praticantes (SABROZA, 2004, p.6).

Para o Sabroza (2004) pode-se originar uma ideia de saúde e doença, adequando as condições de vida, sendo essa então, construída e disseminada em ampla escala. Ainda segundo o autor;

Mas foi nas colônias que os processos de desgaste atingiram níveis extremamente elevados, anulando qualquer avanço que poderia ter sido produzido pelo desenvolvimento do conhecimento e das técnicas. O genocídio das populações autóctones e o tráfico de escravos resultaram em níveis impensáveis de sofrimento, doença e morte no entanto, as doenças não devem ser determinadas como produtos da pobreza e da injustiça social, tendo em vista que a superação desse modelo deve estar ligada *ao progresso social* (SABROZA, 2004, p.9).

Para SABROZA (2004), a persistência da desigualdade e da pobreza é uma questão que passou a liderar a discussão política no meio da saúde pública, *apesar do contínuo desenvolvimento dos meios de produção*, passou a dominar o debate político no campo da saúde pública. Esse debate tem promovido na academia produções científicas pautadas com propostas de ações exclusivas para os excluídos.

A pobreza e a doença fazem parte de um ciclo vicioso, sendo uma "metáfora" guiou debates sobre *saúde e desenvolvimento*, entre 1940 - 1960, levando em pauta novamente o

assunto da produção do indivíduo, trazendo novamente a tona a antiga discussão de qual seria uma estratégia viável para alcançar tão sonhadas mudanças na *qualidade de vida*. Para o autor ainda;

Com o fim dos projetos desenvolvimentistas e das mudanças no papel do Estado, as possibilidades de avanço social e de transformações nas condições de vida passaram, efetivamente, para o âmbito da sociedade civil. Especificamente, para o espaço do circuito inferior urbano, onde diferentes concepções de saúde interagem. Aí estão as condições de autonomia que possibilitam a construção de alternativa ao modelo medicalizante imposto e que não atende às suas necessidades básicas. Não estamos propondo o retorno às práticas alternativas, mas a clara definição daquilo que é de competência dos serviços de saúde, através da aplicação de técnicas com fundamentação científica, e do que só pode ser elaborado e resolvido a partir de práticas comunitárias (SABROZA, 2004, p.30).

Na atual conjuntura, crise crítica do setor, uma estratégia seria que os profissionais de saúde pública iniciassem a atuação em organizações sociais, com a tarefa de compor novas alternativas, "*de interesse do Estado e da população*". No entanto, isso deve ser vinculado as questões concretas da sociedade, articulando principalmente *o conhecimento científico e o saber popular, a capacidade técnica de prevenir e curar certas enfermidades com a competência de viver com aquelas que não podem ser curadas*, e assistir reverentemente à morte, tendo como foco central de atitudes eficazes a vida e a saúde (SABROZA, 2004, p. 30).

De acordo com Scliar (2007), os cuidados primários de saúde, teriam de ser incorporadas as situações "econômicas e socioculturais e política", *a educação em saúde, nutrição adequada, saneamento básico, cuidados materno-infantis, planejamento familiar, imunizações, prevenção e controle de doenças endêmicas*, outras situações de falta de saúde, acesso a medicamentos necessários. O consumismo se sobrepõe a ideologia da utilidade social da saúde. O grande aparato capitalista que envolve o campo da saúde/doença, está interligado a lógica do mercado, assim como há a "indústria da doença", há também "indústria da saúde".

Ainda após o término da Primeira Guerra mundial não se tinha uma definição universal e consensual sobre o conceito de saúde mesmo com a intervenção da *Liga das Nações*. No entanto, só era possível de ocorrer através de uma entidade internacional aceita pelas nações. Com o surgimento da Organização das Nações Unidas (ONU), durante a Segunda Guerra Mundial, o objetivo foi alcançado (SCLIAR, 2007, p.36).

Segundo SCLIAR (2007) o dia Mundial da Saúde foi promovido no dia *7 de abril de 1948*. O conceito da OMS mencionou que "Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade", sendo que seria, caberia ao

Estado reconhecer sua obrigação de promover o direito a saúde. Pós Segunda Guerra, através da inspiração provinda dos "movimentos sociais" da época, o conceito de saúde trazia a seguinte reflexão: *o fim do colonialismo e a ascensão do socialismo*.

Ainda para Scliar (2007) saúde expressava "a plenitude da vida sem privações", sendo isso um direito. Esse conceito interpõe na análise e fatores sobre a saúde, sendo que a "saúde pública" obriga-se a intervir no campo da saúde (health field), isso foi *formulado em 1974 por Marc Lalonde, titular do Ministério da Saúde e do Bem-estar do Canadá - país que aplicava o modelo médico inglês. De acordo com esse conceito, o campo da saúde abrange:*

a biologia humana, que compreende a herança genética e os processos biológicos inerentes à vida, incluindo os fatores de envelhecimento; - o meio ambiente, que inclui o solo, a água, o ar, a moradia, o local de trabalho; - o estilo de vida, do qual resultam decisões que afetam a saúde: fumar ou deixar de fumar, beber ou não, praticar ou não exercícios; a organização da assistência à saúde. A assistência médica, os serviços ambulatoriais e hospitalares e os medicamentos são as primeiras coisas em que muitas pessoas pensam quando se fala em saúde. No entanto, esse é apenas um componente do campo da saúde, e não necessariamente o mais importante; às vezes, é mais benéfico para a saúde ter água potável e alimentos saudáveis do que dispor de medicamentos. É melhor evitar o fumo do que submeter-se a radiografias de pulmão todos os anos. É claro que essas coisas não são excludentes, mas a escassez de recursos na área da saúde obriga, muitas vezes, a selecionar prioridades (SCLIAR, 2007, p.37).

SCLIAR (2007) cita que a amplitude do conceito (da OMS) oportunizou o surgimento de divergências como o de *Christopher Boorse (1977)* que dizia: *saúde é ausência de doença*. Não deve existir *juízo de valores*, pois a objetividade em classificar indivíduos doentes ou saudáveis apenas é vinculada ao grau de eficiência das *funções biológicas*. Esse conceito que era visível no conceito de saúde canadense foi criticado, pois tecnicamente (*a saúde seria algo ideal, inatingível; a definição não pode ser usada como objetivo pelos serviços de saúde*) e politicamente e "libertária": *o conceito permitiria abusos por parte do Estado, que interviria na vida dos cidadãos, sob o pretexto de promover a saúde*.

Na Conferência Internacional de Assistência Primária à Saúde, que ocorreu na cidade Alma-Ata (atualidade Cazaquistão) em 1978 realizada pela OMS, foi dada na *declaração final* resposta aos questionamentos. Devido as responsabilidades de caráteres normativos, classificação internacional de doenças, elaboração de regulamentos internacionais e normas para qualidade da água, *a OMS havia desenvolvido programas com a cooperação de países-membros, mas esses programas tinham tido como alvo inicial duas doenças transmissíveis de grande prevalência: malária e varíola* (SCLIAR, 2007, p.38).

Um inseticida - *dicloro-difenil-tricloroetano (DDT)* foi utilizado contra à malária, uma atitude apreciada, em seguida *condenada*, posteriormente nos anos 60, veio o *Programa de Erradicação da Varíola*. A *morbidade e mortalidade*, características da varíola, não eram muito importantes, no entanto, eram milhões de infectados, e pela redutibilidade era necessária: *a vacina tinha alta eficácia, e como a doença só se transmite de pessoa a pessoa, a existência de grande número de imunizados privaria o vírus de seu hábitat*. Em 1977 ocorreu o registro do último caso de varíola, sendo uma questão inédita na história dos seres humanos (SCLIAR, 2007, p. 38).

Quando se esperava que a OMS escolhesse outra doença transmissível para alvo, a Organização ampliou consideravelmente seus objetivos, como resultado de uma crescente demanda por maior desenvolvimento e progresso social. Eram anos em que os países socialistas desempenhavam papel importante na Organização - não por acaso, Alma-Ata ficava na ex-União Soviética. A Conferência enfatizou as enormes desigualdades na situação de saúde entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos; destacou a responsabilidade governamental na provisão da saúde e a importância da participação de pessoas e comunidades no planejamento e implementação dos cuidados à saúde. Trata-se de uma estratégia que se baseia nos seguintes pontos: 1) as ações de saúde devem ser práticas, exequíveis e socialmente aceitáveis; 2) devem estar ao alcance de todos, pessoas e famílias - portanto, disponíveis em locais acessíveis à comunidade; 3) a comunidade deve participar ativamente na implantação e na atuação do sistema de saúde; 4) o custo dos serviços deve ser compatível com a situação econômica da região e do país. Estruturados dessa forma, os serviços que prestam os cuidados primários de saúde representam a porta de entrada para o sistema de saúde, do qual são, verdadeiramente, a base. O sistema nacional de saúde, por sua vez, deve estar inteiramente integrado no processo de desenvolvimento social e econômico do país, processo este do qual saúde é causa e consequência (SCLIAR, 2007, p. 38).

1.1 Direito à saúde

Na atualidade, podemos perceber que muitos de nós brasileiros/as pensamos com a consciência da classe dominante, dimensionada pelos meios de comunicação. O sistema de saúde no Brasil é resultado de políticas governamentais que beneficiam grandes corporações nas licitações ligadas à saúde ou privilegia serviços médicos privados, em exemplo, os grandes laboratórios na "corrida" em busca pela cura do "Coronavírus".

Nesse sentido, não podemos ser ingênuos, pois embora estejamos enfrentando uma pandemia, esses laboratórios estão visando, em seu horizonte, uma oportunidade de lucrar ainda mais com as vidas das pessoas, e não em salvá-las. Diante do engendramento das indústrias nas Políticas de Estado, podemos refetir que a “ação” de salvar vidas humanas

através da vacina está mais como sequência da obtenção do lucro, do que uma ajuda humanitária em si. Complementando o autor enfatiza;

A gestão Bolsonaro, com o propósito de favorecer o setor empresarial na saúde, efetuou ainda mais cortes de despesas e o desmonte de programas em linha com o desejo de precarização e extinção do SUS, daí a falta de remédios, médicos, enfermeiros e de atendimentos não realizados, indiferente ao sofrimento da maioria da população (ABRAHÃO DE CASTRO, 2020, p. 61).

O sistema capitalista lucra com a vida e a morte dos animais, plantas e humanos, mas lucra ainda mais com a doença. Atualmente na imprensa a serviço do capital é possível ouvir o clamor do povo por saúde, ou simplesmente pela sua cura ou de entes queridos. Mas o que a mídia burguesa e sensacionalista faz é deixar a população ainda mais doente, afirmando que estão "informando" a sociedade. “Essa é a análise crítica que conseguimos fazer com razão e o coração ferido pela Constituição e suas contradições”.

Este tom social, nem tão inusitado nas coberturas diárias das TVs, mascara todas as matizes do liberalismo que o conduzem, com o interesse de aproveitar-se da demanda popular por informações sobre o COVID-19, para produzir conteúdos que seguem o rastro do que tem proposto grupos e corporações igualmente liberais (BARBOSA FILHO, 2020, p. 53).

No entanto, “a mídia está sempre a serviço”, a grandiosidade dos problemas enfrentados atualmente pela sociedade, pobre principalmente foi e está sendo causado pelo governo em vigência (2018-2022). O aspecto genocida do governo bolsonarista fôra anunciado por ele antes e durante a campanha, não há como esperar atitudes louváveis de pessoas que promovem o crescimento da desigualdade social com ações políticas.

A maioria das pessoas se encontram estagnadas diante desse desgoverno, tendo a maior parte da população vivendo as margens da sociedade, muitas vezes sendo manipuladas a se conformarem com as migalhas. Esse tipo de política que conduz o Brasil atualmente, vem destruindo não só vidas e o meio ambiente, mas aniquilando perspectivas e sonhos de muitos seres humanos. Para Freire;

Um tipo de consciência corresponde à realidade concreta destas sociedades em estado de dependência. Uma consciência historicamente condicionada pelas estruturas sociais. A principal característica desta consciência – tão dependente como é a sociedade da estrutura a que se conforma – é sua “quase-aderência” à realidade objetiva ou sua “quase-imersão” na realidade. A consciência dominada não se distancia suficientemente da realidade para objetivá-la, a fim de conhecê-la de maneira crítica. (FREIRE, 1979, p. 35).

Os que vivem as margens da sociedade são os mais atingidos com política genocida, que vem sendo disseminada, são os indígenas e os povos tradicionais. As políticas estabelecidas já os excluem de seus direitos, entretanto, isso vem se agravando nesse governo que diariamente profere ameaças e promove mudanças catastróficas, mas com o real intuito de modificar a Constituição, deixando assim o caminho livre para o agronegócio.

Essa é uma época no mínimo incompatível com a vida saudável, pois muitas pessoas conduzidas pelos meios de comunicação de massa, têm como preocupação primordial a defesa da situação de agressão/violência e consumismo ao extremo. Com isso, em meio a Pandemia do coronavírus, os governantes optam por continuar a financiar as indústrias farmacêuticas, que estão na corrida para achar a “melhor” vacina contra o coronavírus. Tendo em vista isso, é interessante a reflexão do autor;

Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise (KRENAK, 2020, p.5).

É evidente que o interesse pela vida não é primordial, essas empresas estão de olho no grande mercado mundial que estará ao seu dispor, desesperado por quem queira vender/comprar a cura da "economia" e o reestabelecimento da saúde (mascarado). Não bastasse isso, tem também a corrupção da qual o Brasil é o líder em demonstrações, esse é o governo bolsonarista em meio a pandemia;

Promover saúde a é muito difícil nessa conjuntura de anti-consciência, o máximo que a classe trabalhadora consegue pensar é na sua fome e não na fome do mundo, o porquê ela existe, só a classe dominante pensa. Pensar em saúde para todas as espécies é querer a mudança dos modelos políticos socioeconômicos e ambientais, principalmente com relação à distribuição de renda; garantia de escola, trabalho, alimento de qualidade, moradia, segurança, dentre outras.

A *Constituição Federal de 1988, artigo 196*, descreve que: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação”. Em princípio Sistema Único de Saúde (SUS) " está

contribuindo para promover saúde digna aos brasileiros", *como cidadãos e como seres humanos* (SCLIAR, 2007, p. 39).

No final do século XIX, com o avanço da ciência, "a revolução pasteuriana" ficou conhecido no mundo da ciência. O microscópio foi inventado no século XII, porém, mesmo nos importantes laboratórios como de "Louis Pasteur", a tecnologia não era valorizada na época. Era essa tecnologia que revelava os micro-organismos como ocasionadores de doenças. Esse conhecimento foi importante pois foi a partir dele que foi produzido e aplicados técnicas de "soros e vacinas. Isso foi considerado um feito importante, "uma revolução", pois poderia além de curar, prevenir doenças através da revelação microscópica dos agentes etiológicos (SCLIAR, 2007, p. 34).

A antecipação em um processo para garantir a saúde é chamado de prevenção, uma "ação antecipada", com o intuito de impedir o adoecimento, através informações e conhecimentos da história natural. São três fases de prevenção: *prevenção primária* ocorre no período de pré-patogênese; a) a promoção da saúde (prevenção primária) que serve para construir um processo de ótima saúde; b) *proteção específica "contra agentes patológicos ou pelo estabelecimento de barreiras contra os agentes do meio ambiente"*. A fase da prevenção secundária também se apresenta em dois níveis: a) diagnóstico e tratamento precoce; b) limitação da invalidez. A prevenção terciária tem relação com as ações de *reabilitação* (VIANNA, 2013, p. 80).

O direito à saúde deve ser garantido no âmbito individual e coletivo, tendo em vista, que esse é um bem comum e social e não um bem de troca. A qualidade de vida tem de ser compreendida quanto ao acesso a saúde, assim como vários autores afirmam. É importante salientar que a promoção e proteção da saúde, prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação de doenças estão sendo uma aplicação a partir tanto da "riqueza disponível", como do *conhecimento e tecnologia* que as pessoas constroem no campo da saúde, "conforme a conveniência. A saúde também é parte dos direitos a cidadania, um fator básico que o poder público deve assumir para que se tenha um equilíbrio de *conduta, decisões, estratégias e ações* (VIANNA, 2013, p. 82).

O conceito *definido pelo sistema da assistência à saúde – é a saúde, tal como percebida pelos indivíduos* não pode ser diferente das "escritas publicadas" sobre o Processo Saúde-Doença. É preciso um instrumento intelectual com capacidade de apreender e distinguir os dois conceitos, saúde e doença. Para o autor o conceito de saúde não é maior que

o conceito de "bem-estar", que é "mais amplo" e deve ser incluído enquanto dimensão. Quando pessoas, famílias e grupos sociais sofrem não significa que estão vivendo à *concepção de doença que orienta os provedores da assistência, como os profissionais da Estratégia Saúde da Família* (VIANNA, 2013, p. 77)

“Trocando em miúdos”, a equipe da Estratégia de Saúde da Família precisa ter consciente seu papel de educador em saúde e conjuntamente saber o resultado que quer atingir em cada situação. É recomendável o treinamento da percepção sensorial: onde focar a atenção e como modificar e ampliar os filtros para poder observar coisas que não eram percebidas anteriormente. Filtro é uma expressão utilizada na Programação Neurolinguística, que significa linguagem dos nossos pensamentos e experiências vividas por nós, imagens internas, sons e sensações que nos dão um significado especial e que fica arquivado em nosso cérebro e que nos vem à mente nas mais diversas situações (VIANNA, 2013p. 85).

De acordo com o autor, o campo da saúde não assegura uma vida qualificada e respectivamente com saúde. Com a prática da ética podemos compreender o imprescindível empenho de grande parte da sociedade com o intuito de garantir *dignidade a vida humana*.

É importante entender que há situações que podem sofrer interferências, a imposição não pode passivar as pessoas e levar elas a culpar outros indivíduos pelas *condições insalubres*, que mudam *o estilo de vida*. Por isso é necessário que a interdisciplinaridade e a intersetorialidade conduzam o trabalho de mudança das condições de vida impostas no campo da saúde (VIANNA, 2013, p. 85).

Yamazaki (2017) em sua tese caracteriza as ideias, práticas e conhecimentos em relação aos processos de produção da saúde e da doença no contexto de insustentabilidade do agronegócio na região do Cone Sul do Estado de Mato Grosso do Sul. Por isso, essas temáticas transversais como ética, pluralidade cultural, meio ambiente, autossustentação, trabalho e consumo, direitos humanos, lutas e movimentos, e temas locais, também são relevantes.

O perfil de saúde e de doença estão relacionados aos elementos, acima, mencionados, pois é uma estrutura que produz e mantém a desigualdade social. *A determinação social é um fator importante no processo de produção de saúde e doença*.

A versão brasileira da teoria da determinação social do processo saúde-doença dá maior ênfase explicativa ao modo de vida, considerando que nele estão englobados tanto os aspectos materiais quanto os aspectos simbólicos que refletem as características sociais de produção, distribuição e consumo, às quais cada grupo social está relacionado através do modo de vida. Ao mesmo tempo que busca articular as diferentes esferas da organização social, o conceito de modo de vida

reúne em um mesmo marco teórico as condições coletivas dos grupos e os comportamentos dos indivíduos que compõem esses grupos (BARATAS, p.18-19, 2009).

A sociedade que permite elevada desigualdade social provavelmente tem um baixo grau de civilização. Os mais pobres são os que mais sofrem com a falta de qualidade de vida, provocada pela desigualdade. No entanto, essa forma de desigualdade também interfere em outras classes sociais, pois a deterioração da vida pública é uma consequência, que causa a perda do valor da vida em comunidade e também a elevação da *criminalidade e violência* (BARATAS, 2009, p.50).

As desigualdades sociais em saúde são manifestações de determinantes sociais do processo saúde-doença. Os desfechos de saúde não são específicos a nenhuma causa em particular, mas o resultado de processos sociais nos quais interferem inúmeras mediações. Portanto, nenhuma resposta médica resolverá o problema, nem intervenções que enfatizem o estilo de vida concebido como fruto de escolhas individuais. O enfrentamento das desigualdades sociais em saúde depende de políticas públicas capazes de modificar os determinantes sociais, melhorar a distribuição dos benefícios ou minorar os efeitos da distribuição desigual de poder e propriedade nas sociedades modernas (BARATAS, 2009, p.53).

De acordo com Baratas (2009) *através da produção de conhecimentos é possível averiguar a relevância em gerar indicadores próprio para a situação. Esses indicadores devem mensurar os fenômenos sociais e os resultados deles sobre a saúde, também pode-se construir técnicas estatística com a competência de refletir e analisar a confusa hierarquização desses processos.*

Ainda para a autora é necessária a construção de uma condição social mais igualitária e justa, onde ninguém seja considerado inferior por não fazer parte do padrão estabelecido. Possivelmente essas ações resultará em *profissionais da saúde coletiva* mais comprometidos com a construção e implantação de política públicas adequadas as situações, isso se dará através da junção dos conhecimentos de diferentes fontes (BARATAS, 2009, p. 110).

[...] De maneira ainda mais espetacular observa-se o crescimento da riqueza dos países mais ricos, cujo PIB per capita passou de US\$ 1.756,00 para o Reino Unido em 1820, e a US\$ 87.829,00 para Luxemburgo em 2006. Resumo da ópera: os países pobres ficaram cada vez mais pobres e os países ricos cada vez mais ricos durante os últimos dois séculos. A diferença de esperança de vida ao nascer entre a população do Zimbábue e a de Luxemburgo é de 41,2 anos, ou seja, um recém-nascido em Luxemburgo pode esperar viver cerca de quarenta anos a mais do que outro no Zimbábue (BARATAS, 2009, p. 44).

Reconhecer as desigualdades sociais em saúde, buscar compreender os processos que as produzem e identificar os diferentes aspectos que estabelecem a mediação entre os processos macrossociais e o perfil epidemiológico dos diferentes grupos sociais é imprescindível no intuito de construir maneiras de enfrentar, tanto na esfera de política pública quanto da vida cotidiana (BARATAS, 2009, p. 109).

O capitalismo nos impõe um jeito de viver, de trabalhar, de vestir, de comportar que nos limitam, não nos deixam tempo de aprender a cuidar da saúde individual e coletiva. As pessoas se sentem muito "a parte" do processo da saúde-doença, tão a parte que não dimensionam os problemas nem a curto, médio ou a longo prazo. E esse sentimento de estar "a parte" do processo de produção da saúde e da doença acaba fortalecendo políticas públicas que colocam em risco toda a saúde da população.

Os conceitos abordados anteriormente tanto sobre saúde como doença, estão presentes nas falas dos assentados/as entrevistados/as. No entanto, mesmo estando mais próximos do contato com os agrotóxicos, os sitiantes alegam que eles têm a oportunidade de ter uma vida mais saudável que as pessoas da cidade. Agregam isso a oportunidade que tem de produzir a maioria dos alimentos consumidos, mesmo sendo envolvidos pela contradição da sedução pelos alimentos "mais fáceis", de serem usados. Segundo o assentado da família

Mas aqui do sítio saúde e às vezes não seja uma questão tão difícil de você relevar até porque você consegue ainda manter uma estabilidade em questão de alimentação essas coisas né. Agora eu acho que é, a dificuldade maior mesmo que às vezes é muito difícil a pessoa da cidade, agora para nós não, eu vejo por um lado mais, tipo assim alimentação que você pode produzir, um alimento mais saudável você pode consumir alguma coisa mais saudável né. Agora já na questão de agrotóxico essas coisas, desse jeito e pode até voltar atrás, por que você não usa só o que você produz. A gente usa muitas coisas que às vezes outras pessoas produzem e cada um produzem suas coisas de forma diferente né, usa de forma diferente, então aí é onde já se torna mais difícil. Porque às vezes você vevi uma vida tranquila no sítio, a saúde significa isso para nós hoje (Família 7, Assentamento 17 de Abril, 2021).

Em nome da "evolução" vem o incentivo ao consumismo incontrolável, de "coisas" que não garantem a saúde. *Apesar da ciência ser idealizada como dona da verdade, a verdade é que pode-se adiar um pouco a morte, mas não comprar a vida.* É indubitável que a maior financiadora da indústria farmacêutica é a desigualdade social, o que a maioria da população infelizmente não consegue perceber. No entanto, algumas famílias com um jeito simples e peculiar apontam saberes necessários a população do campo;

A saúde pra nós, no meu modo de pensar é a primeira coisa que nós temos que

defendê-la, porque a saúde é a prioridade das pessoas, a única coisa que nós tem que fazer é acreditar mais nos remédios caseiros, porque hoje a medicina convencional, tem muitos dos medicamentos ao invés de fazer bem faz é mal pra gente, então os remédios caseiros é só a gente sabe usar, que as pessoas hoje não sabe muito usar, os remédios caseiros muitas das coisas que previne muito mais a saúde que remédio convencional (Família 10, Assentamento 17 de Abril, 2021).

A saúde não está ligada somente a medicina dos remédios, mas principalmente ao equilíbrio social. Por isso, desde os primórdios a humanidade de várias maneiras sempre está em busca desse equilíbrio. No entanto, não há uma verdade absoluta quando falamos sobre saúde, é preciso saber reconhecer que existe muitas maneiras de buscar a saúde e a cura. Inclusive através da sabedoria dos povos da terra. Segundo declaração da própria OMC, destacada pelo autor;

Tomo como marco histórico simbólico da dissociação entre saúde, medicina e cultura a conferência de Alma Ata, realizada na União Soviética, em 1978. Nela o diretor geral da Organização Mundial da Saúde declarou a incapacidade da medicina tecnológica e especializada para resolver os problemas de saúde de dois terços da Humanidade, fazendo um apelo aos governos de todos os países para o desenvolvimento de formas simplificadas de atenção médica destinadas às populações carentes no mundo inteiro, com o correspondente esforço no campo da formação de recursos humanos, utilizando-se, para isso, os próprios modelos médicos ligados às medicinas tradicionais. “Saúde para todos no ano 2000” foi o lema então lançado (LUZ, p. 152, 2005).

Segundo LUZ (2005), pode-se perceber pelo menos três agrupamentos de “medicina alternativa” na América Latina, sendo que parte da população tem as mesmas como expressivas em suas vidas, a função e estágio dessas medicinas varia conforme o país e seu “*desenvolvimento urbano-industrial e sua história cultural*”. A *medicina tradicional indígena*, é de uma variedade imensurável, no entanto se baseia em um mesmo paradigma. A *medicina de origem afro-americana*, também é de uma variedade plural, mas um pouco mais homogênea. Sendo a terceira as medicinas alternativas de origem de *sistemas médicos mais complexos* a pouco trazidas pelos países ocidentais na cidade. Ainda para o autor;

As medicinas tradicionais indígenas, fortemente enraizadas nas culturas locais dos países sul-americanos, sobreviveram como puderam ao massacre cultural do período histórico da colonização, e ao da modernização que lhe sobreveio com o século XIX. Caracterizam-se como sistemas de cura nos quais a integração ou harmonia homem/natureza, e natureza/cultura é um sinônimo do que designaríamos, em nossa cultura, de equilíbrio para os indivíduos, e uma garantia de saúde para a comunidade (LUZ, p.155, 2005).

Para LUZ (2005), a denominação *fitoterapia* se origina da cultura ocidental, onde acredita-se que na natureza e encontra possibilidades de *cura* e recuperação. *As ervas, os*

minerais e não raramente os animais de cada região fornecem as bases terapêuticas desse sistema de cura, não exclusivamente operado por xamãs. A cura e a recuperação podem ser estabelecidas também pelos “erveiros”, farmacêuticos populares, benzedeiros, parteiras, entre outros contemporâneos que proporcionam a cura, utilizando terapias que originam da tradicionalmente dos indígenas da América do Sul. Este tipo de medicina esteve e ainda está presente na vida das pessoas, como aponta a família entrevistada.

Os pais a exemplo dos avós, eles recorriam a medicina alternativa, sempre que tinham o conhecimento eles buscavam através das ervas, através até do benzimento, que era a cura mais espiritual, que se usava muito naquela época, até parte da nossa infância isso aí era muito visto, muito usado, mais geralmente se usava as plantas como fonte de cura né (Família 1, Assentamento 17 de Abril, 2021).

De origem xamânica, no entanto mais ligada a um cunho religioso do que a medicina tradicional indígena, a medicina afro-americana é bem relacionada a pessoas de origem africana que foram trazidas pelos escravocratas e colonizadores europeus para América do Sul e América Central (LUZ, p. 154-156, 2005).

Esse tipo de medicina tradicional se estabeleceu com mais força nas fazendas e centros urbanos sob a influência da presença dos escravos, que também usa a fitoterapia como forma de cura e tratamento. Um outro recurso usado por essa medicina é o espiritual. Sendo assim, *através da figura do pai de santo ou mãe de santo, que opera terapeuticamente intermediando entidades espirituais, divindades de diversas hierarquias, geralmente em rituais em que possessão e exorcismo podem ter papel importante na cura* (LUZ, p. 154-156, 2005).

Segundo LUZ (2005) o grupo estabelecido como terapias *alternativas, paralelas ou complementares* à biomedicina, são inseridas na *cultura urbana dos países latino-americanos* nos resses vinte anos. A homeopatia, medicina tradicional chinesa, medicina ayurvédica que tem uma racionalidade própria se enquadram nesse tipo de *sistemas médicos complexos* que se dominam atualmente como terapias complementares [...].

2. A LUTA POR TERRAS NO MATO GROSSO DO SUL: por uma vida saudável

A cada dia a situação da classe trabalhadora do campo tem piorado, principalmente, agora em meio a Pandemia do Corona vírus (2020). Mesmo que o capitalismo esteja em crise, ainda continua aumentando a concentração de renda, transformando "os ricos em cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres". O aumento do desemprego, a concentração de terras, a privatização de empresas públicas, somadas ao incentivo do consumo; faz com que os seres humanos e animais principalmente sejam parte de um grande mercado, tudo é vendido ou comprado, inclusive a saúde.

Para garantir a saúde dos animais e das pessoas, não basta apenas assistência médica veterinária ou humana, a prevenção é um dos pontos mais importantes. Garantir que as enfermidades não dominem a sociedade, é desbancar o interesse e lucro das grandes corporações que vendem medicamentos e agrotóxicos, e também pressupor principalmente uma vida digna e saudável as pessoas do campo e da cidade.

Quadro 02: Esse apresenta de maneira resumida 3 olhares de cada conceito que são importantes neste “capítulo”.

CONCEITOS DE PRODUTOS DA INDÚSTRIA QUÍMICA			
NOMES	1	2	3
Agrotóxico	Agrotóxicos são produtos químicos sintéticos usados para matar insetos, larvas, fungos, carrapatos sob a justificativa de controlar as doenças provocadas por esses vetores e de regular o crescimento da vegetação, tanto no ambiente rural quanto urbano (BRASIL, 2002; INCA, 2021).	Conhecidos também como agroquímicos ou defensivos agrícolas, os agrotóxicos são produtos químicos utilizados, em especial, no setor de produção agrícola, para proteger plantas e grãos de pragas e doenças que possam, em questão de poucos dias, comprometer o desenvolvimento de plantações inteiras (SYNGENTA, 2022)	Outro problema que merece atenção refere-se às embalagens vazias de agrotóxicos que não podem ser descartadas sem o cuidado necessário. Elas oferecem riscos ao meio ambiente e podem comprometer a saúde das pessoas e dos animais (AGRINHO, 2014)

Medicamento	<p>Medicamento é o produto farmacêutico, tecnicamente obtido ou elaborado, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico (BRASIL, 2010b).</p>	<p>Os medicamentos são produtos farmacêuticos tecnicamente obtidos ou elaborados, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico segundo a definição da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).</p>	<p>De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), os medicamentos “são substâncias ou preparações elaboradas em farmácias (medicamentos manipulados) ou indústrias (medicamentos industriais), que devem seguir determinações legais de segurança, eficácia e qualidade”. Isso quer dizer que os medicamentos são compostos por substâncias que possuem eficácia comprovada cientificamente e que passaram por um rigoroso controle técnico (BRASIL ESCOLA, 2022).</p>
Remédio	<p>Remédio é todo e qualquer tipo de cuidado utilizado para curar doenças ou aliviar sintomas, desconforto e mal-estar. Por exemplo, uma massagem para diminuir as tensões, um chá caseiro, hábitos alimentares saudáveis e atividades físicas para evitar o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis (BRASIL, 2010a).</p>	<p>Remédio é um termo amplo, aplicado a todos os recursos terapêuticos utilizados para combater doenças ou sintomas, como: repouso, psicoterapia, fisioterapia, acupuntura, cirurgia, etc. Muitas vezes, não há necessidade de utilizar medicamentos para resolver problemas de saúde, um remédio já pode fazer efeito. Por exemplo, uma compressa fria em casos de contusão por uma queda (COMUNIDADE FARMACÊUTICA BRASILEIRA, 2015).</p>	<p>Um remédio é qualquer substância ou recurso utilizado para obter cura ou alívio (WIKIPÉDIA, 2022)</p>

Fonte: Pesquisa no <https://www.google.com.br/>

Segundo REPÓRTER BRASIL (2010), o termo “agrotóxico” no ano de 1977, foi utilizado essa palavra no livro de Adilson D. Paschoal (USP). Quarenta, posteriormente a

cerca de 4 décadas o criador do termo questiona a mudança de agrotóxico para defensivo agrícola, tendo o intuito de esconder a real “natureza tóxica” do produto. Modificar a nomenclatura até pode aparentar um pormenor mediante as outras alterações, no entanto para o professor da USP é muito relevante e tendencioso.

O termo agrotóxico tem origem do grego: ágnos (campo) e toxicon (veneno). Segundo Adilson Paschoal, ao contrário do que dizem os críticos, não se trata de uma prática ideológica destacar a origem tóxica do produto. “É o emprego de um vocábulo com todo o rigor exigido pela ciência e a exatidão terminológica exigida pelo nosso idioma”, explica, em entrevista à Agência Pública e Repórter Brasil. Antes do seu famoso trabalho de 1977, termos como pesticida, praguicida, defensivo agrícola e biocida eram usados nos campos científico e etimológico brasileiro, enquanto nas ruas e no campo “veneno” era a palavra mais comum (REPÓRTER BRASIL, 2019).

Mas como é possível ter saúde e garantir a de nossos animais (principalmente os de produção)? É possível ter acesso a alimentação saudável e digna? Sem o básico de direitos sociais, sem escola, sem casa, sem-terra, sem trabalho, sem segurança, sem lazer, etc; A saúde do ser humano e dos animais está presente aqui nesse assentamento? Afinal a saúde é um direito de todos? Quem deve dimensionar a saúde da sociedade? Temos como escolher ser saudável ou não? Como se abstrai a consciência do povo para não lutarem por saúde e vida digna? Segundo a família 2, o cuidado com a saúde requer vários fatores;

Então se inicia a partir da alimentação, a alimentação é o ponto fundamental pra gente ter uma vida saudável, uma vida longa, uma vida aí sem se prejudica. Então minha vó por exemplo, a gente quantas vezes tinha alguma recaída, a gente procurava ser tratado com medicamentos naturais, à base de folhas que eu não sei quase nenhum, se eu precisar trata com um medicamento natural eu não sei. Então aquele tempo eu já fiquei com algumas dificuldades antigamente, então era isso aí, ia pro medico quando não tinha jeito mesmo e as vezes tomava um remédio ajudava numa coisa e prejudicava outra. Então eles tinha esse conhecimento, e hoje as pessoas estão distantes disso aí, porque moram a maiorias em áreas urbanas, e então não temos esse conhecimento aí, mais as pessoas que moravam em áreas rurais tem muito deles que ainda trata com medicamentos naturais que e acaba resolvendo (Família 2, 2021, Assentamento 17 de Abril,).

São muitos os questionamentos cotidianos, que levam poucas pessoas a refletirem e apresentarem alternativas para sua própria vida, com relação a sua saúde e de seus animais. Essa tarefa de preservação da saúde deveria ser individual e coletiva, mas também foi terceirizada, ou seja, transformada em mercadoria. Tanto o organismo dos animais (incluindo o ser humano) como o dos vegetais e o próprio solo e água se tornaram um depósito de poluentes tóxicos (agrotóxicos, “medicamentos”, conservantes, dentre outros). Para a família 1 (2021),

A gente faz o mínimo de cuidados, mas tendo em vista toda a industrialização, toda evolução da indústria química na agricultura, se torna quase impossível a gente não ter contato com todas essas coisas que prejudicam, questão dos agrotóxicos principalmente. A gente se cuida no máximo, a gente tenta não consumir muitos produtos industrializados né, a gente tenta evitar a gente tenta também usar o mínimo de químico na produção própria, quando a gente produz os alimentos lá no sítio, e é dessa forma, evita mais o industrializado e se protege produzindo partindo pro orgânico (Família 1, Assentamento 17 de Abril, 2021).

Então para os seres pensantes, fica fácil analisar; comemos e bebemos alimentos e nutrientes para viver, e tudo vem da terra, seja produtos primários, secundários ou terciários. Então por que não sabemos mais cuidar da nossa saúde e de nossos animais? Porque na agricultura para tudo tem que ter um profissional que orienta ou indica e soma maioria, um medicamento químico ou um agrotóxico para lavoura ou animais? Em uma matéria o jornal aponta como a indústria da mercadoria está presente em tudo;

A indústria farmacêutica está repleta de escândalos. É um setor delicado, pois lida com vidas humanas. Mas segue a fria lógica do capitalismo: se não dá lucro, não interessa. Essa lógica do lucro acima de tudo serve para medicamentos, sabonetes, guarda-chuvas ou qualquer outra mercadoria inserida em uma cadeia produtiva industrial em regime de concorrência neoliberal (BRASIL DE FATO, 2019).

O sistema capitalista promove junto ao mundo da mercadoria a dependência e consumo exacerbado, sendo que agronegócio é quem legitima esse tipo de consumo na área rural. A ideologia capitalista sucinta tudo como se fosse o mundo da mercadoria e do consumo, inclusive dos bens que deveria ser bens com valor de uso, como a água a terra.

Uma das consequências desse tipo de ideologia aos humanos é a sensação de dependência do mercado para produzir, cuidar e adquirir os produtos de consumo alimentício, por exemplo. Uma outra questão é ideia de que a indústria fabrica tudo sem matéria-prima ou que os alimentos são produzidos pelo agronegócio. A família 1 fala da dificuldade de relatar as imposições do sistema;

A gente faz o mínimo de cuidados, mas tendo em vista toda a industrialização, toda evolução da indústria química na agricultura, se torna quase impossível a gente não ter contato com todas essas coisas que prejudicam, questão dos agrotóxicos principalmente. A gente se cuida no máximo, a gente tenta não consumir muitos produtos industrializados né, a gente tenta evitar a gente tenta também usar o mínimo de químico na produção própria, quando a gente produz os alimentos lá no sítio, e é dessa forma, evita mais o industrializado e se protege produzindo partindo pro orgânico (Família 1, 2021, Assentamento 17 de Abril).

Em uma pesquisa antiga exposta pelo *Greenpeace Brasil* (2004), cerca de 16 anos atrás, foi publicado que o ser humano enquanto indivíduo era contaminado por até 200

“produtos sintéticos”, no entanto, todo ano surge novas substâncias, todos os produtos que têm longo prazo de duração contem muito desses poluentes, que vários desses são associados a muitas doenças, como câncer e problemas no desenvolvimento embrionário.

Um dos exemplos eminentes quanto ao risco à saúde humana é o uso excessivo e abusivo de agrotóxicos e medicamentos na produção da alimentação humana. O Brasil é o país que mais utiliza o atualmente chamado de defensivo agrícola (agrotóxico) no mundo, tendo em vista, que são muitos os casos de intoxicação por esses produtos com usos autorizados ou não. Sendo a saúde um direito universal, a pergunta é como anda a saúde do brasileiro? Importante observar os dados:

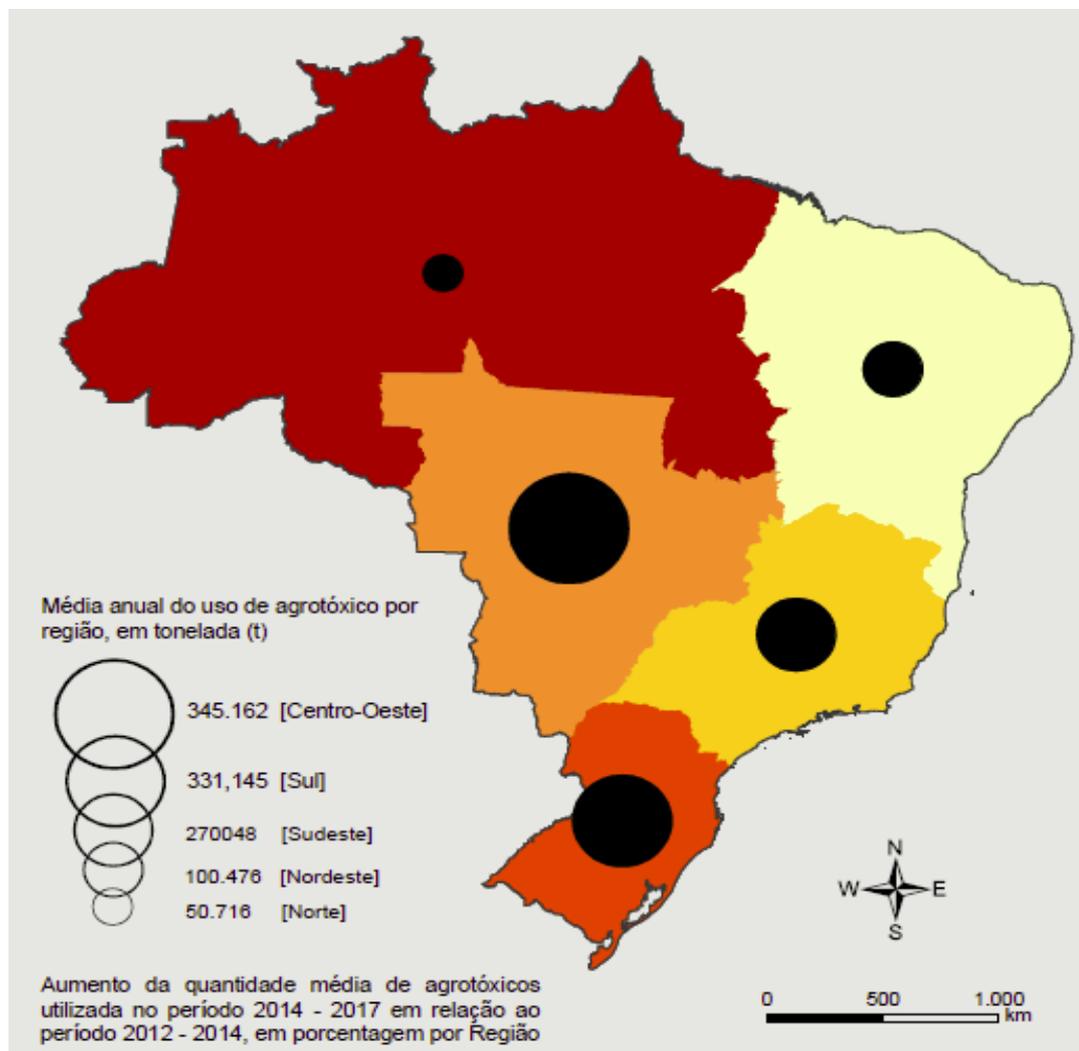
A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima a ocorrência de cerca de 3 a 5 milhões de intoxicações agudas provocadas pela exposição aos agrotóxicos anualmente no mundo, com aproximadamente 220 mil mortes por ano. Segundo o Ministério da Saúde e a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), para cada caso notificado existem outros 50 não notificados, o que sugere que esse número poderia chegar a 250 milhões de pessoas intoxicadas e 1.100.000 mortes por ano (SANTOS, et al. 2015, p.8).

Segundo o jornal Correio do estado (2018) no Mato Grosso do Sul (MS) o aumento da taxa de uso de agrotóxico é de 36% em cerca de 11 anos, em números isso representa que em 2006, 11.403 produtores disseram que usaram agrotóxico nas plantações, tendo em vista que em 2017 o índice passou para 15.547 usuários. O jornal ainda ressaltou que nesse mesmo período em todo o Brasil o aumento foi de 21,2%. Um outro jornal publicou a seguinte matéria sobre a comercialização dos agrotóxicos;

Mato Grosso do Sul é o que mais comercializa agrotóxico no País. É o que apontam dados do Relatório Nacional de Vigilância em Saúde de Populações Expostas a Agrotóxicos, elaborado pelo Ministério da Saúde em 2018. De acordo com o estudo, de 2013 para 2014, MS apresentou o maior percentual de aumento da comercialização de agrotóxicos, em dados absolutos, com 102,2%. O Estado também ficou em 4º lugar entre os estados que apresentaram o maior crescimento da comercialização de agrotóxicos por área plantada, com 24,31 kg/ha (PROGRESSO DIGITAL, 2019)

Informações no site do Departamento de Inspeção e Defesa Agropecuária (IAGRO) alegam que Mato Grosso do Sul é o 7º maior usuário "defensivos agrícolas no Brasil. O Ministério da Agricultura e Pecuária confirma com dados de 2007 a 2012, onde a taxa de uso era de 4,44 kg/ha e passou para 10,69 kg/ha, em uma área de lavoura de 3 milhões de hectares (IAGRO, 2020). Já no mapa a seguir podemos observar o uso de agrotóxicos dos anos de 2014 a 2017;

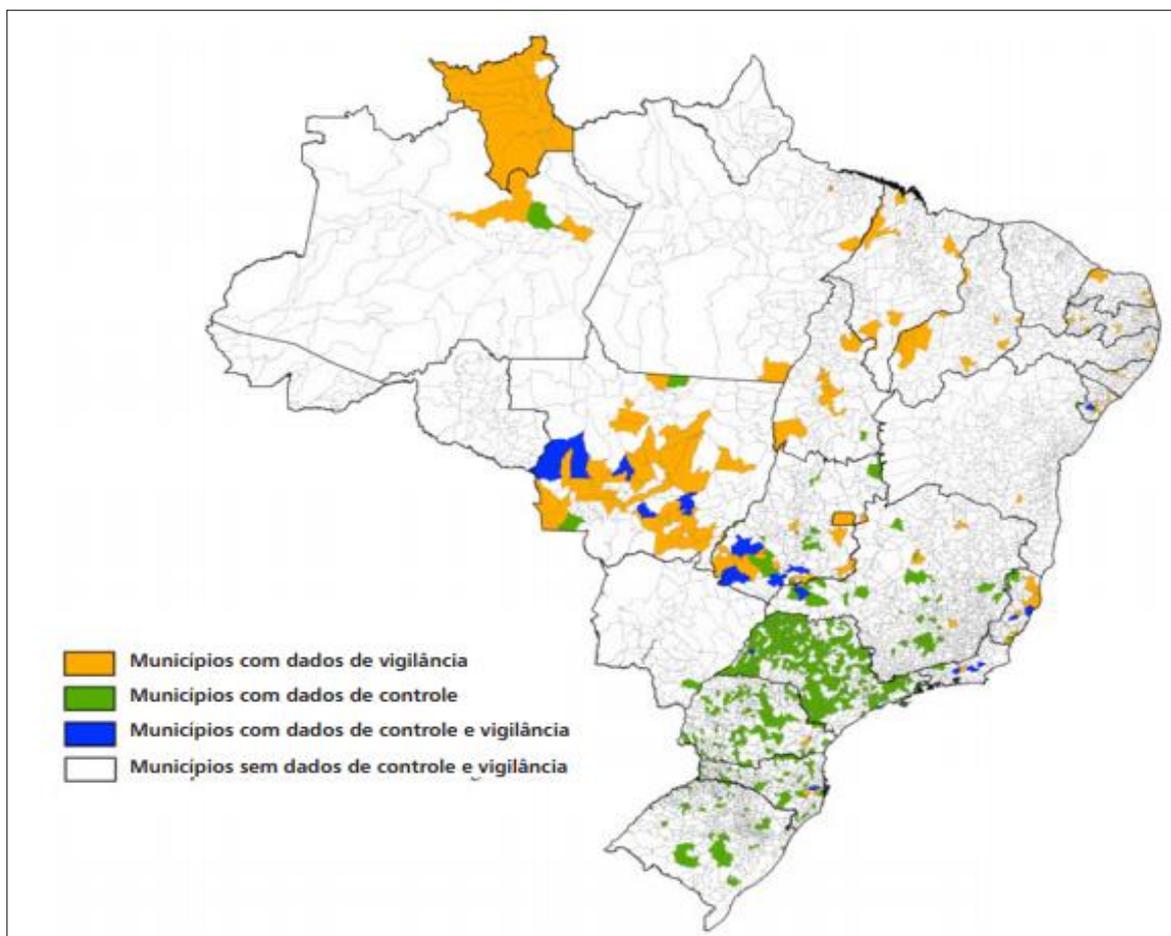
Figura 2: Aumento da média anual do uso de agrotóxicos no Brasil, sendo que representam respectivamente em porcentagem as Regiões: Norte < 1, Nordeste entre 1,01-10,00, Sudeste ente 10,01-20,00, Sul entre 20,01-50,00 e Centro Oeste > 50,01.



Fonte⁶

6 Mapa adaptado dos autores: Prof^a Dr. Larissa Mies Bombardi e Dr. Pablo Luiz Maia Nepomuceno, que fazem parte do Programa de Pós Graduação em Geografia Human-USP, Laboratório de Geografia Agrária e Laboratório de Aerofotogeografia e Sensoriamento Remoto. Fonte: IBGE 2017 - Censo Demográfico 2019.

Figura 3: Distribuição espacial dos municípios que realizaram o monitoramento de agrotóxicos em água para consumo humano – Brasil (2014)



Fonte: Ministério da Saúde

Como é possível notar no mapa acima, o Mato Grosso do Sul está praticamente branco, o que significa que os municípios desse estado não tinham dados de monitoramento de controle e vigilância de presença de agrotóxicos nas águas de consumo humano (Ministério da Saúde, 2014). Dos 78 municípios do MS, apenas um fazia o monitoramento, Naviraí.

2.1 “Agrotóxicos presente, presente, presente”!

Segundo estudo feito pelo Ministério da Saúde (2014-2017), as águas de 65 municípios do Mato Grosso do Sul estão contaminadas com pelo menos 27 tipos de agrotóxicos. Sendo que em Campo Grande foram encontrados todos os 27, tendo em vista que 11 deles são associados a doenças crônicas com câncer, defeitos congênitos e distúrbios

endócrinos (Enfoque MS, 2019).

Um fato interessante ocorreu na região de Dourados trazendo benefícios à população. O Ministério Público Federal (MPF) e Ministério Público de Mato Grosso do Sul (MP/MS) condenou os governos Federal e Estadual a garantirem habilitação de Laboratório de Saúde Pública no estado de MS (Lancen/MS) a efetuar o monitoramento das águas de consumo humano da região de Dourados através de pesquisas periódicas. Ainda houve uma multa de 90 milhões pelo descumprimento de uma liminar de 2016 que já determinava a análise da água. A sentença obrigou que a multa seja usada na capacitação e aparelhamento do Lancen/MS (Ministério Público de Mato Grosso do Sul, 2019).

No dia 28 de junho de 2019 foi realizada a solenidade de lançamento do Laboratório de Análises Ambientais da Embrapa, cujo a função é monitorar as bacias hidrográficas do MS quanto a presença de agrotóxicos (EMBRAPA, 2019). No entanto, ainda não há dados publicados sobre esse monitoramento, mas há uma grande expectativa com o compartilhamento público dos dados das pesquisas de monitoramento.

Ainda sobre o estudo da presença de agrotóxicos nas águas para o consumo humano, nos municípios de Nova Andradina, Ivinhema, Batayporã, Taquarussu, Anaurilândia e Bataguassu também havia presença dos 27 tipos de agrotóxicos, sendo 11 de deles associados as mesmas doenças relacionadas a acima (NOVA NEWS, 2019). Complementado as informações o jornal continua;

Os números revelam que a contaminação da água está aumentando a passos largos e constantes. Em 2014, 75% dos testes detectaram agrotóxicos. Subiu para 84% em 2015 e foi para 88% em 2016, chegando a 92% em 2017. Nesse ritmo, em alguns anos, pode ficar difícil encontrar água sem agrotóxico nas torneiras do país (NOVA NEWS, 2019).

Não há muitas informações atuais e pontuais sobre o uso e intoxicação por agrotóxicos. Podemos perceber essa lacuna em artigos, livros, dissertações e teses. Quando se trata de denúncia há toda uma dificuldade de publicação por parte de alguns órgãos. Seria pelo poder manipulação das grandes empresas produtoras dos defensivos agrícolas”.

Outra questão que o jornal Nova News ainda aborda é com relação a como as informações são passadas ao público:

Embora se trate de informação pública, os testes não são divulgados de forma compreensível para a população, deixando os brasileiros no escuro sobre os riscos que correm ao beber um copo d'água. Em um esforço conjunto, a Repórter Brasil, a

Agência Pública e a organização suíça Public Eye fizeram um mapa interativo com os agrotóxicos encontrados em cada cidade. O mapa revela ainda quais estão acima do limite de segurança de acordo com a lei do Brasil e pela regulação europeia, onde fica a Public Eye (NOVA NEWS, 2019).

Correlacionado ao tema dos agrotóxicos no Mato Grosso do Sul, há uma pesquisa muito interessante feita pelo Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), que é sobre a contaminação encontrada em Antas vivas e mortas. Mesmo sendo um animal “selvagem”, a anta está muito próxima as comunidades habitadas por pessoas, principalmente no meio rural.

O relatório técnico feito por pesquisadores do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), com o intuito de avaliar o "Impacto de Agrotóxicos e Metais Pesados na Anta Brasileira (*Tapirus Terrestris*) no estado do Mato Grosso do Sul, Brasil, e Implicações para saúde Humana e Ambiental", demonstraram o quanto os agrotóxicos estão presente em lugares perigosos para o meio ambiente e saúde humana (IPÊ, 2018) .

Esse estudo realizado com as Antas brasileiras (animais capturados e carcaças de antas atropelados nas rodovias), entre os municípios de Nova Alvorada do Sul e Nova Andradina/MS gerou um motivo de grande preocupação com a saúde humana, pois foram examinadas várias partes do animal, com o intuito de avaliar a presença ou não de agrotóxicos (IPÊ, 2018). É possível observar na tabela a seguir e nos mortos.

Quadro 3: Amostras biológicas coletadas de antas capturadas e atropeladas no Mato Grosso do Sul, entre setembro de 2015 e maio de 2017, e substâncias tóxicas avaliadas.

PROCEDÊNCIA DAS AMOSTRAS	TIPO DE AMOSTRA	N	SUBSTÂNCIAS AVALIADAS
CAPTURAS	SANGUE	29	ORGANOFOSFORADOS / ORGANOCLORADOS
ATROPELAMENTOS	COXIM	85	ORGANOFOSFORADOS / ORGANOCLORADOS
	PROBÓSCIDE	17	ORGANOFOSFORADOS
	CONTEÚDO ESTOMACAL	27	CARBAMATOS
	FÍGADO	26	ORGANOFOSFORADOS / ORGANOCLORADOS PIRETRÓIDES / METAIS PESADOS
	SANGUE	13	ORGANOFOSFORADOS / ORGANOCLORADOS
	OSSO	22	METAIS PESADOS
	UNHA	23	METAIS PESADOS
TOTAL	7	242	5

Fonte: IPÊ, 2018.

O Potencial de contaminação dos agrotóxicos é atualmente desmedido, pois se a anta é um animal que vive no meio ambiente, como acontece essa contaminação? Inclusive segundo a pesquisa do IPÊ, encontraram a presença do "ALDICARB" um agrotóxico proibido no

Brasil (IPÊ, 2018).

A palavra agrotóxico para muitos sul-mato-grossenses parece estar ligado quase que exclusivamente a ideia de plantações, de grandes lavouras, pragas. Diante disso, questiono o quanto dessa contaminação envolvendo animais selvagens também estão presentes nos animais domésticos?

Tenho presenciado a utilização de muitos medicamentos e agrotóxicos na vida cotidiana dos assentados. Um exemplo citado pelos autores sobre é a questão do uso de "veneno" nos animais; Segundo a família 5 (2021), *“o contato que a gente tem com veneno e essa questão do veneno veterinário mesmo, é só isso que a gente usa, mas a gente sabe que é prejudicial, isso aí é o mal causado pela humanidade ao longo de séculos”*. Para o autor:

Os produtores alegam falta de instrução para se obter um bom resultado com os ditos métodos mais naturais, uma vez que eles até aplicam algumas técnicas, mas acabam desistindo, pois, o problema persiste. Eles apontam como caótica a situação que se encontram, tendo que utilizarem cada vez mais agrotóxicos e nas medidas não recomendadas para atingirem a mortalidade dos carrapatos, por exemplo (KALKUSKI, et al., 2018, p.4)

A contaminação dos produtos derivados de leite pode ocorrer de várias maneiras, pelo uso de agrotóxicos e medicamentos, através do consumo de alimentos, contato dos animais com o solo, água e ar contaminados. Também são usados produtos na limpeza das salas de ordenha e nos currais, e para tentar garantir uma “suposta” saúde, usa-se medicamentos e venenos veterinários no controle de endo e ectoparasitas no gado leiteiro (LEMOS, 2018, p. 41).

A atividade leiteira se apresenta de forma geral, como a principal linha de produção desenvolvida nos assentamentos de Reforma Agrária do Mato Grosso do Sul (MS) e também por muitos produtores individuais. Segundo um dos militantes do MST este estado é onde concentra mais latifúndios de terra, a maioria pertence aos grandes produtores, de lavouras e de gado de corte. Nas últimas décadas o cenário está mudando, muitas usinas de cana se instalaram no MS.

3. MST: OUTRAS ATITUDES SÃO POSSÍVEIS NA AGRICULTURA

Por outro lado, com a organização de parte da sociedade, através da luta pela terra, muitas famílias Sem Terra, hoje, estão presentes nos assentamentos de Reforma Agrária e outras formas de possuir a terra. São cerca de 204 assentamentos no MS (INCRA, 2020). Muitos municípios atualmente, não aplicam políticas de incentivo aos agricultores, mesmo sendo provado na prática que os assentamentos além de melhorar a renda per capita da cidade, oportuniza a qualidade de vida a várias pessoas que moram no sítio e na cidade.

Sendo assim, a importância da implantação de medidas que buscam melhorar a produção dos assentados não é uma demanda apenas rural, lembrando um dos antigos gritos de ordem dos movimentos de luta pela terra, **“se o campo não planta, a cidade não janta”**.

Um dos principais desafios encontrado no processo de discussão, elencados pelas famílias dos assentamentos e pequenos produtores dos municípios (que tem assentamentos) é em relação a saúde dos humanos e dos animais. E aqui no assentamento 17 de Abril não é diferente, pois os agricultores se sentem reféns dos insumos de produção.

Com relação a persistência dos problemas relacionados a saúde dos animais, que são importantes para na base da produção dos assentados, é visto que impede acúmulos crescentes do ponto de vista econômico. No entanto, a necessidade que os agricultores têm de uso de medicamentos e “venenos”, para tentar garantir a produção tem comprometido uma renda justa ao pequeno produtor principalmente. Segundo a assentada sobre o uso de medicamentos;

A questão é que é caro, sendo caro ou não, a gente precisa, não se não encontra nada barato em lugar nenhum né. Mas a gente usa assim, os remédios que é de veterinária para a criação a gente usa bastante a Terramicina, aquela pasta de teta mamária (pra mastite), tribissem, que mais, valbazen, mercepton, ripercol, são os que a gente mais usa né. E geralmente assim e de repente lá de vez em quando, estiver muito numa necessidade de um animal que tá travado, se machucou alguma coisa assim, a gente usa o agrovit. São remédios assim que a gente mais usa. Em alguns casos resolve, porque em alguns casos você faz o medicamento você sente que fez o efeito que você esperava. Mais em alguns casos você faz ali, parece até que o remédio não tem química não, parece é uma água ou de repente um trigo que você passou. Agora mesmo, no momento, estamos com duas vacas, todas duas com o teto rachado, e passa uns remédios lá, todo dia, todo dia, pensa numa demora para fechar, parecendo que esse remédio não faz efeito nenhum. E eu fico perguntando para ele (esposo) se você tá passando o remédio todo dia. E digo misericórdia do céu, mas não dá também para você falar assim, ah eu não uso, eu quero ver aí qual é o criador produtor de repente e não usa nenhum tipo de químico com o gado? (Família 7, Assentamento 17 de Abril, 2021).

Diante desse problema tenho percebido a necessidade de desenvolver ações que possam realizar uma intervenção nessa realidade presente no campo. Buscar compreender

como o que os assentados têm buscado para enfrentar esses problemas que emergem em suas criações é fundamental para que estabeleçamos diálogos e ações efetivas e ambientalmente saudável para possibilitar um cuidado adequado ao animal e conseqüentemente, maior produção de leite, proporcionando também a diminuição de custos de produção.

3.1. Resumo Histórico do Assentamento 17 de Abril

Existem 9.437 assentamentos em todo o País, ocupando uma área de 87.953.588 hectares (INCRA). O MST é um movimento social oriundo socioculturalmente das “Ligas Camponesas”, que atuaram até pelos anos de 1964, quando o regime militar praticamente erradicou com esse movimento de camponeses. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra deu continuidade nas formas de lutas das Ligas, pois tal qual o MST é independente que nasceu das batalhas dos camponeses travadas contra os latifundiários.

Para Morissawa, (2001), em meados de 1970, com a tal “Revolução Verde”, que veio a serviço do capital implantar um modelo de agricultura “mecanizado e moderno. A política agrária no Brasil em época de ditadura intuiu desarticular tanto a luta como a agricultura camponesa e incentivar a agricultura capitalista (dos grandes).

Utilizando-se dos “restos da 2ª Guerra mundial”, principalmente as máquinas e venenos substituíram muita mão de obra camponesa (assalariados do campo, arrendatários, posseiros...), foram excluídos do direito a trabalhar na terra, toda via no Sul do país. Entrelaçado a isso havia toda uma estratégia do governo para desmatar” florestas nos estados de Rondônia, Mato Grosso e Pará. Havia na época os projetos de “colonização” reduzido, ou seja, não havia terra para todos, propositalmente para que sobrasse de mão de obra barata para os desmatamentos e garimpos da região (MORISSAWA, p. 120, 2001).

Nessa época aumentaram ainda mais os latifúndios incentivados pelo governo, além de receber incentivo fiscal, recebiam as terras para explorar, tudo “legalizado”. Assim foi que esse território aqui, foi “doado” mais de 60 mil hectares para o grupo Teijin, que é um grupo de empresários japoneses, financiadores da “Fórmula 1” e donos da Toyota (dirigente do MST, local).

Nessa época o Brasil iniciou também um processo de industrialização muito forte, o que convencionava com o “êxodo rural”, mais mão de obra barata, no entanto já no final dos anos 1970 a indústria começa a entrar em crise. Houve muito desemprego, no ano 2000 foram

registrados e configurado pela mídia como o maior de todos os tempos (MORISSAWA, 2001, p. 120 e 122).

Expulsos do campo pela modernização da agricultura, expulsos da cidade pelo fracasso da industrialização, fica no ar então a pergunta que será respondida pela própria história do MST: que perspectivas restaram aos sem-terras? (MORISSAWA, 2001, p. 122).

A nível nacional os camponeses sentiam a necessidade da continuidade de organização social e da luta pela terra. Em meados dos anos de 1979, a semente do MST inicia o processo de germinação, tanto com a ocupação da fazenda Macali como outras lutas no Rio Grande e em outros estados. A CPT foi primordial para o surgimento do MST, sem ela esse movimento poderia não nascer ou retardar seu nascimento (MORISSAWA, 2001, p. 123).

Um novo período de “lutas massivas⁷”, onde os “Sem Terra”, começaram a organizar, principalmente ocupações de terras em vários lugares. No RS em 1980, as famílias excedentes ou que não estavam na ocupação da fazenda Macali e da Brilhante, se uniram e ocuparam a fazenda Annoni, na cidade de Sarandi. Foi uma época muito difícil e sofrida em plena ditadura, essas famílias receberam muita pressão psicológica e de força bruta por arte dos militares, mas as mesmas não desistiram e ficaram conhecidos como a luta na Encruzilhada Natalino (MORISSAWA, 2001, p. 125 a 133).

Nessa mesma época, década de 80, outros quatro estados também acirraram a luta pela terra, Santa Catarina a primeira ocupação foi na fazenda Barro Branco município de campo Erê e foi desapropriada em 1980; no Paraná foram várias ocupações ao mesmo tempo, o primeiro assentamento foi em 1985; em São Paulo também foram várias lutas e despejos ao mesmo tempo, mesmo assim as famílias continuavam a buscar o objetivo da terra. Nessas regiões a CPT, CEBs e outras entidades apoiavam e eram muito importantes a essas lutas (MORISSAWA, 2001, p. 125 a 133).

“Enquanto isso” no estado de nossa pesquisa, Mato Grosso do Sul, foram muitos os episódios que marcaram a luta dos “Sem Terras do MS”. A organização do acampamento dos Brasiguaios e a volta para o Brasil, a ocupação da fazenda Santa Idalina⁸ que foi muito difícil

7 O MST considera luta massiva quando há uma participação da maior parte das pessoas que fazem parte do movimento, por exemplo, uma marcha, protestos, mobilizações, tranamento de rodovias ou ocupações de terra em vários lugares ao mesmo tempo, a nível estadual ou nacional.

8 Informações com mais detalhes pode ler os livros “ A travessia do rio dos pássaros” ou “Os Brasiguaios” escrito por Cácia Cortêz, 1994.

e conflituosa se deu através da contribuição árdua da CPT. Até hoje o município de Novo Horizonte do Sul fundado pelos “Sem Terra” é conhecida pela cidade dos Brasiguaios.

Desde então, a organização do MST no Mato Grosso do Sul se deu através da CPT inicialmente, e posteriormente esse movimento seguiu nas parcerias, mas de forma independente. A luta pela terra nesse estado nunca foi fácil, pois esse é um dos estados onde se encontra a maior concentração de latifúndios do Brasil (MORISSAWA, 2001, p. 125 a 133).

3.1.1. Reforma agrária em Nova Andradina: Luta e resistência

O município de Nova Andradina, tem uma área total de 4.770,685 Km² (IBGE, 2020, tendo em vista que a área urbana equivale 7,663 Km² (estimativa da EMBRAPA) e a área rural é de 4.763, 022 km². Anteriormente pertencente a município de Bataguassu, Nova Andradina foi fundada em 20 de dezembro de 1958, e instalada oficialmente no dia 30 de abril de 1959. E tem uma população estimada de 55.224 pessoas, sendo que o último censo demográfico (2010) registrou cerca de 15% da população no campo.

Visto isso, a análise continua; a população rural de Nova Andradina é de 8.283,6 é de pessoas (IBGE), que vivem em uma área total de 476.302,200 ha (4.763,022 km²), tendo em vista que área destinada a reforma agrária é de 63.862,300 ha, que equivale a cerca de 13% das terras rurais e 412.439.900 há (87%) são latifúndios. Os assentamentos são distribuídos assim: Casa Verde com 29.859,99 ha (460 famílias); São João com 4.011, 90 ha (172 famílias); Santa Olga com 1.492,50 ha (168 famílias) e por conseguinte o Teijin com 28.497,82 ha (1056 famílias).

No resumo da história do assentamento relataremos o processo de luta pela terra especificamente das famílias do MST. Para o INCRA e outras entidades burocráticas, aqui neste local existe apenas o “assentamento Teijin”, no entanto, há uma divisão territorial e de movimentos sociais, sem prejuízos ou intrigas. A área total que os assentados dos dois movimentos sociais (FETAGRI e MST) compõe é de por volta de 28.430 hectares.

São 549 famílias da FETAGRI que como podemos ver no mapa fica mais perto de Nova Casa Verde, em uma área de cerca de 16.000 hectares, lá eles têm sua forma organizativa. As famílias do MST são 507 assentadas em uma área com cerca de 11.915 hectares. É importante salientar que apesar de estar bem evidente a estruturação dos

assentamentos e suas peculiaridades (nome, localização, movimento social, dentre outros) infelizmente há alguns trabalhos acadêmicos que continuam a ignorar essa questão.

Deixaremos bem evidente que iremos fazer o resumo histórico do Assentamento 17 de Abril do MST, assim como a pesquisa da referida dissertação será feita nesse território. Um território de lutas e conquistas, onde o MST teve um papel fundamental na criação do mesmo, “ ‘ocupar, resistir e produzir’ esse é o lema, unidos pra mudar o modo do sistema”.

A conexão com as lutas anteriores é inegável, a origem da maioria das famílias do Assentamento 17 de Abril é de Novo Horizonte do Sul, a cidade dos Brasiguaios. Essas famílias ainda viviam no período de 1999 grandes resquícios da falecia da indústria e êxodo rural no Brasil, causadas por um período de governo de ditadura que até os dias de hoje tem consequências visíveis na população.

O processo inicial de reforma agrária na fazenda Teijin não foi através da organização dos movimentos sociais apesar de ter uma ajuda da CPT e do sindicato em algumas questões. A desapropriação, algum tempo de acampamento e posteriormente surge o assentamento Casa Verde.

A antiga fazenda Teijin, foi doada para o grupo Teijin (grupo de sócios japoneses), por volta da década 70, ainda frente ao regime militar no Brasil⁹. Na época esse grupo se apossou de 62 mil hectares, além da terra o governo brasileiro aprovou um projeto de criação de um parque ecológico na área, com o nome “amigos da Natureza” (dirigente do MST).

No entanto, segundo relato de antigos moradores e funcionários da fazenda, as terras e os recursos naturais foram somente exploradas através de lavouras e criação de gado branco. O saldo dessa exploração foram a escassez de recursos naturais e dos animais que eram presentes anteriormente. “Não era parque ecológico amigos da natureza, o latifúndio sempre foi inimigo da natureza”.

O latifúndio Teijin, que “pertencia” ao grupo Teijin foi desapropriada em parte pela primeira vez em 1987, foram assentadas 460 famílias, hoje é denominado assentamento Casa Verde. Uma parte das famílias iniciaram a luta pela terra em 1984, acampados em barracos de lona organizados por sindicatos dos Trabalhadores Rurais e ações da Comissão Pastoral da Terra (CPT) (TORRES, 2016).

9 1 de abril de 1964 – 15 de março de 1985.

Segundo TORRES (2016), atualmente as famílias que foram contempladas no início são bem poucas que permaneceram. As famílias dessa época não tiveram acesso a recursos do governo federal. O autor ainda destaca a fala de um assentado que afirma: *“foram jogados em cima da terra e esquecidos pelo governo federal, sem nenhum tipo de assistência e financiamento”*.

Essa falta de apoio associada a terras arenosas, com alto nível de acidez e ao sonho das famílias de produzir lavouras resulta no desapontamento e abandono das terras por muitos assentados. Aos que permaneceram a alternativa foi de trabalhar com criação de gado leiteiro e gado de corte para venda (TORRES, 2016, p. 11 e 12).

Atualmente a base da produção é gado de corte e de leite, produtos de subsidio como hortas e criação de pequenos animais como: porcos, galinhas, cabritos e carneiros. Com a dificuldades passadas pelos acampados e posteriormente assentados, desde a época do assentamento, hoje resistem poucas das antigas famílias, que contam a história de luta com reluta nas lembranças.

3.1.2. Assentamento 17 de Abril

No ano de 2001, inicia-se o processo de desapropriação da outra parte da fazenda Teijin, para fim de reforma agrária, cerca de 28 mil hectares. Os “proprietários” da fazenda não provaram a que as terras eram produtivas, que nessa época era de criação de gado de corte, cerca de 8 mil cabeças de gado e 27 funcionários que trabalhavam nas terras. Quase todos os funcionários foram assentados, só o gerente da fazenda Teijin que não quis o pedaço de terra que era pra ser sua (dirigente do MST).

O grupo Teijin entrou com 17 ações contra o INCRA e as famílias, no período de 2001 a 2005, com o intuito de impedir a desapropriação, todas foram perdidas. Dois laudos do INCRA diziam que a terra não era própria para agricultura, mas a posição do órgão não foi mantida. Sendo assim as famílias da FETAGRI e MST permaneceram acampadas as margens da rodovia MS 134 – Nova Andradina/MS por cerca de cinco anos (dirigente do MST, 2021, CONJUR).

O Assentamento 17 de Abril/MST se localiza no distrito Nova Casa Verde, no município de Nova Andradina, da entrada principal do assentamento a distância é de: 08 km do Distrito de Nova Casa Verde; cerca de 50 km do município de Nova Andradina; 230 km do município de Presidente Prudente (SP) e cerca de 267 km Campo Grande (capital do MS).

Sendo possível o acesso ao assentamento citado pelas rodovias federal BR-267 e estadual Rodovia MS 134 (google Maps).

O assentamento 17 de Abril/MST é composto por 507 famílias oriundas de vários lugares do estado e de outros estados. Dentre eles os municípios do MS: Novo Horizonte do Sul, Glória d Dourados, Batayporã, Fátima do Sul, Ivinhema, Nova Andradina, Jateí, Deodápolis, Angélica, Vicentina, e dos estados de São Paulo e Paraná. Cerca de 70% vieram de Novo Horizonte do Sul, “a cidade dos ‘Brasiguaios/as’”, a maioria desses são filhos e filhas de “Brasiguaios/as”.

O processo de luta das famílias do assentamento 17 de Abril/MST, teve origem no município de Novo Horizonte do Sul, com a primeira ocupação da fazenda Angical, no dia 17 de Abril de 1999. As famílias relatam que era uma madrugada muito fria, no entanto, isso não inibiu que as mais de 1300 famílias fossem para a ocupação do latifúndio. Foram em torno de *“40 caminhões e veículos pequenos como caminhonetes, carros, carroças, bicicletas. Essa atitude resultou na primeira ocupação e criação do então acampamento 17 de Abril”*.

Após a ocupação do latifúndio citado anteriormente, as famílias foram despejadas várias vezes, oito vezes pra ser mais exata, sempre depois do despejo ficavam ao lado da mesma fazenda, “ficava mais fácil reocupar”. Durante os três anos que as famílias ficaram naquele local, era estabelecida uma forma de organização dos acampados, “os chamados *grupos de famílias*, que era uma divisão conforme a origem das famílias (de qual município vinham). Cada grupo organizado era coordenado por um homem e uma mulher e demais membros do grupo eram responsáveis por setores (gênero, saúde, educação, cultura, comunicação, finança, formação e produção) e equipes (alimentação, liturgia, segurança/disciplina, roça e higiene) do acampamento (SILVA e MELO, 2015).

Os setores eram necessários para a uma organização, convivência e harmonia entre as famílias. Todas as questões, decisões ou problemas relacionados ao acampamento eram resolvidos coletivamente. A vida era uma vida comunitária, tudo era dividido igualmente (conforme a necessidade). *“Por exemplo, se uma pessoa ficava doente tinha lá o setor de saúde que encaminhava, se era questões de escola era o setor de educação, tinha também o setor de cultura que dava vida e animação para as famílias acampadas”* (dirigente do MST).

As famílias do acampamento 17 de Abril, sempre participaram ativamente das lutas que eram feitas em busca da Reforma Agraria e especificamente do tão sonhado pedaço de terra. E para a sobrevivência nesse período de luta, esses acampados organizavam roças

(feijão, milho) e horta (hortaliças em geral que eram divididas entre as famílias) para o sustento alimentar. Mas também tinha que alimentar a “alma” de alegria, segundo o acampado;

Essa questão que sempre vai ficar na minha lembrança, era as festas que acontecia no acampamento, foram sete anos de Acampamento e sete festas de aniversário do Acampamento. Tinha o povo da mística, como dizia os acampados, na verdade era equipe de animação que era responsável por organizar as festas. Era muito bonito, a gente fazia a abertura da festa com mística, apresentavam teatro de humor e depois o baile, era bão demais. Isso alegrava a nossa luta, eu mesmo nunca tinha assistido um teatro antes de ir para o acampamento (Valdemir, membro do grupo de cultura Utopia, 2011).

No ano de 2001, as famílias do acampamento 17 de Abril, iniciam o deslocamento para a beira da rodovia MS 134 município de Nova Andradina. Nesse local houve a junção de três acampamentos; o Vinte de Janeiro¹⁰ (que era FETAGRI e passou para o MST), o Chico Mendes¹¹ e o 17 de Abril¹², e posteriormente ainda veio o Airton Roque Vieira¹³, no entanto com essa junção o acampamento grande ficou denominado apenas como Acampamento 17 de Abril por decisão coletiva.

Localizada no entroncamento das rodovias BR 267 e MS 134, em Nova Andradina (MS), a área de 28.497 hectares foi considerada improdutivo pela vistoria realizada pelo Incra no ano de 2000. Decreto Presidencial de 05 de outubro de 2001 declarou o imóvel como de interesse social para fins de reforma agrária. No ano seguinte, o Incra fez o depósito em juízo do valor da indenização. [...] Dentro da legalidade e obedecendo a um cronograma, o Incra implantou o assentamento. Para a autarquia fundiária, a Fazenda Teijin não existe mais desde 26 de julho de 2002, quando o Projeto de Assentamento 17 de Abril foi criado oficialmente e destinado às 1.120 famílias de trabalhadores rurais (INCRA, 2007).

Mesmo com as características das terras da região não sendo de culturas de lavoura, as famílias decidiram permanecer em luta pela área. Tendo em vista que tem que considerar os aspectos do ambiente, clima, solo, mercado, dentre outros; as famílias projetaram que poderiam conduzir o projeto vinculado a pecuária de corte, de leite e de outras lavouras menos exigentes como a mandioca.

As famílias acampadas as margens da rodovia MS134, permaneceram em luta por essa terra no município de Nova Andradina desde 2001¹⁴ a 2006¹⁵. A perspectiva dos

10 Acampamento que iniciou em 1998 em Batayporã

11 Acampamento que iniciou em 2001 em Novo Horizonte do Sul

12 Acampamento que iniciou em 1999 em Novo Horizonte do Sul

13 Acampamento que iniciou em 2003 em Novo Horizonte do Sul

14 Chegada ao município de Nova Andradina

15 Finalmente as famílias são assentadas

acampados quando chegaram em frente a fazenda Teijin, era de que *as terras saíssem logo*, no foram mais cinco longos anos de luta, resistência e desistências. “*Estar acampado/a não é apenas estar as margens da rodovia, e sim as margens da sociedade.*”

As dificuldades a beira da rodovia foram muitas, pois não havia água (poços muito profundos) e nem terra para plantio. Por muito tempo, o abastecimento de água foi feito pela prefeitura, até o governo perfurar um poço artesiano para as famílias. Sobre a produção de subsistência, diminuiu bastante, mas basicamente todas as famílias acampadas tinha uma “hortinha” próximo ao barraco.

Os anos de 2002 a 2004, foi um período de muita luta e reorganização das famílias, que já visavam uma organicidade que facilitasse os assentamentos das famílias por afinidade e menor distância possível, já que os lotes tinha a projeção de serem maiores, seguindo o módulo de terras da região. Então a nova organicidade do MST funciona assim, segundo as autoras;

A Nova Organicidade do MST foi estabelecida em âmbito nacional, tendo como base a formação de grupos de cerca de 500 (quinhentas) famílias denominada Brigada, tendo 02 dirigentes (um homem e uma mulher), desse total de famílias foi formado cerca de 10 comunidades de 50 famílias com 02 coordenadoras/es (um homem e uma mulher), cada Comunidade formou 5 Núcleos de Base (NBs) de 10 famílias com 02 coordenadoras/es (um homem e uma mulher) e dentro NBs também existia distribuição dos cargos das equipes (MELO E SILVA, 2015, p.08).

O acampamento 17 de Abril da época, foi destituído de sua organização antiga, que era por grupos de regiões que as famílias vinham, por exemplo grupo de Gloria de Dourados, grupo de Ivinhema, e assim por diante. Como o contingente de pessoas a ser assentados era de 507 famílias, na organicidade já formou uma brigada. Os acampados tiveram a oportunidade de formar as comunidades e núcleos de base conforme sua afinidade de amizade e parentesco. A expectativa das famílias era ainda ser assentadas no ano de 2004, mas “a terra ainda estava por sair”. A distribuição e nome foi conforme demonstra o quadro 4.

Quadro 04: É apresentado aqui as os nomes das comunidades, números e número de famílias

COMUNIDADE	NÚMERO	Nº DE FAMÍLIAS
Conquista da Vitória	1	50
17 de Abril	2	50
Terra Viva	3	50
Santa Rosa	4	50
Canaã	5	50
Boa Sorte	6	50

Campo Verde	7	50
Renascer	8	60
Aírton Roque Vieira	9	46
Boa Vista	10	46
TOTAL	-	507

Fonte: MELO e SILVA, (p. 12, 2015)

No ano de 2005 uma parte das famílias do acampamento 17 de Abril participaram da Marcha Nacional do MST, que se realizou de Goiânia a Brasília, por um período de 17 dias, acampados e assentados lutando pela reforma agrária de fato, percorreram 200km, sob sol escaldante, chuva e madrugadas frias (membro do grupo Utopia).

Neste mesmo ano também o acampamento ocupou a fazenda Teijin, saindo das margens da rodovia MS 134 e indo para um dos retiros da fazenda. As famílias ainda permaneciam centralizadas devido as condições estruturais, principalmente da água, os lençóis freáticos são muito profundos. O lugar da ocupação foi estrategicamente escolhido, perto da escola, onde já havia um poço (MELO e SILVA, 2015).

A entrada na fazenda foi autorizada pela Justiça Federal em 2004, as famílias estavam aguardando a 1 ano a retirada das estruturas e bens pelos ex-proprietários do latifúndio. Cansados de esperar os acampados resolveram coletivamente cumprir a determinação da justiça (MELO e SILVA, 2015).

Em 2004, uma medida concedida pela Justiça Federal de Dourados (MS) autorizou o Incra a transferir as famílias acampadas na rodovia BR-134 para o imóvel, já transformado em Projeto de Assentamento. Apesar dos sucessivos pedidos de desocupação expedidos pela Justiça (inclusive com instauração de multa de R\$ 1.000), a expropriada – Teijin – vinha se recusando a cumprir ordem judicial de retirada de seus pertences, incluindo todo o rebanho bovino (INCRA, 2007).

Enfim, esse ano foi de muitas ameaças, lutas, resistência e conquistas para as famílias. Inclusive, foi durante a marcha Nacional que as famílias conquistaram uma escola Polo¹⁶ para o futuro assentamento 17 de Abril. A posse da fazenda já estava com 4 anos para os Sem Terras, no entanto não havia condições estruturais para mudança das famílias para os lotes; estradas, água, transporte, dentre outros (MELO e SILVA, 2015).

O sonho com a conquista da terra ainda estava por realizar, em meio a ações judiciais e mais uma virada de ano (2006) sem terra, o lema era lutar e resistir. Em 17 de Abril de 2006

¹⁶ Em um próximo capítulo será narrado o desfecho dessa escola

o acampamento 17 de Abril fez 7 anos de luta, a última festa como acampados, felizmente. No dia 23 de junho de 2006, obteve-se a posse definitiva das terras para fins de reforma agrária.

Segundo Valdemir, mesmo sem estrutura nenhuma, nem estradas, nem água, nem transportes, muitas famílias se mudaram para os lotes, por medo de perderem novamente a posse da terra. Até essas estruturas mínimas serem concretizadas pelo projeto do governo do estado, as famílias sofreram muito. *Da entrada do assentamento até o último lote dá em torno de 30 km.*

O então assentamento 17 de Abril, foi consolidado, as dificuldades ainda permaneciam, mas a luta continuava. No ano de 2007 foi organizada a primeira festa como Assentamento, pra comemorar 1 ano de resistência. Nesse ano também houve o 5º Congresso Nacional do MST em Brasília, onde as famílias mesmo assentadas participaram do evento., dentre outras mobilizações que ocorreram.

Em 2008 e 2009, foram liberando os créditos Fomento, Apoio e Habitacional. O início da construção da casa foi muito gratificante para as famílias, pois na verdade o sonho com a terra tem toda a ligação com o sonho da casa própria. Um sonho e a realização da conquista de um território individual e coletivo. O processo de construção das casas foi em “mutirão”, foi considerado um dos melhores projetos de construção de casa¹⁷ (Garganta de Ouro, 2018).

Em meio a morosidades dos órgãos públicos e privados, a construção das casas continua nos anos de 2010 e 2011. Como o crédito Pronaf estava condicionado à conclusão do crédito habitação, as famílias demoram a acessar o crédito de incentivo à produção. Com isso, algumas famílias não resistem e acabam desistindo ou vendendo o lote. Mas as que continuam na luta, terminam suas casas e começa o acesso do crédito Pronaf (MELO e SILVA, 2015).

Como percebemos, só após 5 anos as famílias assentadas iniciaram o acesso ao crédito Pronaf. E muitas famílias permaneceram ainda muito mais tempo sem energia, sem casa, sem crédito, não por falta de luta e empenho dos assentados, mas pela burocracia e ineficiência do Estado (MELO e SILVA, 2015).

O movimento continua, tanto através da luta, como da construção e do acesso a créditos. A produção para subsistência e para venda para algumas famílias vai ocorrendo de

17 Uma casa de 71m², totalmente acabada.

forma a contribuir com a renda das pessoas. As famílias foram assistidas no ano de 2011 pela assistência técnica pela Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER).

Nos anos seguintes, 2012 e 2013, a assistência técnica começa a ser prestada pela Associação Criança, Esporte, Cultura, Educação e Recreação (Crescer). Essa busca pela produção é muito mais individual do que coletiva, mas algumas vezes houve ações coletivas de luta que envolveram as famílias. Como por exemplo o encontro dos “Sem Terrinhas”.

Nos anos de 2014 e 2015, ações coletivas, praticamente são inexistentes no assentamento. Também saiu outro crédito de cinco mil reais, para aquisição de alguma estrutura no sítio, mas só para famílias com lotes regulares. A vida seguia, com os problemas de praticamente todos os assentamentos; falta de políticas públicas, falta de créditos substanciais pra melhoria de vida dos assentados. Investimentos por parte do Estado, assim como fazia para o agronegócio.

Os anos de 2016 e 2017, foram anos importantes para o assentamento e o município, pois os créditos de mais alimentos começam a ser acessados pelas famílias, neste caso os assentados poderiam começar a sonhar mais alto, com dívidas altas, mas com juros baixos, segundo Nivaldo ¹⁸. Ainda segundo o assentado, Nova Andradina se desenvolveu com a chegada dos Sem Terra no município, e mais ainda com o acesso aos créditos, que são gastos no local.

Nesses últimos anos, 2018 e 2019 foram períodos difíceis para a classe trabalhadora da cidade e do campo. A eleição de um presidente que não acredita na democracia foi a jogada de mestre da burguesia extremista. Com a mídia mediando a situação, sempre dando e doando notícias que contribuem para deformação de consciência. A situação mais intrigante é perceber que as pessoas estão “caindo no golpe”.

É quase que impossível falar sob uma visão local sobre esses anos, mas o assentamento 17 de Abril sofre as consequências de atitudes macro por parte do “desgoverno”. Desvalorização dos produtos, dificuldade e ânimo para investir ou acessar créditos. Ou seja, a vida segue, no entanto, de maneira incrédula e sem previsão de futuro promissor.

Já no final de 2019, ainda sob o comando do desgoverno, os assentados começam a ouvir comentar sobre uma tal de COVID 19, um tal vírus que estava se multiplicando na

18 Assentado desde 2006 no P.A. 17 de Abril, tem uma memória muito boa dos acontecimentos da luta do povo, desde da época do acampamento.

China. Nessa época não imaginávamos o tamanho da catástrofe, a partir de 2020 o vírus se alastrou mundo a fora. Anunciada então a tal pandemia, vem a corrida para “resolver o problema”.

No campo a vida é um pouco mais isolada, mas os assentados assim como outras pessoas tinham a preocupação com a contaminação. A situação já era difícil, e a mídia contribui muito mais com o seu sensacionalismo indiscriminado do que oferecer a notícia propriamente dita. Os trabalhos aqui não pararam, nem tem como, são muitos dependentes do trabalho do campo (pessoas, animais, plantas, dentre outros).

As “soluções” de controle do vírus vem sendo estudado pelo meio científico, a corrida é acirrada entre as empresas e laboratórios da área da saúde para apresentarem e lucrarem com as “descobertas”. O surgimento das vacinas sem dúvida foi um avanço inestimável e necessário, no entanto no Brasil, as atitudes por parte do desgoverno de Jair Bolsonaro foi inconstitucional.

Em meio a pandemia, que já tem mais de dois anos, esse ano de 2021, é um dos períodos mais difíceis para o campo, toda via, os pequenos produtores. Atualmente, em algumas regiões do Brasil, principalmente aqui no Centro Oeste é vivida uma das piores secas das últimas década. São perdas inestimáveis de pessoas, de plantações, de animais, de florestas e até mesmo de esperança.

A miséria do povo é mais aparente que pensamos, mas não é só uma miséria de estruturas materiais. Atualmente é fácil de perceber, como somos miseráveis, econômico, sociocultural e conscientemente. É difícil citar e se resumir ao cenário micro (aqui do assentamento) perante a um cenário macro de tamanha extensão, que nos oprime e nos apresenta e representa, infelizmente com tanta força.

3.1.3. Características produtivas do Assentamento

O assentamento 17 de Abril é um dos grandes produtores de leite da região, pois atualmente mais de 70% dos assentados produzem leite. Segundo o agricultor Valdemir é muito difícil garantir a saúde dos animais e produzir alimentos saudáveis, pois "tem que aumentar a dose de 'veneno' se não derrubar os carrapatos e as moscas". O animal vai sofrer de um jeito ou de outro: “ou é com os bichinhos sugando seu sangue ou com os venenos que passamos". Esse parece ser o pensamento de muitas outras famílias do assentamento.

Com relação a criação de “porcos” (suínos), boa parte das famílias tem em seu sítio pelo menos um ou dois animais dessa espécie, que tanto é visto com uma produção de subsistência como uma questão cultural passada de geração pra geração. Em conversas do dia dia os agricultores relatam **“têm que ter pelo menos um porquinho na engorda, a gente mata um e põe outro no lugar”**.

Há agricultores que criam porcos para venda tanto de carne, como de banha e também de filhotes (para engorda). No entanto, a venda é feita dentro do próprio assentamento, pois há famílias que preferem comprar a carne e a banha, mas tem que ser caipira. E outras preferem comprar sempre um filhote para criar e engordar, tendo assim uma carne que sabem a procedência.

Segundo o agricultor Valdemir, os porcos são animais fáceis de criar, não tem muito problema de saúde, a alimentação é comprada (quirela milho, farelo de trigo, farelo de arroz, farelo de soja). Mas também complementam com lavagem (sobras de alimentos dos humanos), soro de leite e algumas gramíneas. “No geral de medicamentos o que damos para os porcos é só remédio de verme”.

Quanto a criação de galinhas, praticamente quase todas as famílias têm “as galinhas caipiras” em seus sítios, é cultura muito forte, “a gente tem que ter pelo menos umas galinhas no terreiro”. Há pessoas que criam frangos e galinhas para venda de carne e ovos o comércio é interno, de assentado pra assentado.

A maioria das famílias criam suas galinhas soltas e quando vão abater para consumo da família, geralmente prendem 15 dias antes pra engordar e dar remédios de vermes. Eles dizem “tem que prender pra fazer uma limpeza nelas”. Segundo Denilsa, as galinhas são animais bem saudáveis, só mesmo um remédio de verme, “mas a gente usa bastante a água de bananeira e terramicina (folha) na água delas. Alimentação é o milho comprado, mas bem pouco, pois a maioria do alimento é garantida no pastejo das galinhas.

Referente aos animais de companhia, em suma maioria são os cães e os gatos, praticamente todas as famílias têm pelo menos um desses animais em casa. A relação dos agricultores com esses é muito interessante, o cachorro tem sua função no núcleo familiar que é da proteção da casa, ajudar a tocar um bezerro, companhia nos trabalhos a campo, dentre outras. O gato também tem sua tarefa, que é de manter o terreiro, a “tuaia”, curral, quarto da ração e a casa livre de roedores invasores (ratos) e animais peçonhentos, como cobras, aranhas, escorpiões, lacraias, dentre outros.

3.1.4. Reflexões sobre a saúde e a doença no Assentamento 17 de Abril

Estamos presenciando nessa pandemia do "Coronavírus", a mais de dois anos cotidianamente o interesse capitalista das fabricantes dos medicamentos e venenos. As pessoas são manipuladas a acreditarem cada vez mais que apenas na indústria farmacêutica está presente soluções cientificamente eficazes, e que isso pode resolver esses problemas descritos, ou seja, só é viável através de medicamentos químicos.

Podemos perceber diante do que foi apresentado, que a indústria farmacêutica se faz muito presente nos assentamentos e no campo. Ao buscar resolver um problema, outros são desencadeados como por exemplo, a intoxicação dos seres humanos e de suas criações, resistência dos carrapatos, contaminação do solo e da água.

Com relação aos medicamentos mais utilizados na pecuária leiteira, a base são os antibióticos, com todos os problemas de resistência causados pelo uso indevido. Como outros problemas de saúde dos animais essa questão também faz parte do projeto de mercado dependente, onde o problema sempre surge e o produtor, apesar de gastar muito com esse problema, várias vezes não consegue resolver, pelo contrário é criado um ciclo vicioso na tentativa de resolução através da indústria farmacêutica e do veneno.

A pergunta a ser realizada diante desse panorama é: qual é a compreensão dos assentados sobre a presença dos medicamentos e agrotóxicos usados em seu território e fora dele? Quais e como esses produtos fabricados pela indústria farmacêutica se fazem presentes no cotidiano do assentado? Existe, por parte dos assentados, algum nível de entendimento sobre os danos que esses “medicamentos, remédios industrializados e outros” podem causar na saúde dos animais, incluindo os seres humanos?

Essas questões são pertinentes porque o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra visa uma outra lógica de produção de alimentos, subsistência, economia e relação com meio ambiente. Sendo assim, é importante estarmos atentos as investidas do agronegócio nos assentamentos, inclusive na educação escolar com o “projeto Agrinho”, que será discutido no próximo “capítulo”.

O agronegócio desvaloriza o conhecimento tradicional, envenena terra, ar e água, coloca em risco a biodiversidade e a saúde humana através do aprofundamento das desigualdades sociais e através do uso de venenos nas lavouras.

Mas o fato é que algumas atividades e práticas desenvolvidas pelo agronegócio estão presentes nos assentamentos. E como sabemos o MST é um movimento de resistência as

ações político-econômicas, culturais e sociais do agronegócio. Em alguns assentamentos a presença do agronegócio está presente em outros o inimigo mora ao lado. E assim, algumas contradições emergem, entre elas: a produção de alimentos saudáveis versus o uso de agrotóxicos pelos assentados; a vida no campo como fonte de saúde física e mental versus a contaminação do ar, solo e água com o uso de agrotóxicos.

Podemos observar que são vários elementos contraditórios dentro de um mesmo espaço. Assim, o objetivo da pesquisa é investigar como as famílias do assentamento relacionam o uso do agrotóxico e medicamentos com a produção de saúde e de doença humana nos sujeitos do campo.

Desta forma, essa pesquisa visa responder a seguinte questão: Qual é a compreensão que as famílias, do Assentamento 17 de Abril do município de Nova Andradina-MS, apresentam sobre saúde, doença, medicamentos e agrotóxicos?

Quando questionadas sobre a saúde e a doença é possível observar que a compreensão das famílias perpassa por pelo menos três concepções: a biomédica, ecológica, falta de doença. Essas concepções são expostas através da ideia de saúde no contexto geral, tanto animal como humanos.

A visão biomédica é a concepção de saúde mais comum dentre as famílias entrevistadas, estando assim em acordo com o modelo biomédico que domina o ocidente. Esse modelo toma como base apenas aspectos biológicos para definir a saúde ou a doença, descartando assim os fatores psicológicos ou sociais, por exemplo.

Cerca de % da entrevista sobre saúde e doença foi focada nesse modelo biomédico, indicando assim, o quanto o sistema capitalista impõe a cultura/visão que supri os interesses do mercado. Também é notável o quão é difícil as pessoas perceberem de onde e porque elas têm essa concepção de saúde e doença, que na verdade foi construída na nossa consciência, na maioria das vezes através da instituição da educação. O gráfico aponta que a visão geral dos assentados está em acordo com a do território ao qual pertencem, o ocidente.

Já na visão da falta de doença, também é apontada entre os assentados, que afirmam que quando não estão doentes é porque a saúde está reinando e também ao contrário. A família 5, não considera um resfriado ou outras coisas simples como doença, mas um câncer por exemplo é uma doença, ou quando está num leito de hospital é aterrorizante, sendo assim uma coisa difícil de lidar. As palavras do autor reforçam a visão dessa família;

A questão é que enfermidade é uma mera subclasse da doença, isto é, aquelas

doenças que têm certas características normativas refletidas nas instituições da prática médica. Uma enfermidade deve ser, primeiro, uma doença razoavelmente séria com efeitos incapacitantes que a fazem indesejável (...) Segundo, chamar uma doença como enfermidade é considerar seu portador como merecedor de tratamento especial e com responsabilidade moral diminuída (...) Onde não se fazem julgamentos normativos apropriados ou não se ativam as instituições sociais, nenhum volume de doença nos conduzirá ao termo "enfermo" (BOORSE, 1975).

Mesmo sendo minoria, algumas famílias compreendem a saúde sob a concepção ecológica, muitas vezes sem conhecer o conceito. Também foi percebido nessa visão, uma dificuldade de expressá-la, talvez por não ser comum, ou por pensar estar errada no conceito. No entanto, essa visão deveria ser uma prática, principalmente nas áreas rurais, mas infelizmente muitas vezes não é nem uma inquietação. O autor afirma sobre essa visão;

Uma grande inquietação social está associada a essa “perda da natureza”, se se pode qualificar assim a preocupação do movimento ecológico surgido nos últimos vinte anos, e que não se limita a tematizar a questão do meio ambiente, mas também a questão da vida como um todo, aí incluindo-se basicamente a questão da saúde humana. A recuperação das categorias de vida, saúde, higiene, entre outras, está ligada a essa “consciência ecológica” característica do fim do milênio[...] (LUZ, p. 153, 2005).

Quase que a totalidade dos entrevistados avaliam que a saúde antigamente era melhor, assim como a doença era tratada de maneira mais natural, “não precisávamos tomar tanta química como agora, nem sei se é pra curar ou pra matar a gente aos poucos”. No relato das entrevistas é narrado sobre os tipos de tratamentos “alternativos”, que se usava, principalmente de plantas medicinais.

Também as famílias relatam que na época dos pais e avós, em de doenças era muito difícil o acesso as políticas públicas, para ir á um hospital naquela época tinha que ter dinheiro pra pagar o atendimento, não existia SUS. Por isso, antigamente as famílias utilizavam e praticavam medicina alternativa, no caso de parto era feito por parteiras da região, havia atuação de benzedeiras, curandeiras, curas espirituais, dentre outras. Na fala da família

Outra questão relevante que as famílias relatam é sobre a alimentação, mas por parte de seus avós, que era bem mais saudável. Segundo os entrevistados os antepassados comiam mais variedades, não consumiam produtos industrializados (refrigerantes, óleo vegetal, margarinas, temperos, etc) e não usavam tanto veneno ou nada de veneno.

4. EDUCAÇÃO POPULAR NO CAMPO: ante ao avanço do agronegócio no MS

No Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) podemos perceber uma organização social que não tem como princípio apenas a luta pela terra, mas sim um projeto de transformação social, de construção de uma sociedade mais igualitária. Sendo assim, educação é constituída e entendida como instrumento pedagógico imprescindível no contexto de luta do MST.

A abordagem dos temas sobre educação popular, educação do campo e o agronegócio tem o intuito de relacioná-los a realidade local, do Assentamento 17 de Abril, desde a época de acampamento até os dias atuais. Conseqüentemente, perpassaremos por aspectos históricos de luta das famílias com enfoque na educação. Correlacionado ao contexto a ser descrito, OLIVEIRA e SILVA, afirmam;

Em suma, partindo da experiência vivenciada, podemos dizer que a Educação Popular está entrelaçada com processos de construção coletiva do conhecimento. Desta forma, o seu alimento essencial é o trabalho de base e a (inter)relação entre os sujeitos, uma vez que ele se desenvolve junto às comunidades, aos grupos e classes oprimidas socialmente. A educação popular se institui, portanto, enquanto uma ferramenta indispensável para que princípios como o da coletividade e do respeito aos diferentes tipos de conhecimentos se afirmem e empoderem nas comunidades, escolas e Universidades, evidenciando uma tarefa imprescindível de reconfigurar as relações sociais (OLIVEIRA e SILVA, p.153, 2018).

A presença da “Escola” sempre teve uma importância relevante para os acampados/assentados, tendo em vista que a educação do campo nos acampamentos, assentamentos e comunidades rurais é uma das bandeiras de luta do MST. No entanto, a educação popular é abrangente no que diz respeito ao acesso dos saberes e ao reconhecimento dos “sábios”, independente de se ter formação acadêmica ou não.

No tocante, para SILVA (2018), acredita-se também que apesar dos avanços nesse contexto, ainda existem diferenças significativas entre os debates e as práticas que ensinam prioritariamente a geografia e a educação do campo. Dessa forma, a academia pode dar uma contribuição incomensurável para a formação e expansão de uma sociedade de debate sobre formas de desenvolvimento de políticas públicas para os moradores da área rural. A Academia torna isso possível, fornecendo com foco na juventude líderes sociais, ferramentas para analisar e intervir diretamente nas realidades da comunidade, *a academia possibilita uma*

maior integração do saber científico sobre o campo com outros saberes considerados essenciais.

Nesse sentido contra-hegemônico a Educação Popular é uma práxis, pautada na valorização dos saberes prévios do povo, bem como suas realidades e singularidades, a fim de construir novos saberes. Vale dizer que os saberes potencializados nesse processo não serão classificados e/ou hierarquizados como melhores ou superiores àqueles já existentes, e sim marcados por serem diferentes, fomentando para o desenvolvimento de olhares e posicionamentos críticos frente a realidade social (OLIVEIRA e SILVA, 2018, p.153).

O Estado burguês sempre utilizou e utiliza a “educação bancária¹⁹”, de uma forma que o sujeito é induzido a não reconhecer o “saber” como um poder. Assim em um ciclo vicioso vai sendo construída uma sociedade que venera o sistema vigente, com um olhar apenas unilateral, sem críticas. Por isso as escolas são padronizadas pelos órgãos de controle da educação no Brasil. Segundo o autor brasileiro, reconhecido internacionalmente sobre seu papel na educação;

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 1970, p. 33).

A crítica a educação bancária, diz que a mesma sendo uma ação *de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos*, não haverá avanços. Em vez disso, verificaremos em larga escala a *“cultura do silêncio”*, sendo assim, a *contradição* é estimulada pela *educação bancária* (Freire, p.34, 1970). Atualmente é fácil perceber como a educação bancária faz parte da formação da consciência social, o silêncio da sociedade perante ao cenário atual que se encontra o Brasil.

Esse tipo de educação mencionada acima favorece a quem? A educação bancária está a serviço de quem? Quem são os grandes financiadores desse tipo de educação no Brasil? Quem sabe nem precisaremos ir tão longe para descobrir, pois os materiais estão impressos ou

19 O professor fornece o conhecimento para que o aluno devolva através de “decoreba”. A educação bancária estimula o aluno padronizar seu aprender, decorando e respondendo ao professor somente o que recebeu, sem aprender a analisar criticamente (Freire, 1970).

digitais presentes na internet e nas escolas. Toda via, no estado do agronegócio, o Mato Grosso do Sul“, onde o Agrinho-MS²⁰ é pop”.

Paulo Freire (1970, p.34) diz, “*na verdade, o que pretendem os opressores “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime”, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine.* Um exemplo na atualidade é a “*invasão cultural*” oferecida nos materiais escolares distribuídos pelas empresas do agronegócio, onde um personagem infantil chamado “Agrinho” é o superherói nos livros didáticos das escolas.

A invasão cultural, que serve à conquista e à manutenção da opressão, implica sempre a visão focal da realidade, a percepção desta como estática, a superposição de uma visão do mundo na outra. A ‘superioridade’ do invasor. A ‘inferioridade’ do invadido. A imposição de critérios. A posse do invadido. O medo de perdê-lo. (FREIRE, 1987a, p. 158).

Como relata uma coordenadora de escola no município, o próprio Estado cria o espaço para a intervenção de empresas privadas na educação. Inclusive forçam os responsáveis pelas escolas públicas a buscarem parcerias para continuarem como instituição de educação. Então, “o agronegócio vem chegando pra mudar”, distribui “gratuitamente”, em uma ação social materiais didáticos pra crianças e jovens estudarem.

Atualmente o discurso do agronegócio mudou, é bem mais sutil, porém ao observar é possível perceber um discurso evasivo sem nenhum senso crítico. A forma didática apresentadas nos livros do agrinho são trabalhadas na consciência de quem apenas lê, como se os problemas macros fossem facilmente resolvidos com atitudes micro. Por exemplo a questão da fome no mundo, a questão da escassez da água, dos animais, da floresta, etc.

Quando a sociedade é guiada por um Estado burguês, os interesses da classe dominante sempre estarão em primeiro plano. No entanto, para “o fotografo dos trabalhadores;

20 **Visão da classe dominante:** Lançado no estado em 2014, o Agrinho é, hoje, o maior programa de responsabilidade social do Senar/MS. Tem como diferencial o material didático, que é exclusivo para cada ano escolar – do 1º ao 9º, do ensino fundamental I e II -. Todas as cartilhas são regionalizadas para temas e conteúdos contextualizados à realidade de Mato Grosso do Sul (www.agrinho.com.br)

Visão da classe trabalhadora: [...], o Agrinho vem fazendo, há 24 anos, um “amplo processo de instrumentalização da escola pública para promover a idealização do agronegócio”. “[*Os materiais do Agrinho*] ocultam a violência que os agrotóxicos ocasionam à vida humana e ao meio natural, dizendo de uma possível racionalização do uso de agrotóxicos e possibilidade de conciliação do agrotóxico à saúde humana”.[...] (www.brasildefatopr.com.br).

Os trabalhadores produzem riqueza, mas não usufruem dela, aumentam a produção de bens, mas podem consumi-los. Desenvolvem novos recursos, mas são relegados a formação de um exército de reserva de mão-de-obra, ou vivem as mazelas do trabalho precário. Porém, somente os trabalhadores serão capazes de criar um mundo novo, revelar a nova vida, recordar que existe um limite, uma fronteira para tudo, menos para o sonho humano. Moldar com as mãos o mundo, revelar com os olhos a vida, recordar nos sonhos aquilo que virá (Sebastião Salgado, sem ano).

Diante disso, a luta do MST por escolas com uma “pedagogia libertadora” nos acampamentos e assentamentos com o intuito de propor um novo jeito de ser, agir, trabalhar, estudar e educar. Em contrapartida, infelizmente ainda muitos Sem Terra e Sem Terrinhas são formalmente educados através de “ofertas” insuficientes do Estado em estruturas precárias, nas cidades e principalmente nas áreas rurais do Brasil.

A educadora popular Denilsa²¹, que ficou acampada durante sete anos e hoje com 14 anos de assentamento, ela afirma ter conseguido aprender, apreender e ensinar no sentido amplo do conhecimento durante esse processo de luta. A assentada conta que uma das maiores experiências foi participar do grupo de Cultura Utopia²², que para ela era a própria educação popular em *movimento artístico*.

Ainda segundo a educadora popular, na época numa infraestrutura precária, o Acampamento 17 de Abril fazia o papel do Estado, alfabetizando e oferecendo conhecimento, as famílias que ali viviam. Porém isso não significava apenas ensinar a ler, escrever e fazer contas, mas principalmente formar sujeitas/os que fossem capazes de entender o real significado e importância da participação na Política Organizativa de uma sociedade.

A educação sempre foi uma das prioridades para o MST, mesmo na época de barraco de lona, a presença física da escola sempre fez parte dos debates da comunidade acampada. O assentado Valdemir diz que há uma preocupação por parte do MST em educar as pessoas para a vida no campo e também em profissões necessárias aos pequenos produtores, principalmente na assistência técnica e nas áreas da educação e saúde. Citando o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA)²³ e fazendo uma crítica ao sistema vigente;

21 Assentada que conclui o ensino médio e ensino superior através da parceria, Escola, Universidade e Movimentos Sociais.

22 Grupo de cultura do MST que utiliza o Teatro, a Música, a Poesia, dentre outras manifestações culturais como entoadora da educação popular no campo de luta.

23 A regulamentação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), que é executado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário e pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), define objetivos, beneficiários e atribui a gestão ao Incra. O público do programa compreende jovens e adultos das famílias atendidas pelos projetos de assentamento do Incra, professores e educadores que atuam no

"dentro de um assentamento precisa de médico/a, professor/a, advogado/a, assistente social, médico/a veterinário/a, engenheiro/a agrônomo/a, e outras profissões. Só que os filhos dos ricos que estudam não vão dispor de seu tempo para atender os pobres, por isso temos que formar nossos filhos e nós mesmo para atender o povo do campo (Valdemir, 2021, assentamento 17 de Abril).

DUTRA e PERNAMBUCO (p. 132, 2018), dizem que referindo aos movimentos sociais dos pequenos camponeses, referenciamos outros tantos movimentos que vem lutando nesses últimos períodos com o intuito de formular políticas públicas de educação do campo no campo. Sendo assim, surge o PRONERA que é fruto dos embates e negociações estabelecidos entre o Estado e a sociedade, caracterizado por concessões e conflitos.

Estudar, analisar e refletir sobre o processo de educação na escola 17 de Abril e no assentamento 17 de Abril, desde 1999 até o primeiro semestre de 2019, quando ocorreu o findamento da escola física. Destarte, perpassará pela ideia de construção da educação popular e as contradições da ideologia do agronegócio no assentamento.

Segundo a professora Simone (2019), depois de concretizado o assentamento, é negado pelo Estado o direito das famílias a terem a escola do campo no campo. O Estado cria leis para garantir os direitos e deveres de cidadãos e ao mesmo tempo usa de seu poder burocrático para excluir as pessoas da área rural dos direitos sociais.

É persuasivo por parte do governo não oferecer estruturas adequadas as escolas do campo e fazer a sociedade acreditar que “as escolas do campo e no campo não oferecem condições de ensino substanciais a população rural. Contudo, FREIRE (p.43, 1970) afirma que, *desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se “apropriam” dela como realidade histórica, por isto mesmo, capaz de ser transformada por eles.*

4.1. "Escolinha" 17 de abril: educação para que e para quem?

Ao formar o acampamento 17 de Abril (1999), o Setor de Educação do MST, juntamente com a comunidade acampada, sentiu a necessidade de criar uma escola dentro do acampamento. E através da organização das famílias foi implantada uma extensão inicialmente, da Escola Municipal Dom Oscar Romero Polo, do Município de Novo

programa, famílias cadastradas e alunos dos cursos de especialização do Incra. Na atividade de gestão, caberá ao instituto coordenar e gerenciar os projetos, produzir manuais técnicos para as atividades, além de coordenar a comissão pedagógica nacional.

Horizonte do Sul, no local nomeada pelos acampados por sala Eldorado dos Carajás, que a princípio funcionava a EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A estrutura física da escola foi construída pelas/os acampadas/os com coqueiro e coberta de sapé, segundo uma das merendeiras da escola, "*não havia piso de concreto e outras regalias, porém a escola funcionava de acordo com as normas e condições "oferecidas" pelos órgãos responsáveis*". No início as/os professoras/es que davam aula, eram voluntários, alguns haviam cursado Ensino Médio/Magistério e outras/os começavam a cursar a faculdade.

Para os professores e professoras da escola (2011), o currículo escolar era o mesmo da cidade, *pensado para atender um público urbano*, mas o MST, sempre complementou a formação dos educadores/as e educandos/as tanto em cursos de formação, como na luta. O autor enfatiza sobre a educação bancária e educação libertadora, dizendo que;

Enquanto, na concepção “bancária” – permita-se nos a repetição insistente – o educador vai “enchendo”os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos, na prática problematizadora, vão os educandos desenvolvendo o seu poder de captação e de compreensão do mundo que lhes aparece, em suas relações com ele, não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo (FREIRE, 1970, p. 41).

Contudo, o preconceito rondou o acampamento pela falta de formação acadêmica dos educadores, tanto pelos responsáveis pelos estudantes como outros professores/as da cidade. O prefeito na época de Novo Horizonte do Sul, sempre encontrou dificuldades em contratar professoras/es formados para ministrar aula no acampamento, "*dar aula pra Sem Terra, estou fora*". Após algumas negociações políticas as/os professoras/es voluntárias/os passaram a receber uma ajuda para permanecerem lecionando.

A mãe de um dos educandos da época relata que quando muda o quadro de voluntária/os para assalariados, então começa a disputa de profissionais formados para dar aula no acampamento, “*aí conseguiram enxergar a gente e nossos filhos*”. Mas será que realmente as necessidades das/os acampadas/os foram percebidas?

No ano de 2000 na mesma extensão de escola, iniciou as aulas de 1^a a 4^a série do ensino fundamental, a permanência dessa parceria foi até o final de 2001. Nessa época o ensino escolar era acompanhado pelas famílias, conforme a organicidade do MST, a escola ficava na comunidade, todos os problemas eram resolvidos em conjunto com os/as

acampadas/os, tendo filhas/os ou não na escola, todas/os participavam. A luta das famílias era diária para manter a escola em funcionamento. O que segundo as autoras;

Diante desta realidade, podemos ponderar que são vários os condicionantes que desembocaram para a marginalização do campo e conseqüentemente a falta de acesso às políticas públicas, dentre essas a educação. Podemos citar, dentre essas condições, aquelas historicamente marcantes, como o processo de ocupação das terras que culminaram na centralização fundiária, a cultura do coronelismo, clientelismo e patrimonialismo que repercutiu direta e indiretamente nas relações entre Estado e sociedade, o trato assistencialista que é dado às políticas públicas e o imaginário enviesado de hierarquização entre cidade e campo, sendo este último o lugar de atraso (DUTRA, PERAMBUCO, p. 121 e 122, 2018).

Uma das lutas exemplares das famílias acampadas era na produção de alimentos (horta; roça de milho, mandioca, feijão, melancia, dentre outros), onde o trabalho de plantar, cuidar e colher eram divididos por grupos, e os alimentos produzidos distribuídos no acampamento e também fornecidos a escola (extensão Eldorado dos Carajás).

A produção de alimentos dentro de uma área ocupada não era só uma questão de honra para o MST, e sim de sobrevivência. Esses momentos onde a educação popular entrava em pauta, pois ao trabalhar a terra os acampados da época discutiam conceitos como concentração de terra, latifúndio, agronegócio e principalmente sobre os agrotóxicos.

Era consenso na comunidade acampada o não uso de agrotóxicos pra produzir os alimentos, no entanto, após muito debates coletivos. Pois, a cultura do agronegócio é engendradora no pequeno camponês. O pequeno camponês até então só conhecia o pensamento do grande produtor, mesmo sendo Sem Terra muitos acampados achavam que para produzir bem só com veneno.

Nessa ação, percebe-se aspectos da educação problematizadora, que segundo Paulo Freire, faz com que os indivíduos não enxerguem somente algo mecânico relacionado à educação, mas que ele também faz parte de uma necessidade e realidade coletiva. Ainda complementando uma outra autora diz sobre ações criadas pelas relações estabelecidas;

A valorização da dimensão territorial nas ações de produção do campo é a compreensão de que processos sociais e seus produtos são gerados a partir das relações, da estrutura fundiária e das funções que o campo apresenta previamente, de tal modo que elas são traduzidas nos quotidianos locais, ou seja, nas tradições, religiões, festas, alimentação, dentre outras (SILVA, p. 86, 2018).

Na época de acampamento tudo era coletivamente decidido, era uma verdadeira escola de convivência social e organizativa. As margens da sociedade os/as acampados seguiam

debatendo e resolvendo os problemas em prol a uma conquista comum. Entretanto, as lutas eram para conseguir alcançar "o sonho da terra", na época de acampamento e já em condição de pré-assentados/as era "o sonho da propriedade".

Em uma negociação com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) no município de Ivinhema com a presença da coordenação do acampamento 17 de Abril e juiz, foi feita a proposta de uma área em Nova Andradina, denominada fazenda "Teijin" em processo de desapropriação e que dentro de 90 dias todas/os estariam em suas parcelas de terra.

A coordenação se reuniu e levou a proposta em assembleia para as/os acampadas/os que decidiram ir para fazenda Teijin, sendo assim no início do ano de 2002 foram para a beira da rodovia (MS 134-Nova Andradina), em frente à fazenda (no entanto, não ocuparam a mesma). Devido uma medida provisória²⁴ criada pelo governo FHC, que "proibia/dificultava" a ocupação.

A escola foi reconstruída pelas/os acampadas/os, feita com os mesmos materiais utilizados anteriormente, na beira da rodovia. O trabalho relacionado à educação foi inicialmente atendido pela escola Estadual Irmã Ribeiro de Almeida Silva (Nova Andradina), com a luta e organização das famílias conseguiram a extensão da EJA, alfabetização e escolarização no ensino fundamental e materiais mínimos necessários para iniciar as aulas.

O desafio maior na época era o ensino fundamental para crianças, então a coordenação do acampamento e a SEMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura) em uma cansativa jornada conseguiram instigar a parceria com a escola municipal Luiz Cláudio Josué, (Nova Casa Verde que ficava a cerca de 8 km do acampamento).

A reflexão em torno desses três movimentos auxilia a vislumbrar a possibilidade de construir o inédito-viável como um modo de superação dos condicionamentos históricos que o tornam momentaneamente inviável. Acreditar na potencialidade do ato de sonhar coletivamente, nessa perspectiva, significa compreender a importância da rigorosidade metódica para, ao perceber os temas contidos nas situações-limites, tomá-los como objeto de estudo e reflexão, podendo perceber também que "além dessas situações e em contradição com elas encontra-se algo não experimentado" (FREIRE, 1979, p.30).

24 [...] que tornou indisponíveis para qualquer providência de Reforma Agrária, por dois anos, as propriedades invadidas (MP n° 2.027/38, de 4 de maio de 2000, atualmente MP n° 2.183/56, de 24 de agosto de 2001). (repositorio.ipea.gov.br)

A extensão da Escola Luis Cláudio Josué, passa a se chamar “17 de Abril” funcionando a educação infantil de 1ª a 4ª série do ensino fundamental, o ensino fundamental (de 5ª a 8ª série) e Ensino Médio, estudavam em Nova Casa Verde. A preocupação de manter as/os educadoras/es da área (dentro do acampamento) continuava, e com a mesma dificuldade de conseguir profissionais que queriam lecionar no acampamento.

Nesse ano de 2002 reiniciaram as aulas, no início com o quadro de 08 (oito) professoras/es, 02 (duas) merendeiras, a coordenação pedagógica da Escola Luis Cláudio Josué se deslocava uma vez por semana de Nova Andradina. Muitos trabalhos braçais e organizativos continuavam a serem feitos pelos membros da comunidade do acampamento, quando necessitava escola podia contar com essa contribuição voluntária.

A “educação do campo no campo” era construída dia a dia em todas as discussões, pois era prioridade das famílias que suas/seus filhas/os pudessem garantir a escola dentro do futuro assentamento, no local onde a comunidade iria se estabelecer, assegurando assim um direito por lei.

Nesta época os educadores da escola 17 de Abril (extensão) e outras/os acampadas/os e acampados faziam parte do setor de educação do MST, tendo em vista garantir a organização do movimento com relação à apropriação e aprimoramento formal e informal do conhecimento. Bem como participar das atividades do MST que também faz parte das linhas de organicidade; Encontro Sem Terrinha, Encontro Infante Juvenil, Encontro das/os Educadoras/es, Encontro Estadual do MST e outros.

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si a e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder de de do candidato e, para tanto, o mesmo deverá conhecer e aceitar as normas estabelecidas neste Edital, e em do candidato e, para tanto, o mesmo deverá conhecer e aceitar as normas estabelecidas neste Edital, e em quede do candidato e, para tanto, o mesmo deverá conhecer e aceitar as normas estabelecidas neste Edital, e em nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos (FREIRE, 1987a, p. 30 e 31).

No ano de 2005 através de lutas, mobilizações, marchas e reuniões das famílias acampadas com o INCRA, Ministério Público e outros órgãos, o acampamento 17 de Abril foi transferido da beira da estrada para dentro da área. No local já havia uma antiga escola desativada "servindo de galpão", em mutirão foi reformada, as aulas iniciaram novamente

com um quadro de 12 (doze) educadoras/ES, 02 (dois) merendeiras. Apenas 02 (dois) educadoras eram da cidade os demais residiam na própria área, a escola contava com três salas de aula, banheiro e cozinha/biblioteca, durante 3 (três) períodos, matutino (1ª, 2ª, educação infantil), vespertino (3ª, 4ª série ensino fundamental) e noturno (EJA) totalizando 220 (duzentos e vinte) educandas/os.

No final de 2005 finalmente o processo de desapropriação da fazenda Teijin começou a ser desencadeado com o corte das parcelas e a mudança das famílias para as mesmas. Neste mesmo ano as famílias do então pré-assentamento 17 de Abril participaram da marcha Nacional do MST juntamente com mais de 12 mil marchantes de vários acampamentos, pré-assentamentos e assentamentos do MST de todo o Brasil. A busca das famílias era transformar sonhos e necessidades em uma realidade palpável, sendo uma delas a questão das escolas no campo.

4.2. Uma conquista coletiva e um destino decidido por um indivíduo

A marcha durante 17 dias de Goiânia a Brasília obteve muitas conquistas em relação à educação, foi assumido o compromisso de mais de oitenta escolas nas áreas rurais dos assentamentos, sendo oito para o Mato Grosso do Sul e uma delas para o futuro o Assentamento 17 de Abril. Após essa conquista, em uma reunião da coordenação foi destinada uma área para construção da escola Polo, a mesma atenderia de 507 (quinhentas e sete) famílias do MST e 639 da FETAGRI, já que a área destinada pelo MST foi centralizada para facilitar o acesso a todas/os.

Segundo FREIRE (1983), o inédito-viável não ocorre ao acaso nem se constrói individualmente, surge de alternativas pensadas e construídas coletivamente, diante de vivência crítica do sonho a ser almejado, no entanto, percebendo a necessidade da superação das situações-limites que impedem sua concretização. Já no ano de 2006 as famílias mudaram para os lotes, as dificuldades de organização eram mais aparentes, tendo em vista que no início do assentamento a falta estrutura física era demasiada; estrada, água, alimento, trabalho remunerado, ferramentas e assim por diante.

A contradição social é logo percebida, pois a estrutura social e organizativa começa a entrar em colapso no pré-assentamento, faltando coletividade em atividades necessárias. Sobrando assim, um excesso de individualismo e sentimento de proprietário, ou seja, o sujeito pensava que a terra é o último estágio da luta. Sendo assim, as famílias diminuíram a

participação nas lutas massivas no geral. Segundo o autor sobre a ideologia dominante e a contradição social;

Certas tomadas de consciências só podem se verificar através de um código ideológico. Nenhum indivíduo e nenhum grupo podem desenvolver uma reflexão total e tematizar tudo como objeto de pensamento. A ideologia, então desempenha um papel essencial na integração, na constituição de cada grupo, atendendo à sua demanda por uma representação simbólica própria. Cada grupo, contudo, como a sociedade como um todo, tem também suas tensões internas, suas contradições. E na hora da tomada de decisões não pode deixar de aparecer o fenômeno da dominação, exercício da autoridade. A ideologia, então, não pode deixar de assumir também, ao lado da sua função integradora, a dimensão da dissimulação, o carácter de distorção. (KONDER, p. 165, 2002).

Em 2007 acontece o 5º Congresso Nacional do MST, onde mais de 15 mil famílias do MST de todo o Brasil se reuniu em grande assembleia para estudar estratégias de lutas e cobrar também atuação do Estado juntamente com as famílias acampadas e assentadas. Mais uma vez são cobradas as escolas prometidas e com promessas que tudo se encaminharia as famílias novamente ficam esperançosas em finalmente garantir seu direito à escola no campo.

A força da ideologia e da burocracia imperaram, e mais uma vez o sonho das famílias do Assentamento 17 de Abril em ter escola do campo no campo, seguiu outro rumo. Para Konder (2002), *“a distorção ideológica não decorre do fato de a ideologia ser uma aparência, e sim do fato de ela estar mobilizada para “neutralizar a história, abolir as diferenças, ocultar as contradições e desarmar toda tentativa de interrogação.”*

O prefeito da época Roberto Hashioka, precisava apenas se responsabilizar para receber e coordenar a construção do projeto de escola polo no assentamento 17 de Abril. Seu papel era de mandar o projeto para os órgãos da educação e assim o fez. Porém se negou a discutir o projeto para as famílias, a coordenação do assentamento cobrou várias vezes em reuniões e audiências sobre o conteúdo do projeto, por parte do prefeito e SEMEC e nada foi elucidado.

Mais uma vez a ideologia dominante, mostrando sua força de persuasão, Konder (2001) em sua obra “A questão da ideologia”, fala em um trecho da ideologia dominante (elitista), acreditam que;

[...] sempre existiram de um lado os que governam e de outro os que são governados. E, dando um passo adiante, já caracterizado como um movimento nitidamente ideológico, esses teóricos (Mosca, Pareto etc.) asseguram: sempre existiram e sempre existirão essas duas categorias (KONDER, p. 254, 2002).

O saldo geral da história foi que se construiu uma escola polo no “bairro rural” de Nova Casa Verde que fica a mais de vinte quilômetros do local centralizado dos assentamentos (FETAGRI e MST) e cerca de três horas de viagem de ônibus de muitas crianças que tem que estudar na vila, como dizem as próprias. Mais uma vez á um dos maiores assentamentos da América Latina é negado a democracia e o direito garantido por lei, “educação do campo direito nosso e dever do Estado”.

Vivemos no “livre arbítrio”, escolhemos nosso caminho de sucesso ou de miséria, ao menos é o que diz a cultura dominante, representadas pelo legislativo, judiciário e o executivo. “Visão que garante os direitos e deveres do cidadão e a organização da sociedade”, para perpetuação da bonança da burguesia.

As ações da classe dominante não são concretizadas sem a aplicações de ideologias que justifiquem “convençam” as pessoas que esse ou aquele é a melhor caminho. O próprio descaso por parte do Estado com a escola do assentamento, com relação a tecnologia e outras questões, são usadas como forma de justificar por que as crianças devem estudar na cidade, inclusive para convencer as famílias.

4.3. O papel da educação popular na organização e na vida das famílias

Podemos refletir sobre o papel da escola em nossas vidas, o acesso, a forma de acesso, as diferenças entre as escolas. Para que serve a escola na concepção das trabalhadoras e dos trabalhadores? Qual a concepção da escola para a burguesia? Qual a escola que temos e queremos? O autor nos ajuda a refletir sobre a educação popular, dizendo que;

O debate acerca da Educação Popular está amparado por embates, permeado por inúmeras vertentes, tendências e concepções que se encontram sustentadas em culturas e saberes. Assim, é impossível pensar em uma proposta de educação desvinculada de seu momento histórico. Precisamos, pois, ao falar de Educação Popular, nomear de que ponto de vista ela se constitui. E como todo ponto de vista está carregado de implicações subjetivas precisamos ainda indicar de que lugar, de que configuração espacial tal educação emerge. E logo de início uma questão primordial: o que estamos designando com o termo popular? (OLIVEIRA e SILVA, p.146, 2018).

Todas e todos nós estudando formalmente ou não, fazemos parte do contexto escolar de um local, mesmo que hoje muitas comunidades não participem de forma direta dessa instituição, dificilmente a escola fica fora de nossas vidas. Essa instituição é estabelecida como um dever e um direito de cidadão que se importa com “a modernização e a tecnização

do mundo”. Visto isso, segundo FREIRE, é compromisso da humanidade atuar e intervir na realidade.

Impedidos de atuar, de refletir, os homens encontram-se profundamente feridos em si mesmos, como seres do compromisso. Compromisso com o mundo, que deve ser humanizado para a humanização dos homens, responsabilidade com estes, com a história. Este compromisso com a humanização do homem, que implica uma responsabilidade histórica, não pode realizar-se através do palavreiro, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos. O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas ‘águas’ os homens verdadeiramente comprometidos foram ‘molhados’, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro (FREIRE, 1979, p. 18-19).

Há escolas que constroem um diálogo necessário com a comunidade, já que de um modo geral a educação não é prioridade para o Estado burguês. Muitos grupos questionam e se preocupam com a apropriação do conhecimento através da educação. É visto que, onde a família, educandos e educadores fazem parte de um mesmo quadro, forma-se uma comunidade escolar.

Também há escolas, que são a grande maioria infelizmente que requerem e necessitam da proteção pelo Estado da “própria comunidade”. Então essas escolas são obrigadas a se cercar com muros enormes, contratar seguranças, cadear portões, e ainda são dependentes de auxílio e vigília policial. Esta é a situação que se encontra a maioria das escolas no Brasil. “A distância, teórica, prática e social dessas instituições anteriormente citadas é muito grande”.

Em Nova Andradina não é diferente do modo geral das escolas, funcionam de forma padronizada na cidade e na área rural, porém o padrão é estabelecido conforme a cultura da cidade, ou seja, não há educação do campo no campo. Não há participação ativa da comunidade, apesar de na teoria do Projeto Político Pedagógico (PPP) estar mencionada essa questão.

O acesso ao PPP é quase impossível, pois a administração das Escolas discorre que o documento é circunstanciado, ou seja, de uso restrito. No contexto da ideologia dominante a teoria e a prática são quase que antagônicas, e a "propaganda é a alma da dominação".

O Projeto Político Pedagógico da extensão ou Escolinha 17 de Abril, era desenvolvido na Escola Luís Cláudio Josué pelos professores, coordenadores e Associação Pais e Mestres (APM). Alunos de 5ª série (sexto ano) a 8ª série (nono ano) da mesma escola compartilham que a forma, conteúdo e metodologia das aulas são exatamente iguais a

qualquer escola padrão. Não tendo como preocupação o aprendizado de acordo com a realidade dos pequenos camponeses.

De acordo com a observação realizada na época (2010) que existia a escola do assentamento, percebeu-se que a forma de alguns professores trabalharem com os estudantes ajudavam no desenvolvimento da coletividade (brincadeiras de roda, dividir os lápis de cor ao colorir os desenhos, jogos didáticos e outras). Porém, a comunidade tinha uma participação muito pequena na escola depois de assentados. Por conseguinte, o autor diz que essa é uma tarefa dos professores, que devem se desafiar a fazer muito mais.

Se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é a humanização, cedo ou tarde poderão perceber a contradição na qual a educação escolar procura mantê-los e se comprometerão então na luta por sua libertação. Mas o educador humanista revolucionário não pode esperar que esta possibilidade se apresente. Desde o começo, seus esforços devem corresponder com os dos alunos para comprometer-se num pensamento crítico e numa procura da mútua humanização. Seus esforços devem caminhar junto com uma profunda confiança nos homens e em seu poder criador. Para obter este resultado deve colocar-se ao nível dos alunos em suas relações com eles (FREIRE, 1980, p. 80).

É preciso salientar que os educadores que conseguiam fazer um trabalho diferente com os estudantes, notoriamente eram os que fizeram e/ou faziam parte dos debates da educação do campo, através da participação do setor de educação do MST.

Outro fato interessante para compartilhar foi a “Provinha Brasil” de 2018, nos resultados da avaliação, demonstraram que as alunas e alunos da Extensão 17 de Abril obtiveram uma melhor classificação, apontando um melhor aproveitamento escolar, sendo superior as outras escolas da região.

Porém o prefeito na época achava que as alunas e os alunos da Extensão tiveram apenas sorte e resolveu aplicar uma prova com a participação somente das escolas do município, a SEMEC foi quem elaborou a prova, distribuiu e aplicou a prova com a ajuda das/os professoras/os. No entanto novamente as alunas e os alunos destaques foram os da Extensão 17 de Abril, o prefeito optou pela não divulgação do resultado. Desta forma podemos refletir através da análise da autora;

A questão da necessidade de saberes confiáveis para intermediar o conhecimento no espaço rural está, desde há muito tempo, colocada. As reflexões sobre a arte de coordenar os saberes locais, de ser proativo com esses sujeitos, contêm, na essência, o questionamento sobre as relações evolutivas entre os detentores do conhecimento técnico e científico, os responsáveis políticos e os cidadãos. Mas, atualmente, a que servem os “experts” na produção da ação pública? Quais são as razões e os efeitos

do recurso à “expertise”, tendo em vista que o domínio aparente de saberes determina largamente tanto o exercício do poder político quanto, muitas vezes também, sua contextualização (SILVA, 2018, p.87, 88).

Segundo um dos alunos²⁵ da Escola Luiz Cláudio Josué, houve um fato muito humilhante em sua vida, que aconteceu no desfile de Sete de Setembro de 2007 em Nova Casa Verde²⁶. A prefeitura colocou no evento um carro “enfeitado” com fornos de carvão, lixo, veneno, e toco queimado para representar a Extensão 17 de Abril. *Nós da Extensão 17 de Abril estava todos organizados juntos, quando começou o desfile surgiu o caminhão na frente de nós, as pessoas que assistiam o desfile pensavam que nós era filhos de criminosos ambientais.*

Os professores da Extensão ficaram sem ação, pois não imaginavam que um representante político do povo seria capaz de um ato discriminatório desse nível, todas as crianças ficaram revoltados, pois sabiam que aquilo não representava seu assentamento. Esse fato demonstrou que a pedagogia dos dominantes é vigente e enfatiza a ira do autor:

Daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador “acizentadamente” imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-la e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele. (FREIRE, 1996, p.9).

No ano de 2008 no desfile de 07 de setembro, as instituições envolvidas no fato do ano anterior articularam para que a Extensão 17 de Abril não participasse do mesmo. Entretanto era uma questão de honra para os alunos, professores, mães e pais, etc, representar a cultura e identidade do Assentamento 17 de Abril, a cultura camponesa, a produção agrícola, o leite, a preocupação com o meio ambiente, dentre outros. As crianças levaram seus símbolos como bandeira do MST, bandeira do Brasil, bandeira do MS, bonés do MST, chapéu de palha, ferramentas de trabalho rural (artesanatos feitos de papelão), sementes, produções da terra, entre outros.

25 Que participava do grupo de cultura Utopia do Assentamento 17 de Abril (que existia desde 1999).

26 O então bairro rural de Nova Andradina

Segundo OLIVEIRA e SILVA (p.153, 2018), a posição assumida no processo evidencia como princípio a base da prática do diálogo para estimular a comunidade e os educandos a expressarem suas posições, opiniões e reflexões. Os participantes podem entender em relação à teoria da educação que nossos pensamentos e posições são constituídos de onde nossos pés foram plantados.

Para Freire (p. 15 e 16, 1979), ao colocar esse relacionamento em consideração crítica, as pessoas evidenciam sobre aspectos imprecisos de sua abordagem de mundo. Conforme mencionado anteriormente, a criação de uma nova realidade não deve exaurir o *processo* cognitivo. Uma nova situação deve ser aceita como um propósito inusitado introspectivo e crítico. Pensar que a *nova realidade é intocável* destaca uma posição inocente e *reacionária* de que a antiga é inalterável.

Outro fator citado pelos estudantes²⁷ do assentamento, é que sempre foram separados de outras crianças e adolescentes nas salas de aula, dando ênfase "as salas do Sem Terra" ou "as/os alunas/os do sítio". Em contrapartida esse grupo dos anos de 2006 a 2012 sempre foram muito unidos e aplicados, talvez pelas dificuldades que encontravam para chegar e serem aceitos na escola da cidade. Sempre esses/as educandos/as se destacaram com relação aos estudos e participação em eventos na escola.

Estes tipos de ações, “discriminação e preconceito”, faz com que os estudantes sintam dificuldade em se adaptar ao ambiente escolar, inclusive com professores que padronizam as aulas e agem como se estas atitudes fossem natural. A problematização seria necessária e didática para com escola. Para o autor do livro “Conscientização”;

O professor fala da realidade como se esta fosse sem movimento, estática, separada em compartimentos e previsível; ou então, fala de um tema estranho à experiência existencial dos estudantes: neste caso sua tarefa é “encher” os alunos do conteúdo da narração, conteúdo alheio à realidade, separado da totalidade que a gerou e poderia dar-lhe sentido (FREIRE, p. 41, 1979).

Talvez a classe trabalhadora não tenha dimensão do significado e/ou da importância em fazer parte da luta pela terra, essa ação não é apenas por um pedaço de chão. Neste sentido a luta pela educação no acamamento ou assentamento coloca a liberdade como uma prática de luta, que segundo FREIRE (2003), [...] *Faltar-lhes-ia a marca da liberdade. Por isso, toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou acomodado.* O Estado

27 Que participavam das atividades culturais promovidas pelo grupo Utopia.

sustenta a dominação incondicional suprimindo a liberdade do povo, através dos poderes legislativo, judiciário e executivo.

Pessoas que se organizam a beira das estradas em barracos de lona, enfrentando todo tipo de dificuldades financeiras, econômicas, sociais, culturais e psicológicas; são ousados em busca de uma dignidade que é negada pelo Estado burguês.

As condições objetivas de sobrevivência as obrigam, então a tomar a decisão, então vão para o acampamento no “barraco de lona” desprovido de vida digna, mas não da esperança de adquiri-la na luta. Encontraram em um acampamento ao menos outros oprimidos que buscam com ações coletivas transformar suas vidas. Para os autores;

Tomar parte em práticas de Educação Popular significa, em determinado momento, andar na direção contrária à alienação do ser e pertencer, ser contra-hegemônico. Caminhar na direção contrária indica a necessidade de parcerias e do reconhecimento que as experiências comunitárias são formativas, que a comunidade é sim um espaço rico que não deve ser sublimada em função de uma educação tradicional e truncada. Andar na direção contrária é (ainda) propor que o trabalho educativo, seja ele na escola ou na comunidade, tenha em vista formar sujeitos que possam de forma crítica transformar a sua realidade (OLIVEIRA e SILVA, p. 151, 152, 2018).

Na estrutura precária e “miserável” de um barraco de lona, as margens da rodovia, vivendo sete anos nessas condições, muitas/os acampadas/os aprenderam a ler, escrever, querer o saber e ao mesmo tempo deixaram de ser analfabetos políticos. A inserção da concepção de mundo destas/es sujeitos é/seria de competência do Estado, no entanto não é de interesse do mesmo.

É preciso salientar também uma indignação com os vários atos de discriminação que ocorrem com a escola do acampamento e assentamento. O esforço de crianças, jovens e adultos na busca pelo saber, motivam por muito tempo as famílias a continuar lutando pelo direito a construção de uma “escola do campo no campo”. Em consonância, a autora que afirma;

Enfim, acredita-se que, por meio da Educação, todos os aspectos mencionados serão possíveis; pois, a partir de uma visão freireana, ou seja, do aprendizado em conjunto e da coerência, a teoria poderá nascer da prática, principalmente pela busca do aprendizado coletivo (SILVA, p. 87, 2018).

O acampamento foi determinante na construção de sujeitas/os capazes de organizar e lutar coletivamente em busca de conquistas, através do MST. Já dizia Paulo Freire “*ninguém se educa sozinho, ninguém educa ninguém, as pessoas se educam entre si*”. É comum as

peças que fizeram parte de um acampamento ou se tornaram militantes de movimento social disserem “o acampamento é uma verdadeira escola”.

Dentre muitas contradições sociais neste ambiente da luta pela terra, nota-se que como existe uma desvalorização das pessoas que vivem no campo. Grande parte das crianças, jovens e adultos tem muita vontade de estudar para poder garantir um futuro melhor "na cidade". Para Freire, (1970) *esta busca do ser mais, porém, não pode realizar-se ao isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existentes, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos.*

No tocante, percebe-se que fomentando o êxodo rural inclusive na própria escola, o Estado burguês constrói uma estrutura miserável de educação, que futuramente seja insustentável. Abrindo precedentes para fechamentos das escolas do campo e posteriormente na cidade, em geral as escolas públicas. Essa é a lógica do sistema capitalista, além de produzir mão de obra barata, que essa pague para se “qualificar” para o mercado.

A sociedade brasileira vem passando por estágios no Setor da Educação, conforme a necessidade do capital. O “saber formal” sempre foi para poucos, para a maioria de trabalhadores/as bastava somente a “força bruta”, este era o contexto do trabalho escravo. Que atualmente foi "modernizado/mascarado", "os escravos" hoje necessitam investir em sua qualificação para o mercado. A educação tecnicista tem um papel exclusivo e fundamental para indústria cultural²⁸. Por isso segundo os autores;

Falar em Educação Popular, portanto, é se debruçar sobre os conflitos que movimentam a prática pedagógica, é voltar a atenção para os sonhos, para os planos e para as dificuldades dos sujeitos envolvidos nesta prática. Pensar a Educação Popular é, sobretudo, tomar como ponto a realidade social a fim de construir, conjuntamente, uma concepção de sociedade amparada pela justiça social (OLIVEIRA e SILVA, p.153 2018).

28 O conceito desenvolvido por **Adorno e Horkheimer** se refere à ideia de produção em massa, comum nas fábricas e indústrias, que passou a ser adaptada à produção artística. É uma nova concepção de se fazer arte e cultura, utilizando-se técnicas do sistema capitalista. Dessa maneira, músicas, filmes, espetáculos e outras obras, são desenvolvidos sob a lógica de produção em massa. Há um pensamento dominante que passa a influenciar o modo como os artistas produzem e como os telespectadores consomem a cultura. Nesse conceito, um quadro ou uma música são reproduzidos de forma padronizada, mesmo que possuam cores e estilos diferentes. Segundo os autores, o **objetivo da indústria cultural** é o lucro e manutenção do pensamento dominante. Assim, a cultura passa a ser uma massa de manobra da população, que precisa ser mantida presa na ideologia dominante. (<https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-industria-cultural>)

Na atualidade a qualidade já não importa muito, o que interessa é agilidade e a capacidade de produção em menos tempo, menos mão de obra possível e produtos com pouco tempo de durabilidade. Se antes os seres humanos fabricavam as máquinas para qualificar e agilizar a produção, hoje as máquinas é que agilizam e qualificam o ser humano para a produção, justificado pela “necessidade do mercado”. Para Chaplin, um dos críticos da indústria cultural, os seres humanos pensam muito e sentem pouco.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma do ser humano e levantou no mundo as muralhas do ódio...e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina que produz em abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas duas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido. (Charles Chaplin no discurso do filme “O Ditador”).

A educação brasileira está condicionada ao projeto de desenvolvimento do capitalismo, ou seja, “produzir” sujeitos desde sua infância para o mercado de trabalho, tanto na cidade como na área rural. A classe trabalhadora muitas vezes não percebe que o oferecido nas escolas (públicas ou particulares) é a oportunidade de servir ao capital, como produtores e consumidores.

Segundo a educadora Denilsa, outra visão que muitas pessoas que moram na cidade têm do campo é que “o estudo do sítio é mais fraco que o da cidade”, e às vezes até as/os próprias/os camponesas/es dizem isso. No entanto, o que realmente é fraco, é o interesse do Estado em oferecer educação de qualidade para a sociedade no geral. *Oferecer infraestrutura é muito diferente de oferecer educação pra um povo. Nós não tínhamos estrutura física na escola como a da cidade, mas sempre nos esforçamos para estudar e refletir sobre a pedagogia do oprimido para nossos educandos.*

No entanto, no ano de 2010 mais uma vez as estatísticas municipais provam o contrário, segundo a coordenadora, a da época as/os alunas/os tornaram a serem destaques entre 53% e 62% de aprendizagem em relação às outras escolas. Os alunos da Escola Luis Cláudio Josué que foram destaque, cerca de 80% foram alunas/os da Extensão 17 de Abril. Os estudantes seguem se destacando em meio à negação do Estado.

Prêmio é entregue aos alunos destaque 2010, o prefeito Gilberto Garcia recebeu, no gabinete, pais, professores e alunas/os coroando um ano de muito sucesso na

Educação Municipal. As escolas compareceram com seus destaques, sendo que: Escola Ministro Marcos Freire, trouxe 09 alunos do 1º ao 9º anos; A Escola Pingo de Gente teve 14 destaques; A Escola Arco Íris levou 10; A **Escola Luis Cláudio Josué, juntamente com a extensão 17 de Abril trouxe 44 alunos**; A Escola Efantina de Quadros trouxe 33 destaques; A Escola João de Lima Paes trouxe 34; A Escola Machado de Assis compareceu com 9 alunos; A Escola Brincando de Aprender com 12 e a Mundo da Criança com 10. Dados <http://www.novaandradina.ms.gov.br/>)

É impressionante como o preconceito e o pensamento burguês que domina a sociedade “condenam ainda mais as/os já condenadas/os a uma vida miserável e excluída”. No primeiro semestre do ano de 2019 o prefeito Gilberto Garcia comunicou as assentadas/os do Assentamento 17 de Abril, a retirada da Extensão 17 de Abril, alegando que a infraestrutura da escola não está de acordo com as normas estabelecidas pela Secretaria de Educação e acredita que as crianças vão ter melhor desempenho estudando na cidade.

É nesse contexto que se quer intervir, trazendo à discussão a importância de avançar no entendimento de uma formação socioespacial campesina e de interpretar os resultados alcançados pela associação entre a luta desses sujeitos para garantir a permanência na terra e o seu território e a educação popular do campo. Para isso, no entanto, fazem-se necessárias a preservação e a recuperação de elementos de territorialidades, como os que este texto se propõe a identificar e analisar. Essa questão, contudo, remete aos conflitos territoriais (SILVA, p. 86, 2018).

As famílias que já estão calejadas de lutar pelos seus direitos, devido à negligência do Estado, sabem que é de total responsabilidade da prefeitura e outros órgãos públicos garantirem uma escola digna para as pessoas do assentamento. Diante disso as/os camponesas/es analisam e afirmam que permeiam em um contexto menos favorecido em relação à tecnologia, trabalho, cultura, lazer, estudo formal.

Toda via, a Escola do assentamento sempre provou que era eficaz e cumpria com sua função social. Mesmo com a falta de compromisso e responsabilidade do Estado por parte da prefeitura, em relação às melhorias das estruturas, a simples e “pequena” Extensão 17 de Abril, se torna “maior” no cumprimento da dita função que “seria direito nosso e dever do Estado”.

FREIRE (p. 78, 1987) afirma que as conversas em curso, refletem um intenso compromisso de agir e modificar o mundo. Sendo a pronúncia de uma palavra (de outras maneiras). A existência humana também ocorre em silêncio. "Do ponto de vista humano, trata-se de pronunciar e transformar o mundo. Finalmente, o mundo da pronúncia torna-se um problema com os sujeitos vocais e exige deles novas pronúncias."

A demanda dessas famílias era a construção de uma escola “do campo no campo” no Assentamento 17 de Abril, que com mais de 1000 famílias (MST e FETAGRI) necessitava de uma educação de acordo com a realidade local, visando que as pessoas pudessem transformar o assentamento através da emancipação educacional das/dos assentadas/os. De acordo com a autora;

Faz-se necessário, portanto, a implementação de ações concretas, de propostas e diretrizes, partindo das demandas dos povos do campo (participação popular), em forma de políticas públicas que visem à territorialização e, conseqüentemente, a manifestação de territorialidades (SILVA, p. 81, 2018).

No entanto, assim como a nível nacional, a maioria dos assentados aderem a “manifestações” por internet, como é visto por várias vezes, enviarem reclamações em áudio para políticos responsáveis pela administração do município. Conforme no diz Freire (p. 44, 1979), *se, pelo contrário, se enfatiza ou exclusiviza a ação, com o sacrifício da reflexão, a palavra se converte em ativismo. Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo.*

Com isso é possível perceber que o papel que seria do Estado em relação à educação, foi e está sendo feita as margens de rodovias em acampamentos e em assentamentos com estruturas precárias. *Não e no silêncio 4 que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação- reflexão (FREIRE, p.44, 1979).* Assim, através dos movimentos sociais a educação popular com propostas de emancipação humana se torna um contraponto a ideologia capitalista. Visto isso, os autores elucidam;

Contudo, diante da caracterização dos lugares da educação popular e um diálogo das reflexões que permearam os debates e oficinas é crucial ressaltar a importância das ações coletivas, da identificação com os lugares onde os sujeitos se constituem. As reflexões também evidenciaram os limites e possibilidades da relação Comunidade e Universidade e a relevância de ressignificar olhares, desfazer hierarquias e classificações nocivas para que se construam uma educação do povo, com o povo (OLIVEIRA e SILVA, p.152, 2018).

Segundo DUTRA e PERNAMBUCO (p. 123, 2018) do ponto de vista da educação popular e os movimentos sociais que acreditam nesse tipo de educação, a luta é por realmente democratizar o país. Por isso buscam atualmente atingir não só campos não institucionais, mas exigindo dos órgãos públicos apoio financeiro para essa prática metodológica de educação popular, obter resultados *nas políticas públicas do campo e da cidade. E que, dessa forma, quebre a dicotomia entre educação formal e não formal, educação do movimento e educação do estado, educação política e educação escolar.*

Para Freire (p.15, 1970) esta consciência ainda não é consciência, porque inclui o desenvolvimento consciência crítica. Portanto, consciência significa que estamos além da compreensão espontânea da realidade, a fim de alcançar as áreas-chave, onde a realidade ocorre como um objeto conhecível, assim as pessoas assumem uma posição epistemológica.

Os assentados sempre tiveram que provar que são capazes de "ocupar, resistir, produzir e aplicar o projeto de educação no assentamento, mesmo sem estruturas adequadas. Contudo, com o passar do tempo, o individualismo guia "o cada um por si" em sua propriedade, sendo assim, as famílias assentadas já não têm mais a mesma força, pois a força do povo é coletiva.

Diante disso, ainda possível notar que há pessoas da comunidade que lutam e acreditam na educação popular, sendo assim "a cerca que envolve nossa existência sempre deve ser quebrada, mas o rompimento só se dará através de nossas mãos. Então que nossas mãos estejam sempre à vista, construindo reconstruindo e concretizando nossos objetivos, com a convicção de estarmos sendo principalmente humanos em nossas ações."

6. RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA

Iniciamos a análise dos dados sobre as concepções de saúde presente nas famílias entrevistadas. E foi possível identificarmos que as famílias apresentam uma compreensão crítica sobre saúde, ou seja, não compreendem que saúde é ausência de doença. As famílias compreendem que saúde é uma construção social, política, cultural e ambiental.

Percebe-se que o nível de compreensão das 10 famílias entrevistadas sobre os temas abordados na dissertação, além de elevado, é crítico, com um ponto de vista socioecológico. Relacionando o nível de compreensão ao histórico dos indivíduos na luta pela Reforma Agrária através do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), entende-se que estes tiveram uma participação assídua tanto do processo organizativo, como do formativo na luta pela terra, que perdurou por cerca de 7 anos em condição de acampados.

Também em relato as famílias afirmam que o processo organizativo²⁹ e formativo, ainda permaneceu de forma concisa por cerca de 09 anos depois de assentados (2006-2015). Durante esse tempo esses/as foram sujeitos/as da própria organização social, tanto para estudar, como para debater e apresentar propostas de resolução de problemas coletivos.

Em relação a compreensão de vida saudável, os/as assentados/as sempre citam a questão da importância da alimentação produzidas livre de agrotóxicos. Também ressaltam que o consumo de industrializados deve ser o mínimo possível, sendo que alguns nem deveriam estar presente na mesa de alimentos. Segundo a Família 4, a vida no campo proporciona mais alternativas de vida saudável;

Nasci no campo né, a família desde sempre é do campo, e eu creio que a saúde da maior parte da população é no campo, porque vem desde a alimentação dos derivados que hoje a maioria enlatado em caixinha né, e a gente como é do campo, a gente tem a verdura quando se da época boa de plantio, que produz para alimentação a gente sobrevive disso e não precisa comprar as verduras na cidade, que geralmente tem produto tóxico, tóxico (Família 4, Assentamento 17 de Abril, 2021).

Quadro 6: Concepção de saúde das famílias.

Famílias	Concepções de saúde numa perspectiva consciência crítica
----------	--

29 O MST é organizado em Brigadas (que equivale a 500 famílias), essa brigada é dividida em grupos ou comunidades de 50 famílias e dentro dessas em Núcleos de Base (NB) de 10 famílias. Cada uma dessas divisões e subdivisões possui um coordenador e uma coordenadora, ou outros membros ficam responsáveis por algum setor ou somente como membros sem “função”.

F1	Perfeita integridade física e mental pra gente poder realizar as tarefas, viver o dia a dia junto com a família. (...) sem sentir dores, mal-estar e a mente estar em perfeitas condições. Saúde é ter alegria de viver
F2	Estado perfeito, corpo perfeito, fazer um acompanhamento de alimentações porque antigamente a gente via aí as pessoas saudáveis, não tinha doenças praticamente, devido à alimentação que comia (...) quem faz a gente ter saúde é a gente mesmo.
F3	(...) ter animação de fazer o serviço.
F5	A saúde é qualidade de vida né. É uma das principais coisas que envolve a vida do ser humano, saúde faz parte do bem comum
F6	(...) é viver bem, ter conforto, levantar de cedo, fazer atividade, ter um horário certo para almoçar, jantar e dormir, passear e não ir ao médico
F7	(...) tipo assim alimentação que você pode produzir, um alimento mais saudável que você pode consumir alguma coisa mais saudável, (...) vida tranquila no sítio.
F8	é ter um conjunto de necessidades, que ela traga segurança para você. Por exemplo água saudável, água livre de contaminação (...) ter alimentação balanceada, uma diversidade de alimentos, (...)alimentos livre de agrotóxico (...) que esteja sendo produzido em solo que tenha todos os componentes de correção, no sentido que a planta vai expressar aquilo que o solo vai oferecer, então é esse conjunto de coisas que vai poder garantir que eu tenho uma imunidade alta e que o corpo possa estar cada vez mais preparado pra se livrar daquilo que veem de fora.
F9	Estar bem com a natureza, com o corpo, porque no dia dia a gente vai trabalhando né, se aparece algum sintoma né que deixa o corpo da gente assim sem corage, a gente já desconfia que pode sê problema de saúde. A saúde, a saúde é tudo para gente né, é o melhor bem que a gente pode ter, não tem dinheiro que se compra saúde.

As famílias que participaram da pesquisa apresentam uma compreensão de saúde que não está pautada da na abordagem de saúde como ausência de doença. A saúde, na compreensão das famílias do Assentamento, é algo que é construído. Ter saúde é ter direito de poder viver e experenciar as atividades humanas na ordem interpessoal e no mundo do trabalho.

É certo que algumas compreensões precisam ser debatidas, como a deia de que ter saúde é ter uma saúde mental plena. Alguns questionamentos cabem ressaltar: 1. O que é saúde mental plena? 2. Será que a ontologia humana possibilita esse estado de saúde mental plena? Nós nos constituímos e nos humanos com e na relação com o outro. Essa relação muitas vezes é conflituosa, porque exige dos sujeitos negociações que podem resultar em satisfações ou não. A frustração, o sofrimento, o medo, a angústia e a insegurança do amanhã

foram/são memórias que acompanham a história de vida dos assentados. Com relação a família F1 é possível a mente estar em perfeitas condições diante de uma sociedade violenta, misógina, racista, xenofóbica e apolitizada? Essa uma questão interessante de se discutir em termos de saúde mental o é normal e o que é patológico. Mas, ainda assim, F1 apresenta uma compreensão crítica sobre o que é saúde, porque envolve elementos como qualidade de vida e o direito de viver através do trabalho e das relações com a/as família/as.

Apenas a família F4 retratou que saúde como sendo a ausência de dores e incômodos físicos. Saliou a importância de poder acordar bem e de poder andar. Parece que esse fato está relacionado ao significado de saúde. E sendo assim, podemos inferir que parecer haver uma ausência do papel coletivo, político, ambiental e emocional sobre o processo de produção de saúde.

F10 discorre que saúde é a prioridade da pessoa, e pauta sua explicação enfatizando a importância do saber popular, pois é este que envolve um conhecimento, saberes e práticas sobre os remédios caseiros, ou seja, sobre as plantas medicinais. Ter saúde para F10 está voltada a prevenção. Em seu relato alega que a saúde é a prioridade das pessoas, e discorre sobre a importância dos remédios caseiros para realizar tais cuidados. Nesse caso, os remédios caseiros seriam substituídos pelos medicamentos da medicina convencional. Nessa abordagem parece que a família tem uma compreensão de que saúde é ausência de doença. Que ao invés de combater ou prevenir a saúde do sujeito através de medicamentos industrializados, os remédios caseiros executariam a presente tarefa. Mas o cerne do pensamento para estar voltado a manter o corpo livre de algo que irá comprometer seu funcionamento.

saúde é a prioridade das pessoas, (...) é acreditar mais nos remédios caseiros, porque hoje a medicina convencional tem muitos dos medicamentos que ao invés de fazer bem faz é mal (...) remédios caseiros é só a gente sabe usar, que as pessoas hoje não sabe muito usar, os remédios caseiros (...) previne muito mais a saúde que remédio convencional.

As demais famílias apontam a importância do meio externo ao nosso corpo para a produção de saúde. Um dos exemplos é a preocupação com uma alimentação livre de agrotóxicos como apontam F2, F7 e F8.

Quadro 7. Concepções de doença dos assentados.

Famílias	Doença é um estado vulnerabilidade de sua existência no mundo
----------	---

F1	não estar com a integridade física e mental, porque uma coisa afeta a outra. (...) preocupações, o estresse do dia a dia, por não conseguir fazer as tarefas, (...) não poder dar atenção que deveria pra família, então gera aí uma serie de situações aí que é um estado de doença, de instabilidade do corpo e também da mente. Doença é a ausência da integridade física e mental
F2	(...)debilita devido à má alimentação que a gente faz. Então doença é uma queda da gente, uma situação que a gente fica e muitas vezes a gente acaba até morrendo se a gente não trata dela.
F3	Doença num dá fazer nada. Pior, é depender dos outros, e quase todas as doenças serias tem muito gasto e precisa muito da ajuda dos outros
F4	Eu acho que quando se trata de doença, acho que quando fala assim a pessoa está doente, doente é geralmente uma camada, eu creio que quando tá doente é visível, porque quebradura, essas coisas de coisa de pressão, para mim não é relacionado como doente. Eu acho que é doente a partir do momento que a pessoa tem que ter um tratamento mais sério tipo de um câncer, qualquer outra coisa relacionada, mais séria saúde aí para mim isso é doença. Agora sim dorzinha de cabeça para mim não é doença
F5	Doença é uma das coisas que mais aterroriza a vida do ser humano né, que ninguém queira passar por esse tipo de situação, está no leito do hospital é uma das coisas muito difícil. E doença eu não considero coisas simples, uma gripe, por exemplo, doença é um câncer uma doença difícil de lidar, isso para mim é doença.
F6	O que é doença, doença é uma coisa que te deixa ruim, sem ânimo pra fazer as coisas. Não é coisa boa não. Se a gente não consegue trabalhar porque tá doente, fica ainda mais doente ainda.
F7	(...) você não tem atitude, não tem hábito de você conviver com muitas coisas difíceis. (...) se você não se mantém naquela estabilidade do seu dia a dia rotina, se você não tem por que você passar nervoso, não tem motivos para essas coisas assim, isso significa que você não vai se adoecer fácil. Porque raramente acontece de ter problemas de saúde em questão de roça, na pessoa da roça. Mas geralmente é aquela pessoa que (...) já tem aquele significado de viver algum tipo de irritamento, algum nervoso que passa alguma coisa assim. E isso a gente viveu muito e eu posso até falar com mais precisão e com muita eficácia, pelo motivo daquela época de acampamento, daquele povo mais idoso que tinha esses problemas de pressão, então isso, sempre quando você chegava para conversar com ele, você via que ele tinha passado por um momento difícil, algum tipo de estresse no dia a dia, alguma coisa de dificuldade na rotina, e eles não conseguiam administrar aquilo. Aí ocasionava essas coisas de doença. (...) porque se você tem um problema que você guarda para si, (...) consegue guardar aquilo, eles expandem dentro de você sem você perceber, então isso significa uma doença. Você não consegue controlar essa situação
F8	(...) doença é quando eu tenho aquilo que me oferece e não me traz garantia nenhuma (...) qualquer tipo de alimento que você utiliza. Alimentos que veem da indústria. (...) isso para mim é doença, e se eu não tenho irei contrair cada vez mais. O corpo está despreparado, desprotegido, e pra mim isso tudo é doença.

F9	A doença para mim é quando aparece sintoma no corpo. (...) deixa a gente desanimado, deixa a gente sem coragem de trabalhar. (...) traz a tristeza para pessoa. (...) deixa a gente preocupado. Deixa a gente angustiado. E muitas vezes quando for doença muito assim difícil né, leva até a morte. Então deixa a família desestruturada né, porque doença né só traz a tristeza mesmo.
F10	(..) a doença todos nós temos, agora cada um tem um modo de manifestar a doença (...) muitas vezes por falta de ter um atendimento pra gente se prevenir contra a doença que todos nós sofremos com os problemas de saúde. Agora, a maioria se agrava por causa da política da saúde que nós não temos. Por exemplo, sente um sintoma você vai corre atrás, por causa de pra prevenir. Aquele sintoma se torna grave por causa do recurso que nós não temos facilitado.

Com relação a doença, esta se encontra relacionada para as famílias assentadas, a instabilidade do corpo e da mente a ponto de comprometer todas as atividades humanas apontadas na quadro1. Entre os elementos que podem promover uma instabilidade física e emocional, ou seja, a doença estão: estresse do cotidiano, a alimentação contaminada por veneno.

A compreensão de doença para as famílias assentadas está relacionada a uma situação em que elas não têm o controle do tratamento e/ou cura. Doença para os assentados é algo que escapa de seu domínio de conhecimentos e práticas sociais de diagnósticos, tratamento e cura. Sem este controle sobre o que está afastando de suas atividades diárias, as famílias assentadas, sentem-se vulneráveis as políticas públicas de saúde, à sociedade e ao seu próprio corpo, que agora está estabelecendo uma outra maneira de interagir com o mundo e com seus pares.

As famílias assentadas compreendem que muitas tecnologias podem curar doenças e salvar vidas. E que nesse universo tecnológico a não neutralidade aos valores e aos interesses dos projetos de poder envolvendo o universo das corporações e das organizações de saúde, bem como sua estreita relação com fenômenos de poder (CARAPINHEIRO, 2011). Abaixo estão as concepções sobre doença para as famílias assentadas.

Quadro 8: É apresentado a percepção das/os entrevistados/as sobre o que a palavra veneno trás em suas vidas.

Famílias	Concepções sobre veneno
F1	Então o veneno de certa forma não significa progresso né, porque tem gente que pensa que progresso é dinheiro, mas não é. Progresso é viver com saúde, é respirar um ar puro, é ter tudo aquilo que o ser humano precisa, não aquilo que a indústria,

	o capital diz que a gente precisa,(...)
F2	Então a palavra veneno já ta dizendo, é pra matá, veneno pra matá, então tudo que tem que produz ele mata, então é pra detruí, e aí a gente é um depósito dele,(...)
F3	Veneno cê vê que acaba até com as Laranjeira né, acaba com tudo, num é só com nós que ele acaba, com tudo é a planta, conforme o veneno da planta morre tudo, num produz que presta mais. (...)
F4	(...) Então eu da minha parte eu acho que veneno não é uma boa coisa né, a pessoa usa porque precisa talvez né. Mas se a gente pudesse evitar o veneno, até de falar o nome de veneno, eu acho que era importante porque não é nada bom veneno não. (...)
F5	(...) E aí quando há uma infestação de carrapato a gente passa veneno como se aquilo fosse resolver só a questão da infestação do carrapato em matar só, mas a gente sabe que não é bem assim a gente tá prejudicando também o animal e também a gente no uso do veneno inclusive no momento você já tá ficando lá da dor de cabeça, já dá alergia e já espirra (Família 5, 2021).
F6	(...) Só traz prejuízo à saúde, não pode mexer com isso não. Hoje tem muitas coisas que substituem no lugar de veneno. Mas a gente sempre que o mais fácil, mais rápido e nada de ver no que vai dar depois (Família 6, 2021).
F7	(...) Eu vejo aí, até esse próprio veneno aí de mata mato. Às vezes eu prefiro trabalhar dois dias na enxada para limpar um mato ali, do que eu trabalhar 20 minutos com a bomba para passar o veneno mesmo, eu evito o máximo. Já fui muito assim, desse negócio de veneno, nunca me assustava né. Hoje em dia eu consigo pensar, raciocinar de uma forma diferente (...)
F8	(...) Quando vejo falar da palavra veneno é o que mais assusta hoje o que vem na cabeça da gente é o câncer esse é a primeira coisa que vem quando fala em veneno eu mesmo quando vou para região da fronteira no assentamento Itamarati que um dos maiores assentamentos do mundo chego lá e já sinto cheiro de veneno eu não consigo ficar naquele ambiente muito tempo as pessoas que tão lá não sente mas quando eu chego já sinto que ta tem um cheiro de veneno no ar em todos os lugares na rua dentro do assentamento e na cidade (...)
F9	(...) Então a palavra veneno pra mim é uma coisa que pode contaminar a gente, pode envenena a gente, pode até levar a morte, porque desde pequeno, antigamente as pessoas passava veneno nas lavouras, o povo não tinha muita proteção, não usava mascaras, não usava luva, então morria muita pessoas envenenada, eu presenciei a morte de muita gente. (...)
F10	(...) Veneno já é a palavra perigo, perigo toxico, veneno hoje é que nem diz o outro, combate as pragas pra combate a humanidade, pra afetar pra humanidade.

Quando questionados sobre a palavra “veneno”, todas as pessoas fazem a relação com contaminação química, algo que faz mal a saúde e pode levar a morte. No entanto, muitos citam não a morte só do ser humano, mas um total desequilíbrio do meio ambiente que

associado ao desmatamento traz consequências muitas vezes quase irreversíveis. Para a família 1, o progresso que a indústria do veneno impõe uma conta muito alta para nós e as futuras gerações;

Vem morte, destruição né, a natureza sendo devastada pelas contaminações. A própria água que a gente toma, muitas regiões contaminadas. Então o veneno de certa forma não significa progresso né, porque tem gente que pensa que progresso é dinheiro, mas não é. Progresso é viver com saúde, é respirar um ar puro, é ter tudo aquilo que o ser humano precisa, não aquilo que a indústria, o capital diz que a gente precisa, então o veneno significa morte (Família 1, Assentamento 17 de Abril, 2021).

O sistema capitalista idealiza na mente das pessoas o não questionamento do mesmo, somente que as pessoas vivam “porque há espaço para todos”. Contudo, essas famílias se uniram para questionar o quanto esse sistema é injusto, e através do MST, lutaram pelo direito a terra. Não apenas lutaram pela terra, resistem e ainda lutam por uma vida digna, inclusive para ter o direito de ter uma consciência em meio aos percalços do sistema, assim como aponta a família 7:

Às vezes eu prefiro trabalhar dois dias na enxada para limpar um mato ali, do que eu trabalhar 20 minutos com a bomba para passar o veneno mesmo, eu evito o máximo. Já fui muito assim, desse negócio de veneno, nunca me assustava né. Hoje em dia eu consigo pensar, raciocinar de uma forma diferente, di primeiro para mim eu não me incomodava se fosse assim, vamos passar veneno naquele alqueire, eu tava prontinha para ir lá, não tava nem ligando com equipamento, nem com EPI, não tava nem vendo essas coisas. E nunca tive problema né, de saúde, talvez ainda possa acontecer porque essas coisas é assim passado o tempo, no decorrer de muitos anos, depois às vezes acaba apresentando alguma coisa. Mas hoje em dia eu pensando assim, pelo que já vivi e já fiz com veneno, se fosse para viver novamente eu não sei se teria coragem, porque hoje eu já consigo enxergar na realidade, o verdadeiro problema que pode ocasionar na vida de um ser humano o veneno. Que a gente de repente acha que aqui nem existe mais, e com o passar do tempo nem sei quantos anos depois ele ainda apresenta sequelas que você nem imagina que seja do veneno (Família 7, Assentamento 17 de Abril, 2021).

Outra questão relevante é estratégia da indústria do veneno para mascarar o real sentido das palavras, como “o agronegócio é pop”, tem que ficar bem-visto na sociedade. Há várias palavras que foram ou é utilizado para definir “agrotóxico” ou “o veneno que mata”, o que for mais conveniente permanece. Nesse meio circula os termos, agroquímico,

fitossanitário, pesticida, praguicida, fungicida, herbicida, inseticida, agrotóxico e o que hoje que convém, “defensivo³⁰ agrícola³¹”.

Ainda há uma Família que diferencia o medicamento e remédio, alegando que tudo depende do tempo que se utiliza. Segundo a Família 4, o benzimento pode ser considerado um medicamento, porque pode curar, inclusive em pouco tempo, afirma também que isto está ligado a medicamentos naturais. Já o remédio é quando a pessoa tem que tomar por muito tempo, inclusive mesmo que não tenha cura.

E a última Família compreende que tanto no grupo de medicamentos e remédios como no grupo de agrotóxicos, agroquímicos e inseticidas há química. Segundo cada um desses produtos citados são diferentes e tem sua função. Mas quando o entrevistado define a química e o veneno apresenta uma certa confusão na explicação.

Então muitas das vezes tem o remédio, mas o remédio tem a química, eu acho que o poderoso disso aí tudo, o veneno disso aí tudo é a química, a química é que acaba com meio mundo. O veneno em si, o veneno muitas das vezes, ele faz mal pra uma praga e numa faz mal pro ser humano, mas a tal da química que acaba com meio mundo (Família 10, Assentamento 17 de Abril, 2021).

Quadro 9. Aqui é evidenciado a percepção e entendimento sobre a diferenciação dos termos Agrotóxico, agroquímico e inseticida.

Famílias	Concepções sobre agrotóxicos, agroquímicos e inseticidas
F1	São diferentes no sentido da utilização né, uns mais prejudicial, outros menos, mas eu creio que o agrotóxico ele tem um prejuízo direto e de certo forma quase que imediato, dependendo contato com ele
F2	Então são coisas diferentes eu acho, mas pra mim como não tenho esse conhecimento de agrotóxico e agroquímico, pra mim é a mesma coisa,
F3	Porque eu acho que tudo é, sei lá eu acho que intoxica né, eu acho que saudável ele não é, sei não porque não tem tratamento né
F4	O agroquímico que quando você vê assim de imediato, você parece que é um criado um laboratório, que tem química, talvez seja isso. E agrotóxico é veneno que seja veneno de matar mato, matar praga de roça de que deve ser isso. E os inseticidas, inseticidas que a gente usa para passar para matar inseto, carrapato que a gente usa, aqui usa o barragem, barragem é inseticida, não me recordo agora. Os inseticida a gente usa, pra passa na beira da calçada, pra espanta pernilongo.

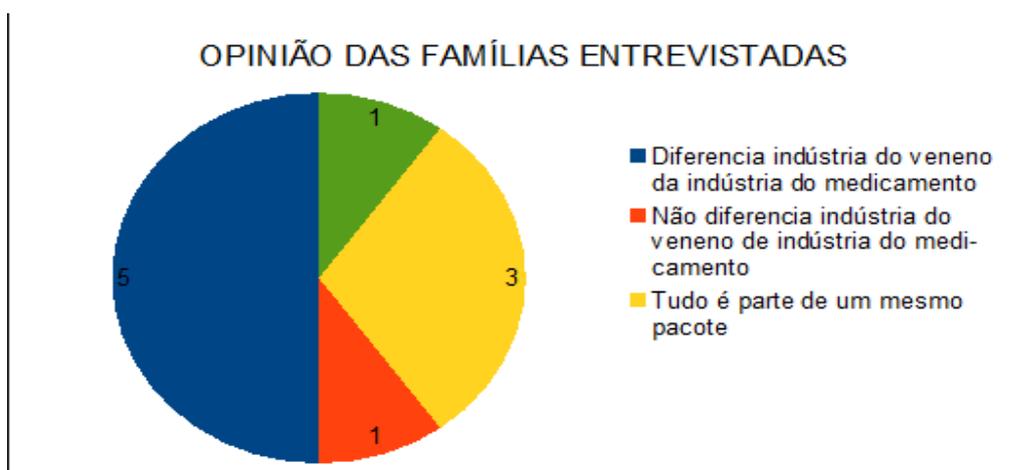
30 **Defensivo:** Adj. Feito para defesa, próprio para defesa: armas defensiva. Relativo à resistência, à ação de resistir ao ataque.

31 **Agrícola:** adj. Relativo ao campo, à agricultura: população do campo. s.m. e s.f. V AGRICULTOR

F5	Eu acho que essa questão do agrotóxico, agroquímico, inseticida, eu acho que tá tudo no mesmo pacote, tudo foi criado de uma forma tóxica né
F6	Para mim agrotóxico, agroquímico e inseticidas, para mim são três elementos que são venenos, tudo é perigo pra saúde
F7	Pelo menos dois aí eu posso até identificar o agrotóxico e o inseticida, mas são palavras tão idênticas que eu poderia até falar assim com tamanha autoridade e talvez não seja, mas são bastante iguais.
F8	Todos esse produtos que estão aí, eles são um só, eles são um todo e cada uma cumpre uma parte importante para o sistema capitalista. Vamos pega, você pega o agrotóxico que
F9	Então esse agrotóxico, veneno, essas variedades (nomes) é tudo a mesma coisa, porque tudo tem a contaminação (...) então muitas vezes vai atacando devagarzinho e penetrando, então muitas pessoas numa afeta na hora, mas futuramente os sintomas vai aparecendo (...)
F10	É tudo diferente no meu pensar, que cada um tem sua função, agrotóxico é um, agroquímico é outro, apesar que o agrotóxico vai a química vai tudo, porque a química vai em outros vários produtos no geral, até no nossos alimentos vai a química.

Conforme o gráfico, três famílias tem a visão de que todas essas nomenclaturas (agrotóxicos, agroquímicos, inseticidas, remédios e medicamentos) fazem parte de um pacote do sistema capitalista, oferecido pelo agronegócio. O pacote da dependência faz parte do ciclo do consumo da mercadoria. O ciclo do consumo na área rural é tão necessário para o sustento do capitalismo, tanto da parte da indústria do veneno como da indústria do medicamento.

Quadro 10. Opinião das famílias.



Fonte: Pesquisa de campo da mestranda

Como aponta o gráfico são cinco as famílias que têm o entendimento que as denominações agrotóxicos, agroquímicos e inseticidas fazem parte da indústria do veneno. Para elas, esses produtos são perigosos a saúde, e muitos podem levar a morte imediata ou mesmo a sequelas em períodos mais tardios. Também falam sobre a contaminação do meio ambiente e principalmente da alimentação que a população consome no dia a dia.

Perante ao exposto, vale ressaltar que quando algumas palavras como agrotóxico, agroquímico, inseticida, medicamentos e remédio são citadas pelas pessoas entrevistadas, as mesmas tiveram percepções diferentes. Apesar disso, praticamente todas as Famílias associam denominações do agrotóxico à indústria do veneno e do medicamento e remédio à indústria química.

Sobre os remédios e medicamentos essas mesmas Famílias reconhecem a utilidade da indústria farmacêutica tanto para os humanos como para os animais. Mas compreendem que esse tipo de indústria pode causar uma dependência nos usuários, e em boa parte das vezes não resolve o problema, apenas ameniza. Essas confusões conceituais podem ser percebidas nos quadros 10 e 11.

Quadro 11: É apresentados fragmentos da entrevista sobre as percepções e diferenciações entre produtos remédios e medicamentos.

Famílias	Concepções de remédios e medicamentos
F1	E os medicamentos tem esse poder de resolver certos problemas e causa-se outros.
F2	Tudo é prejudicial pra gente. E remédio e medicamento pra mim seria a mesma coisa, não sei se seria diferente, mas eu, baseado no meu conhecimento, remédio e medicamento é a mesma coisa.
F3	Porque eu acho que tudo é, sei lá eu acho que intoxica né, eu acho que saudável ele não é, sei não porque não tem tratamento né
F4	Porque para mim remédio e medicamento têm diferença, remédio para mim é quando você toma por um longo período, medicamento que você tá sentindo alguma coisa você vai lá e toma e já passa, você está se medicando né, para mim essa é a diferença.
F5	Relacionado a remédio veterinário a gente usa o mínimo possível né, não usa muita coisa não, é um remédio às vezes para controlar questão do carrapato, antibiótico bem pouco também, então não é utilizado muito não.
F6	A respeito de produtos veterinários de remédio, medicamento, o que nós mais usa remédio para carrapato, vermífugo e a vacina do gado um outro medicamento que é muito caro na questão da saúde animal como medicamento no tratamento das mastites, é muito caro.
F7	Na verdade, tudo aí são coisas perigosas, veneno químico, de repente se usa essa

	palavra aí com alguma coisa para remédio químico (medicamento ou remédio), mas é veneno, não é o agrotóxico, veneno também. Tão tentando tapar o sol com a peneira de forma se mudando as palavras, mas quer a mesma coisa
F8	(...) então o remédio tradicional que tá aí da indústria da farmácia e os herbicidas, os inseticidas, esses produtos químicos fazem parte do mesmo processo, eles andam de mãos dadas (...)
F9	(...) esses medicamentos usa tantas químicas pra prejudicar a saúde humana, porque num é uma coisa natural de jeito nenhum, pra mim tudo é a mesma coisa tudo embroca dificuldade pra vida das pessoas.
F10	Então muitas das vezes tem o remédio, mas o remédio tem a química, eu acho que o poderoso disso aí tudo, o veneno disso aí tudo é a química,

Como podemos observar todos os assentados apresentaram uma confusão conceitual entre remédio e medicamento. Ambos são tratados como sinônimos, mas na verdade há diferenças entre remédio e medicamento. De acordo com o Ministério da Saúde (2015) um medicamento é um produto que foi desenvolvido por uma indústria farmacêutica e que cumpriu todas as exigências legais definidas por órgãos regulatórios. Os efeitos dos medicamentos são conhecidos e comprovados cientificamente. O medicamento é produzido por farmácias de manipulação ou indústrias farmacêuticas. E o objetivo do medicamento serve para prevenir e tratar doenças ou aliviar sintomas.

Desta forma, podemos compreender que todo medicamento é um remédio, mas um remédio nem sempre é um medicamento.

A família F10 discorre que o remédio tem química e que o veneno também tem química. Esse tema precisa ser trabalhado na educação escolar, nas disciplinas de ciências, química, física e biologia porque as plantas medicinais têm apresentam componentes químicos. Logo, não é a presença ou a ausência de componentes químicos que definem o que é remédio, medicamentos ou veneno.

Uma planta medicinal, que às vezes ajuda a aliviar um sintoma, não é um medicamento, porque os métodos ou cuidados terapêuticos que ajudam a aliviar dores e outros desconfortos não passaram pelas etapas que um medicamento é submetido para ser liberado. Sendo assim, o uso de plantas medicinais para os cuidados terapêuticos é considerado remédio, mas não medicamento.

E essa pauta ainda se estende porque os fitoterápicos e homeopáticos também são medicamentos.

Os fitoterápicos são obtidos exclusivamente de plantas medicinais. Já os homeopáticos são derivados de plantas, animais, minerais, de substâncias biológicas

ou sintéticas e são utilizados conforme os princípios da Homeopatia (Ministério da Saúde, 2015, p7).

Para Silva (2015) os medicamentos são veiculados no nível puramente instrumental, e isso é possível observamos nas respostas das famílias assentadas. Os medicamentos estão livres de valores. Porém, os medicamentos são tecnologias carregadas de valores, seu uso permeia em muitos pontos um aspecto ambíguo, contraditório em suas finalidades. Desta forma, é importante discutirmos o papel social, político e econômico dos medicamentos que veiculam nos assentamentos. Alguns questionamentos precisam ser feitos, como aponta Silva (2015):

Todos os medicamentos disponibilizados no mercado são *verdadeiramente* eficazes e seguros? É possível uma classificação, uma hierarquização, entre os medicamentos quanto a sua segurança e eficácia? Se sim, quais seriam os mais numerosos: os mais seguros e eficazes ou os menos eficazes e perigosos? E por que temos no mercado medicamentos perigosos e sem eficácia? Por que são prescritos e consumidos? Pois bem, questões como estas podem nos auxiliarem na problematização da relação entre prescrição e consumo (SILVA, 2015)

Silva (2015) discorre que todos nós somos responsáveis pela manutenção do medicamento na sociedade e que os medicamentos geram um certo fascínio, porque apresenta dimensões que envolvem pelos impactos sociais, econômicos e políticos de sua utilização. O autor também afirma que os medicamentos minimizam diversas desigualdades. Nesse sentido há controvérsias porque a pesquisa desenvolvida por Katrein (et al, 2015) demonstrou que existe uma desigualdade socioeconômica no acesso a medicamentos a favor dos mais ricos, identificando como grupo mais vulnerável aquele dos indivíduos mais pobres e com maior número de doenças crônicas. E devido a essa desigualdade social quanto ao acesso aos medicamentos, os autores orientam a importância de orientar as políticas públicas e a tomada de decisões à promoção da equidade no acesso aos medicamentos. O medicamento não é, portanto, uma tecnologia neutra. Nunca foi e jamais será. Nem ele e nem as verdades elaboradas em sua defesa.

Quadro 12. Aqui é evidenciado os fragmentos de concepções dos/das entrevistados/as sobre remédios tradicionais e não tradicionais.

Famílias	Concepções de remédios tradicionais e não tradicionais
F1	O uso da homeopatia, a gente sempre de uns tempos pra cá tem adotado o uso da homeopatia como tratamento pra alguns problemas, e tem surtido um efeito bem importante, e aí e outro tipo de tratamento são as ervas mesmo que a gente utiliza, são as árvores que a gente utiliza da floresta pra fazer os remédios, (...)

F2	Então, eu tenho que falar, mas de meus avós, porque meu pai e minha mãe não tinha muito esse ligamento, essa cultura, então veio deles dos meus avós, mas eu não lembro as plantas que eles usavam, eu lembro que minha vó tinha muito plantinha que era medicinal, (...)
F3	É só nos dois, o remédio que ele (esposo) tá usando agora é para diabetes só ele que só ele que eu nunca mais comprei nada não. É um remédio que eu tomo só meus (naturais). Eu não faço questão de tomar remédio aqui, a dor de cabeça ela tem que sarar, num faço fica me intoxicando não de remédio de jeito nenhum.
F4	Aqui tem pessoa que usa o remédio para pressão né, que é o captopril, e toma o hidro esses remédios que tem toma que é da farmácia, e a gente toma aqui mais aqui assim remédio é assim, (...)
F5	Em relação a remédios aqui, graças a Deus a gente tem um uso bem pouco de remédio, e não tem nada de remédio assim seja controlado para poder usar não tem hipertensão, diabetes nada disso. (...) Mas eu gosto e acredito na homeopatia, inclusive estou tomando né, para ansiedade e eu estou consumindo ele super indico, é muito bom. Ele age mais lento porque é um tratamento mais natural né, e às vezes a gente não tem a paciência de esperar e vai para o químico né, (...)
F6	Medicina tradicional no meu modo de entender é essa que a gente se encontra aí, no serviço público no SUS e a não tradicional, é a gente mesmo se virar fazendo nossos remédios e tentando curar alguma doença. Tipo assim, a medicina tradicional é essa que a gente se encontra em hospital público e na farmácia aí, esses remédios químicos que eu nasci, que eu vi até hoje.
F7	Na verdade, usar, usar, usar, usar eu não uso. É porque eu não vejo essas necessidades, mas eu tenho eu tenho alecrim, arruda, eu tenho a terramicina, eu tenho a erva cidreira, o capim santo, eu tenho a goiaba que o povo tem ela como uma planta frutífera, mais ela também é medicinal né.
F8	Na verdade, os remédios não tradicionais, são bem poucos, na verdade as mesmas homeopantias pro gado nós utiliza, as vezes a gente manda manipular algum remédio na farmácia, mas é bem pouco. Para o gado praticamente a gente não usa, só as homeopantias e as vacinas. (...)
F9	Então a tradição é uma coisa que vem de família pra família, na questão dos alimentos, passa da minha mãe para meus filhos, dos meus filhos para meus netos, é uma tradição né, de geração em geração, então quantos aos alimentos tradicionais, é do dia dia né, agora já os não tradicionais são os comprados em farmácia, então com mais química, então a gente usa também muito esse remédio de farmácia, (...)
F10	A gente tem si, os remédios medicinais, usa pra toma no chimarrão, usa pra se sentir uma dor, tipo o ponta livre, hortelã, manjerona, o elevante, dipirona, banha de galinha pra passa em dores pra infecção, feridas, cebo de carneiro, babosa, óleo de copaíba, a gente usa também. (...) A medicina hoje é que nem a história do outro, acho que em primeiro lugar é a gente te saúde natural, porque a medicina num tá resolvendo os problemas de saúde do povão não.

A análise das relações estabelecidas entre as categorias no quadro 12 resultou em compreensões que a importância da luta pela terra protagonizada pelos “povos da terra” é imensurável. O papel que o MST teve na vida dessas famílias muitas vezes não é reconhecida pelas próprias. Mas em cada fragmento se percebe que a Reforma Agrária teve e tem seu papel a organização da produção de alimentos saudáveis.

Todas as famílias almejam a produção de alimentos saudáveis em seus sítios, sabem e afirmam que os a produção deve ser sem agrotóxicos para garantir a saúde. A terra do assentamento 17 de Abril não é considerada própria para lavoura de plantas mais exigentes, por isso os assentados plantam e colhem durante o ano as hortaliças, e algumas culturas como mandioca, batatas, abóboras, amendoim, feijão, frutas de época, dentre outras.

As famílias agregam ao entendimento que o menor consumo de alimentos “da cidade”, no caso os industrializados/enlatados, garante uma vida mais saudável. E se sentem culpados por consumirem alimentos que que não precisam para viver, porém conseguem perceber empiricamente que são conduzidos ao consumo pela propaganda dos produtos como se fosse uma necessidade. No quadro 12 é possível analisar a abordagem das famílias sobre alimentos;

Quadro 13: Nesse é apresentado as percepções dos/as entrevistados/as sobre a produção de vida e alimentos saudáveis no campo.

Famílias	Concepções de vida e alimentos saudáveis no campo
F1	(...) Enfim a gente trabalha mais ou menos assim. Mais é bem difícil a gente tá livre de contaminação e de fica doente por causa desses produtos (agrotóxicos) na alimentação (...).
F2	(...) mas eu costumava planta e vou dar sequência, esse ano novamente, não é, eu procuro plantar amendoim, feijão, planta milho, na minha hortinha planto pimentão, cenoura, então eu procuro sempre ta plantando pra não precisa compra, e quando eu planto visando em não usa veneno (...).
F3	É abroba, quiabo, couve, jiló, arface, agora também num é tempo, né que tava essa quentura, mas se plantar e cuidar com a sombra do sombrite sai né, mas é o que mais nós pranta aí batata, mandioca, fruta, manga mesmo é o que nois tem, a goiaba tem mais algumas dá bicho, mas memo consegue coiê algumas boas.
F4	Aí a gente cultiva ela (terra) né, deixa ela cultivando lá, depois a gente faz o canteiro para poder semeia, planta, e é muito difícil passar um agrotóxico, aí às vezes a gente passa urina de vaca né. Muitas vezes, não vou falar que nós nunca usou porque teve uma vez que tava muita praga, aí a gente põe um pouquinho malation, mas só que daí achamo que não era certo ponhar, porque ele é um

	veneno muito cheiro, forte. E achei que ia prejudicar a saúde da gente né, aí então mais a gente cuida mais assim, só com a urina da vaca mesmo e agoa bem aguadinho e só.
F5	(...) E sem conta os alimentos industrializados que agente não usa a décadas, margarina, refrigerante, salsicha alimentos que é embutidos como mortadela que a gente de forma geral excluiu da nossa mesa. Inclusive a nossa filha nós também proibiu, às vezes ela tem vontade, mas enquanto ela tiver com a gente, a gente proibiu ela de comer esses alimentos e aí ela acabou adotando também essa cultura, já não tem mais tanto desejo de tomar refrigerante essas coisas todas que a gente sabe que prejudica muito.
F6	Os alimentos que nós produz para nós se alimentar é mandioca, alface, almeirão, essas coisas de horta, e a carne é nós que produz, não compro carne bovina, suína e frango. Nós também produz aqui o leite, queijo e tempero. Na produção desses alimento da horta a gente não usa veneno, a gente usa o esterco do gado e a urina delas, que serve de repelente e adubo.
F7	Não é digamos eu, nós aqui, é todo mundo no caso então, isso significa que a nossa probabilidade de adoecer por um caso problema desse ainda (alimentos com agrotóxicos) existe e continua muito alto. Porque você continua buscando temperos na cidade você continua buscando enlatados na cidade, é uma coisa que talvez você não precise porque você passa sem aquilo lá. Mas você tem que ter em casa, então né, é uma coisa de louco.
F8	(...) lá a horta é grande, e a família é próxima, então a horta aqui não tem agrotóxico e também produto natural, é mandioca não utiliza veneno, então essas coisa mais, então essas coisas mais que não é industrializada. Agora a compra no geral é feita na cidade. O leite, o queijo, até doce é mais saudável, mas é pouca coisa, o resto vem da cidade e que vem do mercado mesmo.
F9	A gente vai fazendo uma mistura, uma coisa do sitio uma coisa da cidade, e fica um misturando 50% de cada coisa para ir evitando, mas gente sabe que coisa da cidade enlatado são produtos que tem muitas químicas, muitas vezes a gente num devia comer, mas acaba comendo.
F10	Nós aqui só num conseguimos produzi frutas porque dos pássaros, que nós num que combatê os pássaros. Mas verdura, de modo geral que tem na rua, quando chega na época nós produz, feijão to produzindo pro próprio consumo eu só num planto arroz porque a região da gente não se permite produzi, (...) Nós cria porco, galinha, tem alface, repolho, cenoura, couve, tomate, pimentão, (...) Mas u resto tudo tem aqui, a gente consome banha de porco, compra óleo mesmo só pra temperar salada

As famílias agregam ao entendimento que o menor consumo de alimentos “da cidade”, no caso os industrializados/enlatados, garante uma vida mais saudável. E se sentem culpados por consumirem alimentos que que não precisam para viver, porém conseguem perceber empiricamente que são conduzidos ao consumo pela propaganda dos produtos como se fosse uma necessidade.

A família 1 (2021), afirma que os antepassados viviam melhor, por produzirem a maioria dos alimentos consumidos. Na época tanto não havia muitos produtos industrializados um como a população do campo não tinham acesso as técnicas e tecnologias. Atualmente essa população do campo almeja o acesso aos seus direitos inclusive a tecnologia, mas também tem como projeto uma vida melhor, com acesso aos alimentos saudáveis.

Quanto aos hábitos alimentares, mesmo que afirmem o consumo de alimentos industrializados, os/as entrevistados/as tem consciência crítica sobre os alimentos e como são produzidos na indústria. Também demonstram que mesmo consumindo essa alimentação, poderiam evitar muitos produtos.

O assentamento tem acesso as tecnologias de eletroeletrônicos ligados a comunicação, como internet, telefone celular, televisão, dentre outros, como alimentos enlatados. Fator esse que as famílias afirmam como ponto positivo a questão da distância³² que evita muitos consumos desnecessários, principalmente com relação a alimentação. Sobre os produtos enlatados a família 4 afirma;

O pessoal do sítio não, passa sem (enlatados), então a saúde em questão, isso é melhor devido que se sabe que tá comendo, que tá produzindo. Então você sabe ali o que vai para a sua alimentação ali, então você tem o controle que você tá produzindo, você sabe que você come, é uma alimentação mais saudável de agrotóxico (Família 4, Assentamento 17 de Abril, 2021).

Com relação a consciência coletiva, é notável quando as famílias entrevistadas falam sobre a produção de alimentos no assentamento. *Eu não só produzo alimento pra mim, mas também produzo alimento para as pessoas que estão lá (cidade), e esse alimento que vai para lá, aqueles que não passa pela indústria obviamente que tem uma melhor qualidade (Família 8, 2021).*

Diante desse cenário, quando o assentado da família 9, fala sobre a necessidade de mais informação sobre o tema da alimentação, a fala está relacionada a informações de confiança. Tem acesso a rádio, televisão e tem internet, mas como outras famílias sente falta de informação mais concisa ou de algo que lhes indiquem onde podem buscar informações seguras sobre determinados assuntos, assim como sobre a alimentação.

No entanto, também é preciso compreender que a não unidade das famílias, ou seja, a falta de inserção em uma organização social de luta prática, coloca os assentados em maior

32 Assentamento 17 de Abril à Distrito de Nova Casa Verde: entre 8km – 30km, sítios perto e longe, respectivamente.

Assentamento 17 de Abril à Nova Andradina: 50 km à 80km, sítios perto e longe, respectivamente.

penúria com relação a infraestrutura no assentamento. Também boa parte que vivem nessa condição, estão situação de desinformação ou subsidiados/controlados pela mídia burguesa. Para o sistema vigente é imprescindível a cultura de massa vigorar, onde o agro é pop.

Um dos grupos de teatro do MST, faz um alerta em uma das peças construídas coletivamente com base na realidade do campo; *Vamos informar a população, Para que não se deixe enganar, Por essa grande ilusão. De que a pobreza do pobre, Tenha algo a ver, com a riqueza do patrão (Centro de Formação e Pesquisa Contestado*³³, 2006).

Segundo a Família 1, antigamente, cerca de 15 anos atrás era mais fácil, usar esse tipo instrumento de luta como o teatro pra informar³⁴ a população, principalmente nas escolas, igrejas, acampamentos e assentamentos. Esse sempre foi o alvo do grupo de Cultura Utopia. O membro do grupo conta que fizeram uma peça de teatro por nome de ALCAPETA³⁵, mas que atualmente já não tem a mesma organização capaz de se mobilizarem a nível de estado para orientarem sobre o tema “Orgânicos³⁶, que é uma das peças atuais do grupo.

No campo da indústria cultural, o contrapondo do MST, sempre foi designado ao Setor de Cultura discutir estratégias de como combater esse tipo de ideologia. Então cabe a observação de que essas famílias entrevistadas, todas fazem parte do assentamento desde o início, ou seja, desde o acampamento. Passaram por todo tipo de formação política, inclusive as culturais, que utiliza artifícios como teatro, poesias, músicas, artes plásticas para informar ou formar consciência.

Então acho que hoje para não ficar doente né, a gente tinha que ter mais instrução mesmo né, mas na verdade muitas vezes a gente não se cuida como precisava se cuidar, assim comer um alimento melhor. Mas a gente tem hora que procura ir nos mercados, acha tudo coisas fácil, então hoje as coisas tá muito contaminado, tudo na base do agrotóxico, as coisas que a gente come consome né, tá tudo ligado a isso é mesmo (veneno) né (Família 9, Assentamento 17 de Abril, 2021).

As famílias como citado anteriormente, participaram muito de formação de temas sócias, filosóficos e econômicos. Neste sentido, quando expõe sua opinião conseguem avaliar

33 Essa instituição representou organização social informal de grupos de teatro que é um coletivo nacional de cultura do MST, a Brigada Nacional Patativa do Assaré, para publicação do livro.

34 Promover agitação e propaganda.

35 Essa peça foi construída coletivamente pelo grupo afim de denunciar as enganações do projeto neoliberal que se apresentava no ano de 2002 como ALCA (Área de Livre Comércio das Américas).

36 Essa é uma peça que foi adaptada da antiga peça ALCAPETA, a atual enfoca temas como alimentação saudável, agroecologia, agronegócio, dentre outros.

o contexto como um todo e não apenas a parte que vivem. A família 1 reconhece que o sistema é quem dita a funcionalização da sociedade;

A gente faz o mínimo de cuidados, mas tendo em vista toda a industrialização, toda evolução da indústria química na agricultura, se torna quase impossível a gente não ter contato com todas essas coisas que prejudicam, questão dos agrotóxicos principalmente. A gente se cuida no máximo, a gente tenta não consumir muitos produtos industrializados né, a gente tenta evitar a gente tenta também usar o mínimo de químico na produção própria, quando a gente produz os alimentos lá no sítio, e é dessa forma, evita mais o industrializado e se protege produzindo partindo pro orgânico (Família 1, Assentamento 17 de Abril, 2021).

Um outro resultado que que foi possível constatar sobre o mundo do trabalho, é uma certa liberdade em poder em controlar o dia de trabalhado, esse tipo de ação segundo a família 4, (2021) oferece mais tranquilidade e menos preocupação em relação a sustentação de si e de sua família. O que quem mora na cidade não tem, pois muitas vezes tem que trabalhar doente pra não perder o emprego. o dia que dá para você trabalhar você trabalha, o dia que não dá você não vai. *“Bem, agora na cidade você tem que trabalhar todos os dias, ô doente eu não tando doente, aí você tem que trabalhar né para poder se alimentar”*.

Conforme já ressaltado, o nível de conhecimento de alguns agricultores nos faz perceber e almejar mudanças no campo da alimentação. Ante a isso, o MST, continua tanto fomentando a formação para acampados e assentados na linha de produção de alimentos saudáveis, como no sentido informativo fazendo campanhas e lutas contra o uso abusivo de agrotóxicos na agricultura. É evidente que quem participa de forma organizativa e das instancias do MST atualmente consegue evoluir ainda mais na consciência e ter acesso de informações que não seja apenas da imprensa burguesa. Como podemos ver na compreensão da Família 8, (2021);

Eu acho que o alimento em qui meus avós comiam eles eram melhor do que os alimentos de agora porque agora é você tem a gente tem uma pratica de produzir mais na maioria das vezes você vai buscar sementes no mercado então ela já vem contaminadas e você não tem uma grande não tinha naquela época grandes mudanças genéticas naquela época era tudo muito natural então hoje se você pegar o caso do leite mesmo que é o nosso caso aqui você vai comprar uma vaca essa vaca já veem de inseminação então ela já foi mudada sua genética já foi alterada tanto é que hoje a maioria das pessoas tem alergia ao leites isso não acontecia antes. Porque as pessoas inclusive da mais alergia e o leite do gado holandês exatamente o gado que foi teve uma mudança maior na genética se você pegar o búfalo as pessoas não tem alergia a esse leite e o de cabra vocês não tem as pessoas não tem alergia ao leite de cabra porque ela não teve mudança genética no grau que teve o gado gerse o gado holandês enfim então eu acho qui a os nossos avos tinha sim uma alimentação muito melhor (Família 8, Assentamento 17 de Abril, 2021).

Não há dúvidas que essa luta que ocorre no campo da agricultura, entre o Agronegócio com todos seus aparatos e o Pequeno Camponês com toda a falta de subsídios é muito desigual. Visto isso, é necessário reconhecer a resistência dessas famílias que permanecem no campo em suas lutas diárias, mesmo não fazendo parte da organização assiduamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a luta pela Reforma Agrária é uma luta de resistência. Resistência porque não existe produção de saúde sem a terra. O direito a terra é direito a vida. Através dos dados da pesquisa é possível inferir que existe a compreensão que a produção de saúde não é ausência de doença, mas uma construção coletiva que perpassa aspectos políticos, sociais e culturais.

Outro aspecto importante do resultado da pesquisa é a consciência crítica que a produção de saúde, num olhar mais voltado a realidade do assentado, está relacionada ao meio ambiente e uma alimentação saudável. Ou seja, é impossível termos um corpo saudável se os alimentos e a água estão contaminados por agrotóxicos.

Quanto aos conceitos de agrotóxicos, agroquímicos, inseticidas, remédios, medicamentos são conceitos que precisam ser melhor discutidos em espaços formais e não formais, tem em vista, que existe uma confusão conceitual. Essa confusão conceitual pode refletir de maneira negativa nas decisões voltadas a saúde pública. Desta forma, inferimos que atualmente a compreensão desses conceitos permeiam uma consciência ingênua. A consciência ingênua está bem configurada no tema sobre a diferença entre remédio e medicamento.

Muito elementos somam para a permanência de uma construção ingênua sobre o tema, e as armadilhas linguísticas propagadas em veículos de comunicação e falsas propagandas sobre o tema dentro de um perfil de ciência e tecnologia salvacionista. Um exemplo, são as inúmeras tentativas do agronegócio em querer substituir o termo agrotóxico, que já se tornou um conceito bastante negativo, pelo termo defensivos agrícolas.

Desta forma, essa pesquisa mapeou um tema importante para ser abordado, trabalhado, na educação do campo para desvelar as armadilhas linguísticas, históricas e políticas envolvendo esses conceitos. Esse aspecto é importante de trabalhar na educação do campo tendo em vista que existe um assédio significativo do projeto educacional Agrinho para as escolas do campo.

É preciso lembrar que a nossa vida, até que nos provem ao contrário, é uma “vida única” nesse planeta. O nosso tempo é pouco, se demormos a tomar essa luta como prioridade, como parte de nós, estaremos simplesmente derrotadas pela empáfia e o poder. A

luta pelo nosso “Bem-estar”, pela produção de alimentos saudáveis, contra os agrotóxicos e a luta pela vida do planeta e uma chance para continuar a existindo.

A atual realidade não está para passividade, não se tem tempo pra pensar e ficar parado, “*tudo isso acontecendo e eu aqui na praça dando milho aos pombos*”. O uso social da ciência, toda via, na área da saúde é mais que necessário e urgente, mas quem está apto a praticar esse tipo de ação? A sociedade brasileira tem condições de escolher com consciência esse outro modelo de prática relacionada a saúde, o atual paradigma é somente esse de alimentos com agrotóxicos ou agroecológicos?

O MST, assim como outros povos que lutam pela terra, são produtores de alimentos e também de saúde para todos e todas. Essa produção ocorre através da luta pela terra. Todavia, esses Movimentos são construtores e edificadores de sonhos e realidades práticas, pois visam além de assegurar os direitos humanos através do acesso a terra, também miram o cuidado com o Meio Ambiente através do embate contra o agronegócio e a política neoliberal que legitima o uso abusivo dos agrotóxicos.

As lutas do MST são contra o modelo neoliberal imposto pelo sistema capitalista. Com relação aos agrotóxicos, é óbvio que estão atrelados a violência no campo, via as atividades do agronegócio. A monocultura, o desmatamento e o envenenamento do meio ambiente são ações contra a humanidade, posturas estas que presam apenas o lucro.

O agronegócio é considerado atualmente um produtor de doenças em seus vários aspectos: políticos, econômico e sociocultural. Ações essas comprovadas pela percepção empírica dos entrevistados/as que valorizam a terra não apenas como um bem de produção existencial, mas com a oportunidade de semear uma existência saudável, através da agroecologia que vem com um papel contra hegemônico ao modelo atual.

Sendo assim, a Educação Popular e Educação do Campo tem a função de contribuir para que possamos buscar, criar e disseminar essa busca por novos conceitos práticos de existência humana via luta pela terra. A agroecologia atualmente não é apenas um modelo contra hegemônico, mas fundamentalmente necessário para preservação, recuperação e continuidade da vida na terra.

Por fim, o resultado da pesquisa veio categorizar o sentido econômico, político e sociocultural de luta permanente pela terra, no Assentamento 17 de Abril. Essa ideia é construída no cotidiano das famílias entrevistadas, que afirmam veemente que a “vida

saudável” está relacionada a posse da terra. Está na terra *a esperança de um dia melhor, da paz, da tranquilidade, da força do trabalho e da alimentação saudável.*

Finalizamos essa dissertação renovando o nosso esperançar, nossa consciência crítica e o compromisso de lutarmos por um outro modelo de sociedade, onde a luta pela terra é o princípio para a produção de saúde.

(...) projeto da Reforma Agrária, de uma prática da Reforma agrária, a gente tem por exemplo a questão do alimento, quer dizer, a gente tem o problema alimentar que vai ser tocado diretamente pela Reforma Agrária, a gente tem a questão da saúde que não pode ser separado de um processo de transformação da realidade concreta e, de transformações de relações sociais que passam a dar-se dentro do projeto da Reforma Agrária em ação. A gente não pode se distanciar, ou esquecer a questão da saúde. A saúde é um dos problemas que um projeto de Reforma Agrária tem necessariamente que enfrentar, quer dizer, a melhoria da saúde, dos níveis da saúde (FREIRE, 2014, p.246).

Paulo Freire, presente!

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), presente!

Aos camaradas e as camaradas que tombaram na luta pela terra, presente!

BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO DE CASTRO, Jorge. Bem-estar social dos brasileiros e a pandemia do coronavírus: ruim e vai ficar pior. In: CASTRO, Daniel; DAL SENNO, Danilo; POCHMANN, Marcio. (Org). *CAPITALISMO E A COVID-19 um debate urgente*. São Paulo: 2020, p. 47-56.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWADSZNJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001. Acesso em: 2 abr. 2013.

BARATA, Rita Barradas. **Epidemiologia Social**. Revista Brasileira de Epidemiologia, São Paulo, vol. 8, n.1, 2005 p. 07-17.

BARATA, Rita Barradas. **Como e Por Que as Desigualdades Sociais Fazem Mal à Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. 120 p. (Coleção Temas em Saúde)

BARBOSA FILHO, André. Comunicação e covid-19. In: CASTRO, Daniel; DAL SENNO, Danilo; POCHMANN, Marcio. (Org). *CAPITALISMO E A COVID-19 um debate urgente*. São Paulo: 2020, p. 56-65.

BOORSE C. On the distinction between disease and illness. *Philosophy and Public Affairs* 1975, 5:49-68.

CAIRO, Nilo. **Guia de medicina homeopática**. 22. ed. São Paulo: Livraria Teixeira.1986.

CANELAS RUBIM, Antônio Albino. Entre a pandemia e o pandemônio In: CASTRO, Daniel; DAL SENNO, Danilo; POCHMANN, Marcio. (Org). *CAPITALISMO E A COVID-19 um debate urgente*. São Paulo: 2020, p 85-90.

CARAPINHEIRO, Graças. **Saúde e doença: um programa crítico de sociologia da saúde**. Sociologia Online, n3, 2011. acesso em 07/01/22

DUTRA, Acácia Barros Fernandes; PERNAMBUCO, Maria Castanho Almeida. **Movimentos sociais, educação do campo e o PRONERA: espaço de materialidade da educação popular** *Cadernos CIMEAC* – v.8, n. 1, 2018, ISSN 2178-9770 UFTM/Uberaba-MG, p. 116-140, Brasil.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo, Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987a.

GAIA, Marília Carla de Mello. **Saúde como Prática da Liberdade: as Práticas de Famílias em um Acampamento do MST e o Desenvolvimento de Estratégias de Educação Popular em Saúde**. Belo Horizonte, Fundação Oswaldo Cruz. Centro de Pesquisas René Rachou – Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde. 2005.

<https://www.iagro.ms.gov.br/agrotoxicos-2/LACED/Museu Nacional>, 2006, 232p. Acesso 13 maio de 2020.

Gil, Antônio Carlos, 1946 - **Como elaborar projetos de pesquisa** - Antônio Carlos Gil. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991, 101 p.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.** LACED/Museu Nacional, 2006.

LÜDKE, Menda; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, Mabel Therezinha. (org.), 1996. VI Seminário do Projeto de Racionalidades Médicas. Série de Estudos em Saúde Coletiva 140. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

LUZ, Madel Therezinha. Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: Novos Paradigmas em Saúde no Fim do Século XX. Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15 (Suplemento), 2005, 145-176 p.

SEITHI KATO, Danilo; SANDRON, Daniela Corsino; HOFFMANN, Marilisa Bialvo; Diálogos Interculturais entre Conhecimentos Tradicionais e Conhecimentos Científicos em uma Comunidade Geraizeira: um Olhar Freiriano na Licenciatura em Educação do Campo. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2021u11291155>. Acesso 20 de julho de 2020.

KATREIN, Flávia; TEJADA, Cesar Augusto Oviedo Tejada; RESTREPO-MENDEZ, Maria Clara; BERTOLDI, Andréa D. Desigualdade no acesso a medicamentos para doenças crônicas em mulheres brasileiras. Caderno de Saúde Pública n.31, ed. 7, julh, 2015. <https://www.scielo.br/j/csp/a/NRTXXTCBYCrtWsK6psy3T8B/?lang=pt>. Acesso em 18 de nov 2021.

MACEDO, Donaldo. Conscientização como um antídoto para a educação bancária. Testamento da presença de Paulo Freire, o educador do Brasil. Depoimentos e testemunhos. Ana Maria Araújo Freire (org). Vários Autores. São Paulo: 1ª Ed. Editora Paz & Terra, 2021, 464 p.

MCLAREN Peter; Paulo Freire, o homem atemporal: Reflexões sobre verdade e sentido. Testamento da presença de Paulo Freire, o educador do Brasil. Depoimentos e testemunhos. Ana Maria Araújo Freire (org). Vários Autores. São Paulo: 1ª Ed. Editora Paz & Terra, 2021, 464 p.

MARGOTTA, R. História Ilustrada da Medicina. Lisboa: Centralivros, 1996.

MELO, Valeria de Jesus Fragoso de ; SILVA, Alessandra Morais. Assentamento 17 de Abril: Uma história de conquista e resistência na luta pela terra. In. FAISTING, A. L.; MARSCHNER, W. *Olhares sobre os assentamentos de reforma agrária em Mato Grosso do Sul*. Ed. UFGD, 2015 p. 409-444.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **A Saúde em Estado de Choque.** Rio de Janeiro. Espaço Tempo - FASE, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Saúde concepções e políticas públicas: Saúde e doença como expressão cultural. Org. FILHO, A. and MOREIRA, MCGB., org. *Saúde, trabalho e formação profissional*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997, 138p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Saúde: concepções e políticas públicas Saúde e doença como expressão cultural. Scielo Books/AMÂNCIO FILHO, A., and MOREIRA, MCGB., orgs. *Saúde, trabalho e formação profissional* [online]. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997. 138 p. ISBN 85-85471-04-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 14 de nov 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Cartilha para Promoção do Uso Racional de medicamentos. Brasília, ed. Ministério da Saúde, 1ªed. 2015. 27p. https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_promocao_uso_racional_medicamentos.pdf. Acesso em 21-12-2021

MONTEIRO, Paulo Henrique Nico. A saúde nos livros didáticos no Brasil: concepções e tendências nos anos iniciais do Ensino Fundamental/Paulo Henrique Nico Monteiro; orientação Nelio Marco Vincenzo Bizzo. São Paulo: s.n., 2012. 210 p.; anexos

OLIVEIRA, Carlos Adriano da Silva; SILVA, Eliene Macedo. Lugares da educação popular: olhares (inter) relacionados entre comunidades e universidade. In: *Cadernos CIMEAC* – v.8, n. 1, 2018, ISSN 2178-9770 UFTM/Uberaba-MG, p. 141-155, Brasil.

PANOSSO, Carlos Eduardo. Energia vital e socioambiente: interfaces entre o pensamento ocidental e a cosmologia indígena – o caso javaé <https://grupomedicina.files.wordpress.com/2011/08/energia-vital-e-princc3adpios-da-homeopatia.pdf>. Acesso em 23 de janeiro de 2021.

SABROZA, Paulo Chagastelles. **Concepções de saúde e doença**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, 2004. Mimeografado.

SEVALHO, Gil. Uma abordagem histórica das representações sociais de saúde e doença. In: *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, vol. 9, n. 3, p. 349-363, 1999.

SEMEC, Secretaria Municipal de Educação e Cultura. <http://www.novaandradina.ms.gov.br/>

SILVA, Domingos Mendes da. A guisa das questões de territorialidades na área da educação do campo. *Cadernos CIMEAC* – v.8, n. 1, 2018, ISSN 2178-9770 UFTM/Uberaba-MG, p. 68-93, Brasil.

SILVA, Cléber Domingos Cunha. Por uma filosofia do medicamento. *Ciência e Saúde Coletiva*, n. 20 (9), 2015. <https://www.scielosp.org/article/csc/2015.v20n9/2813-2824>. Acesso em 23 de dezembro de 2021

SILVA, Luis Inácio Lula da; Carta a Paulo Freire. Testamento da presença de Paulo Freire, o educador do Brasil. Ana Maria Araújo Freire (org), et al. In: *Depoimentos e testemunhos*. São Paulo: 1ª Ed. Editora Paz & Terra, 2021, 464 p.

STEDILE, João Pedro; CAMINI Isabela; O encontro de Paulo freire com o MST. Testamento da presença de Paulo Freire, o educador do Brasil. Ana Maria Araújo Freire (org). In: *Depoimentos e testemunhos, et al*. São Paulo: 1ª Ed. Editora Paz & Terra, 2021, 464 p.

VIANNA, Lucilia Amaral Carneiro. Módulo Político Gestor: processo saúde-doença. Especialização em saúde da Família Una- USP UNIFEST. Disponível: http://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/1/modulo_politico_gestor/Unidade_6.pdf

TORRES, Claudomiro Morales. **Nova Casa Verde: a reforma agrária e a criação da vila em espaço de assentamento rural**. Dissertação (mestrado em História) Faculdade de Ciências Humanas (FCH). Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados. 2016 p. 147.

Pesquisa na internet

<https://correiodoestado.com.br/rural/uso-de-agrotoxico-cresce-36-na-ultima-decada-em-ms/333140>

<http://www.ms.gov.br/reinaldo-diz-que-22-mil-familias-serao-beneficiadas-com-titulacao-de-assentamentos-em-ms/>

<https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Leite/LeiteCerrado/manejo/diarreias.html>

https://www.greenpeace.org/static/planet4-brasil-stateless/2018/10/c9e1caf7-relatorio_anual_greenpeace_2004.pdf

https://www.crmv-pr.org.br/artigosView/13_Verminoses-dos-Bovinos.html

http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/Va4tFeGJAbUdSCV_2013-6-14-10-5-4.pdf

<https://www.saude.gov.br/vigilancia-em-saude/vigilancia-ambiental/vigipeq/contaminantes-quimicos/agrotoxicos/perguntas-frequentes>.

<https://www.progresso.com.br/cotidiano/meio-ambiente/ms-e-o-que-mais-comercializa-agrotoxico-no-pais-aponta-pesquisa/368369/>

<https://diplomatie.org.br/uma-nuvem-escura-de-agrotoxicos-em-nosso-horizonte/>

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_nacional_vigilancia_populacoes_expostas_agrotoxicos.pdf

<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/44553700/comeca-monitoramento-de-residuos-de-agrotoxicos-em-aguas-no-sul-do-mato-grosso-do-sul>

<https://www.enfoquems.com.br/segundo-estudo-agrotoxicos-sao-responsaveis-por-contaminacao-de-agua-em-ms/>

<http://www.mpf.mp.br/ms/sala-de-imprensa/noticias-ms/governo-federal-e-multado-em-r-90-milhoes-por-se-recusar-a-verificar-agrotoxicos-em-agua-consumida-por-200-mil-pessoas-em-dourados>

<https://www.novanews.com.br/noticias/cidades/agrotoxicos-associados-a-cancer-e-outras-doencas-foram-encontrados-na-agua-que-abastece-nova-andradina>

<https://jornaldanova.com.br/noticia/413694/cartao-amena-nova-andradina-agora-tem-a-maior-administradora-de-cartoes-de-beneficios-e-descontos-na-saude>

<http://agrinhoms.com.br/blog/%E2%80%9Cpr%C3%A1ticas-agropecu%C3%A1rias-que-garantem-alimentos-saud%C3%A1veis%E2%80%9D-%C3%A9-tema-do-programa-agrinho-2020-em-ms>

<https://www.brasildefatopr.com.br/2020/11/30/agrinho-leva-ideologia-do-agronegocio-a-escolas-publicas-do-parana>

http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4688/1/bps_n.7_DESENV_AGRaRIO7.pdf

<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=16002>

https://www.conjur.com.br/2006-jun-13/fazenda_teijin_justica_retirada_terra

https://revista.aps.pt/wp-content/uploads/2017/12/N3_art-6_Gra%C3%A7a-Carapinheiro_rev.pdf

<http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf>

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18307-biomas-brasileiros.html>

www.incra.gov.br